

Conexão Brasil-Portugal
o trabalho de campo como correspondente internacional da GloboNews TV, o
principal canal brasileiro de notícias

Leonardo Silva Monteiro de Paula

Dissertação de Mestrado em Jornalismo

Maio, 2017

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, realizada sob a orientação científica do professor doutor Paulo Nuno Vicente.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, à minha irmã e aos meus amigos, pelo amor, carinho e apoio.

Ao meu professor e orientador, Paulo Nuno Vicente.

Às TVs Globo e SIC pelo aprendizado de sempre.

DISSERTAÇÃO

CONEXÃO BRASIL-PORTUGAL: O TRABALHO DE CAMPO COMO CORRESPONDENTE INTERNACIONAL DA GLOBONEWS TV, O PRINCIPAL CANAL BRASILEIRO DE NOTÍCIAS

LEONARDO SILVA MONTEIRO DE PAULA

RESUMO: O mundo globalizado aproxima, cada vez mais, o público e a realidade retratada pelos órgãos de comunicação social. A reboque deste processo, a tecnologia, que sempre foi uma forte aliada dos meios de comunicação, contribui para a difusão de informações em todo o mundo. Com a evolução desses dois fatores, o espaço para notícias internacionais com agilidade, precisão, qualidade e presença tem se tornado maior ao passar dos anos. Além das agências internacionais de notícias, que enviam em tempo real informações e imagens através de satélite, a presença de um correspondente no local do acontecimento jornalístico traz, sem dúvida, credibilidade e identificação ao órgão de imprensa. Na TV, principalmente, onde se vê o jornalista em trabalho de campo, a notícia tem muito mais peso e importância para o público. Desse modo, o objetivo de minha dissertação para o mestrado em Jornalismo é apresentar um caso específico, a partir de uma experiência própria, de como é ser correspondente em Portugal para a maior emissora brasileira, a TV Globo, e de seu canal all-news, a GloboNews TV. Da realidade portuguesa ao pouco interesse da mídia internacional pelo país, passando pelo método de trabalho no qual o jornalista é responsável por toda a produção do conteúdo, realizando filmagens, entrevistas, entradas “ao vivo” e tudo que envolva o processo no local – prática já adotada por outros correspondentes e emissoras em outros países.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; jornalista correspondente; telejornalismo

ABSTRACT: The globalized world increasingly brings together the public and the reality portrayed by the media. In tandem with this process, technology, which has always been a strong ally of the media, contributes to the spread of information around the world. With the evolution of these two factors, the space for international news with agility, precision, quality and presence has become bigger over the years. In addition to the international news agencies, which send real-time information and images via satellite, the presence of a correspondent at the scene of the journalistic event undoubtedly brings credibility and identification to the press. In TV, mainly, where the journalist is seen in field work, the news has much more weight and importance for the public. Thus, the objective of my dissertation for the Master's in Journalism is to present a specific case, based on my own experience, of what it is like to be a correspondent in Portugal for the largest Brazilian broadcaster, TV Globo, and its all-news channel, GloboNews TV. From the Portuguese reality to the lack of international media interest in the country, through the work method in which the journalist is responsible for all the production of the content, making filming, interviews, "live" entries and everything that involves the process in the place - practice already adopted by other correspondents and broadcasters in other countries.

KEYWORDS: journalism; correspondent journalist; television journalism

ÍNDICE

Introdução.....	01
-----------------	----

CAPÍTULO 1 – O JORNALISTA CORRESPONDENTE

1.1. O que é um jornalista correspondente.....	07
1.2. Breve histórico da correspondência internacional.....	09
1.3. O correspondente de guerra.....	14
1.4. A mitologia e o prestígio profissional do correspondente internacional.....	15
1.5. Identidade profissional do jornalista correspondente internacional.....	17

CAPÍTULO 2 – O JORNALISTA CORRESPONDENTE NA ATUALIDADE E SUAS TRANSFORMAÇÕES

2.1. O jornalismo internacional num mundo em constante transformação.....	19
2.2. Os correspondentes internacionais na atualidade.....	20
2.3. Os correspondentes internacionais em um mundo globalizado.....	21
2.4. Os atuais tipos de correspondência internacional.....	23
2.5. Crise econômica e a redução de postos de trabalho.....	26
2.6. O custo de um correspondente.....	27
2.7. O perigo de ser correspondente.....	29
2.8. O atual papel, características e influências na atividade do correspondente.....	31
2.9. Mudanças e manutenções estruturais na correspondência internacional.....	33
2.10. A internet e o jornalismo internacional.....	36
2.11. A interpretação da notícia.....	37
2.12. Mídia e globalização da cultura.....	38
2.13. O mundo dividido por agências de notícias.....	40
2.14. A duração da atualidade e a periodicidade no contexto jornalístico.....	41
2.15. O modelo atual do trabalho do correspondente e dos meios de comunicação....	42
2.16. Os principais fatores para a mudança na atividade do correspondente.....	43
2.17. Globalização, novas fontes e evolução tecnológica.....	44
2.18. Desafios para o correspondente internacional.....	47

CAPÍTULO 3 – OS CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS BRASILEIROS

3.1. Os correspondentes brasileiros no exterior.....	50
3.2. Forma de distribuição dos correspondentes brasileiros no exterior.....	51
3.3. A TV no Brasil.....	53
3.4. A TV Globo.....	53
3.5. A GloboNews TV.....	54
3.6. Os telejornais e os fatos internacionais a partir de uma perspectiva brasileira.....	55
3.7. O papel dos correspondentes internacionais na televisão brasileira.....	56
3.8. Os correspondentes internacionais da TV Globo.....	58
3.9. Os correspondentes internacionais da GloboNews TV.....	63
3.10. A imagem do Brasil no exterior.....	64

CAPÍTULO 4 – O TRABALHO ATUAL DO JORNALISTA CORRESPONDENTE EM PORTUGAL

4.1. Jornalistas correspondentes estrangeiros em Portugal.....	67
4.2. Jornalistas correspondentes locais em Portugal.....	68
4.3. Quem é o jornalista correspondente em Portugal.....	69
4.4. O interesse jornalístico Portugal na geopolítica internacional.....	70
4.5. Tipos de correspondentes em Portugal.....	72
4.6. Tipos de instituições para quem trabalham.....	73
4.7. Produtividade e remunerações.....	74
4.8. Portugal: uma opção para viver.....	76
4.9. Infraestrutura de apoio ao jornalista correspondente internacional.....	77
4.10. Evolução dos jornalistas correspondentes em Portugal nos últimos anos.....	79

CAPÍTULO 5 – TRABALHO DE CAMPO – A EXPERIÊNCIA COMO JORNALISTA CORRESPONDENTE EM PORTUGAL

5.1. A experiência como correspondente brasileiro em Portugal.....	80
5.2. A rotina do jornalista correspondente em Portugal.....	81
5.3. A cobertura em Portugal e área de atuação.....	84
5.4. A agência Lusa.....	86
5.5. O trabalho em números.....	89
5.6. O kit-correspondente.....	90
5.7. A experiência na SIC Televisão.....	95
5.8. O outro lado: o que é notícia sobre o Brasil em Portugal.....	96
5.9. O que os outros meios de comunicação brasileiros noticiam sobre Portugal.....	98
5.10. Os assuntos oferecidos.....	99
5.11. O que não foi noticiado sobre Portugal na imprensa brasileira.....	115
5.12. Um caso concreto: Os crimes e a fuga de Pedro Dias x Violência no Brasil.....	116
5.13. A linguagem jornalística em Portugal.....	118
5.14. Dificuldades e desafios na atividade do correspondente em Portugal.....	119
Conclusões.....	123
Referências bibliográficas.....	127
Anexos.....	130

INTRODUÇÃO

O mundo globalizado aproxima, cada vez mais, o público e a realidade retratada pelos órgãos de comunicação social. A reboque deste processo, a tecnologia, que sempre foi uma forte aliada dos meios de comunicação, contribui para a difusão de informações em todo o mundo. A evolução tecnológica e a globalização alteraram a noção de espaço e tempo, afetando diretamente a forma como são produzidas as notícias hoje em dia.

No jornalismo não é diferente. A profissão também está em fase de adaptações após o surgimento da internet e o avanço da tecnologia. E nesta nossa atual sociedade, que é cada vez mais pautada pela alta velocidade, grande corte de gastos e crescimento de produtividade, esses dois aspectos tiveram um grande impacto nas mídias audiovisuais, principalmente no telejornalismo, onde os antigos satélites deram lugar às transmissões de dados pela grande rede, com flexibilidade, rapidez e baixo custo.

O noticiário internacional foi, sem dúvida, o maior beneficiado com a evolução desses dois fatores. Assim, o conteúdo produzido no exterior ganhou agilidade, precisão e qualidade ao passar dos anos. Com as “janelas para o mundo” muito mais abertas, o espaço para este tipo de notícia aumentou.

Por outro lado, também a reboque deste processo, enquanto o espaço dado para as notícias internacionais nos veículos aumenta, o número de correspondentes tem diminuído consideravelmente. As empresas de comunicação passaram a escolher com muito mais critério os países para onde enviariam correspondentes e outro fator ajudou nessa decisão: a crise econômica que assola diversos países do mundo.

Ainda assim, na TV, a presença do jornalista em trabalho de campo tem muito mais peso e importância para o público e isso ainda garante algumas posições profissionais em pontos estratégicos e importantes do mundo.

Além das agências internacionais de notícias, que enviam em tempo real informações e imagens através de satélite, a presença de um jornalista no local do acontecimento jornalístico traz, sem dúvida, credibilidade e identificação ao órgão de imprensa.

Dessa forma, com aparatos cada vez menores e a mínima necessidade de grandes equipes, a demanda por profissionais freelancers que já estão no local exato onde determinado acontecimento vira notícia cresce. Essa nova proposta ajudou a equilibrar a situação financeira dos veículos sem deixar de marcar presença em diversas partes do mundo.

Com um trabalho individual, no qual o próprio jornalista realiza a filmagem, produz entradas “ao vivo”, entrevistas e coletivas de imprensa, o correspondente teve de se adequar. E dentre os locais em que este modelo foi adotado está Portugal. O número de correspondentes destacados no país não é significativo, já que a nação não está incluída no pacote de países com prioridade máxima para os grandes órgãos de comunicação, como Inglaterra, Estados Unidos, França e Alemanha. E, assim, para viabilizar a presença de uma emissora de TV no país foi implementado o método no qual um único profissional é responsável por todo o processo jornalístico no local.

Em Portugal, desde março de 2016, um desses papéis é desempenhado por mim. E, desse modo, o objetivo de minha dissertação para o mestrado em Jornalismo é, através da história evolutiva do jornalista correspondente, mostrar como é esse trabalho no país pela perspectiva do próprio realizador. A experiência de como é ser correspondente em Portugal para a maior emissora brasileira, a TV Globo, e de seu canal de notícias, a GloboNews TV.

A escolha do tema para o desenvolvimento da dissertação surgiu naturalmente, pela função que passei a exercer e pela prática cotidiana do jornalismo internacional. Da realidade portuguesa ao pouco interesse da mídia internacional pelo país, passando pelo método de trabalho no qual o jornalista é responsável por toda a produção do conteúdo, realizando filmagens, entrevistas, entradas “ao vivo” e tudo que envolva o processo no local – prática já adotada por outros correspondentes e emissoras em outros países.

Além disso, a partir dessa experiência, proponho mostrar de que maneira esta nova realidade tem afetado o trabalho do correspondente e retratar como é o trabalho do jornalista correspondente em Portugal a partir do surgimento de novos equipamentos, métodos, softwares e sistemas para gravar e enviar reportagens pela web.

Na primeira parte do trabalho, traço um pouco da história e evolução da profissão do jornalista correspondente internacional, o que influenciou o surgimento e o desenvolvimento da função, as principais influências na instituição do cargo, passando pela importância de exercer a profissão de jornalista correspondente.

Além disso, descrevo, através de relatos e bibliografias, como é exercida tal função, com destaque para o caso específico de ser correspondente de guerra e desvendando os mistérios da mitologia e do prestígio que esta função ainda traz.

No segundo capítulo da dissertação, a profissão do jornalista correspondente internacional é trazida para a atual realidade. Serão explicados os principais fatores de mudança, a redefinição da profissão e as principais características, papéis, influências e novas fontes de informação.

Também neste capítulo serão discutidos os tipos e formas de correspondência internacional neste mundo globalizado, além de mostrar as relações do profissional com a redação, as agências internacionais de notícias, a internet e as transformações tecnológicas.

Para encerrar esta parte, lanço, a partir dessas transformações dos últimos tempos, os desafios que a profissão do correspondente internacional têm pela frente.

Na terceira unidade do trabalho, procuro traçar um pouco da realidade brasileira no contexto dos jornalistas correspondentes. Com uma rápida abordagem sobre a importância deste profissional e a distribuição deles nos órgãos de comunicação, faço um recorte particular na gestão desses profissionais nas televisões, em especial na TV Globo e na GloboNews TV, para onde trabalho.

Serão apresentados também a forma como os fatos internacionais são mostrados nos telejornais, sob uma perspectiva brasileira, passando pelo papel que os correspondentes exercem sobre tais notícias.

Ainda nesta parte, são apresentadas as novas relações internacionais e o papel do Brasil, a imagem do Brasil no exterior e, em especial, a imagem do Brasil em Portugal.

O capítulo quatro se dedica a mostrar como é o trabalho atual de um jornalista correspondente em Portugal. Como é a rotina deste profissional, o interesse que

Portugal desperta (ou não) nos meios de comunicação do Brasil, além de mostrar quais são os principais fatores de mudança da profissão na Europa, alguns problemas nas coberturas e como a crise econômica no país afetou o exercício da profissão em terras lusitanas.

Além disso, a penúltima unidade da dissertação tem o objetivo de entender quem é o jornalista correspondente em Portugal e como é a sua vida profissional, num país com pouquíssima importância noticiosa no cenário global. Através de um retrato socioeconômico desses profissionais no país, são mostrados os tipos de jornalistas que estão em Portugal, as instituições para as quais trabalham e apresenta a produtividade de trabalhos para tais órgãos de comunicação social.

Neste capítulo, ainda serão destacadas as características do país, o porquê de tantos profissionais escolherem Portugal como uma opção de vida, quais as dificuldades que mais enfrentam e o que mais influencia o desenvolvimento do seu trabalho.

Para encerrar a unidade, é traçada uma análise da evolução dos jornalistas correspondentes em Portugal no mesmo período.

Na última unidade do trabalho, apresento a experiência de exercer a função de jornalista correspondente em Portugal para o maior canal de notícias do Brasil: a GloboNews TV. São trazidas as áreas de cobertura no país e as principais questões do exercício diário da função, passando pelo que é oferecido pelo jornalista e do que é pedido pelas chefias. Também é analisado o que outros meios de comunicação brasileiros noticiam sobre o país.

Ainda no capítulo cinco, é mostrada a rotina em um dia de serviço do jornalista correspondente internacional para a emissora televisiva, com a utilização das agências de notícias e do kit-correspondente.

Neste último capítulo, será ainda dado destaque ao que é notícia sobre o Brasil nos órgãos de comunicação portugueses, através da experiência dentro da SIC Televisão, e de um paralelo entre casos específicos que foram ou não foram noticiados em ambos os países.

Por fim, são apresentadas características individuais dos dois países no exercício do jornalismo, com um foco na forma, e são levantados os problemas e os desafios dessa nova forma de exercer a função de correspondente internacional na televisão.

Em um recorte de pouco mais de trinta anos, é nítida a mudança na forma de fazer jornalismo internacional nos órgãos de comunicação social. Desde o que é notícia, passando pelos protagonistas e coadjuvantes dos assuntos e seus principais interlocutores. Também mudaram as tecnologias de distribuição, as ferramentas de trabalho e os meios de transmissão dessas notícias.

Mesmo com a drástica redução de profissionais em função de orçamentos apertados e menores faturamentos, o jornalismo exercido pelos correspondentes internacionais não está morrendo, tampouco está perto de seu fim. Ele está apenas se adaptando à nova realidade desde o surgimento da internet e a evolução da tecnologia.

A proposta com este trabalho é, através de uma experiência pessoal, identificar e entender as alterações pelas quais passou a função do correspondente internacional e, ao mesmo tempo, mostrar a importância deste profissional para os órgãos de comunicação social, em especial para as redes de televisão.

Além disso, a dissertação tem como objetivo mostrar essas novas formas de trabalhar, trazer um cenário da comunidade de jornalistas estrangeiros em Portugal e mapear tendências na cobertura internacional da televisão brasileira, especialmente na TV Globo.

CAPÍTULO 1 – O JORNALISTA CORRESPONDENTE

1.1. O que é um jornalista correspondente

A expressão “correspondência” vem do latim “correspondere” e é formada pelas palavras “com”, que significa junto e “respondere”, que tem o significado de estar em harmonia, estar em concordância com. Apenas pela composição do termo é possível ter uma grande noção da função que desempenha o jornalista correspondente internacional.

Por definição, o jornalista correspondente internacional é aquele que se estabelece em um local distante do território de atuação da empresa para qual trabalha e abastece com notícias locais as redações de jornais, revistas, rádios, emissoras de televisão, sites e agências. Segundo Hannerz (2004), o correspondente é um repórter que fica “estacionado” em determinado lugar, por determinado período de tempo, “num país que não o da sua origem, com o intuito de reportar eventos e características da área onde estão estacionados, através de meios de informação com base num outro lugar” (HANNERS, 2004).

Ao contrário do enviado especial, que desenvolve um trabalho mais pontual, definido na língua inglesa como “jornalista paraquedas”, por chegar de repente em determinadas localidades e situações, o correspondente internacional se estabelece na região e, por regra, produz conteúdo jornalístico com frequência, independentemente de episódios factuais.

Na maioria das vezes, o jornalista correspondente define as suas próprias pautas (serviços), a partir de um conhecimento aprofundado da realidade local. Assim, consegue expor os fatos de modo detalhado e interessante para o país de origem. Ainda segundo Hannerz (2004), o correspondente internacional é um repórter fixado numa cidade estrangeira – muitas vezes a capital de um país –, e é responsável por uma região, um país ou, às vezes, até um continente inteiro. Para que isso tenha alguma eficiência, ele acompanha a imprensa local, estabelece contatos frequentes com outros colegas jornalistas correspondentes e identifica fontes estratégicas – como

entidades, governos, diplomatas, militares e outras que possam fornecer informações importantes para o seu trabalho diário (BRASIL, 2012).

Para Garcia, (cit. in RODRIGUES, 2008), o correspondente internacional pode ser considerado um ator político pois “exerce influência sobre as instituições, os movimentos, e grupos sociais, políticos e econômicos”, sem deixar de estar sujeito “à influência da lógica mercantil e de outros detentores de poder (...) e de um certo tipo de condicionamento com o público”. A diferença é que essa influência é exercida em um país diferente no que toca a cultura do seu país de origem.

Além de alimentar-se diariamente de notícias locais e estabelecer contatos e fontes, o correspondente deve ter uma extensa bagagem cultural do território onde é responsável pela cobertura jornalística, englobando hábitos da localidade, fatos históricos e geopolíticos, sem contar nas avançadas noções dos idiomas falados na região. Por outro lado, o profissional não pode perder o referencial do seu país origem e deve manter um olhar estrangeiro, para ter capacidade de enxergar os acontecimentos em uma perspectiva mais global e menos específica. Essa atividade profissional também pode ser compreendida como a de um mediador e um tradutor de culturas (ROCHA, 2013). Para Sauvage (cit. in RODRIGUES, 2008), o correspondente tem de incorporar o país onde está vivendo, mas nunca o pode fazer por completo. Assim, tem de encontrar uma forma de se situar entre dois países e duas culturas: “é preciso partilhar a vida do país que o acolhe e ‘guardar’ o ritmo do seu próprio país” (RODRIGUES, 2008).

Para determinados autores, os correspondentes internacionais são considerados cosmopolitas por excelência, por viver entre várias culturas e dar origem a “novas formas culturais, compósitas, a partir de cruzamentos da sua cultura e da cultura do outro (RODRIGUES, 2008). Esses profissionais nunca estão em um lugar do mesmo modo que os seus habitantes, pois são pessoas que passeiam, diariamente, por duas realidades distintas.

Para Britto (2004), uma das marcas do profissional que exerce a função de correspondente é, também, ser um especialista em generalidades do território onde trabalha:

A editoria internacional, por sua vez, não é considerada jornalismo especializado, porque se dedica a todas as editorias, em âmbito internacional. Mas por essa abrangência toda é que o correspondente deve ser especializado em tudo, saber lidar com vários tipos de matérias (BRITTO, 2004).

Todas essas características tornam os correspondentes internacionais um grupo distinto de jornalistas no exercício da profissão, detentora de grande status profissional. Trabalhar como correspondente estrangeiro pode ser considerado o auge de uma carreira, através do reconhecimento da experiência e realizações como profissional dentro de um determinado órgão de comunicação social. Segundo Hughes (1960), em uma comparação com as profissões consideradas estáveis, como medicina, engenharia e direito, nas quais o prestígio está intrínseco ao fato de se poder exercer tais atividades, no caso das profissões modernas, a valorização acontece no percurso das trajetórias individuais dos profissionais, portanto, em paralelo com a carreira que cada um desenvolve, originando diferentes postos de trabalho e funções assumidas.

Hannerz (2004) analisa o percurso profissional dos correspondentes internacionais através da noção de “carreira”, por, normalmente, ser um caminho a ser percorrido ao longo da vida, não necessariamente de modo planejado ou previsto, mas sempre de forma crescente. O autor acredita ser difícil estabelecer um padrão de como os jornalistas viram correspondentes, a motivação para tal e os que os faz permanecer na profissão. “Os correspondentes estrangeiros representam os melhores e mais brilhantes da profissão nos países de origem” (ROCHA, 2013).

1.2. Um breve histórico da correspondência internacional

O termo “correspondente” foi implementado pela língua francesa e somente na Idade Média passou a ter o significado de troca de cartas e de respostas escritas (CUNHA, 2001). Mais tarde, já na Modernidade, o vocábulo ainda se estende para a troca de mensagens por telefone ou pela internet¹.

¹ REY, Alain. Le Petit Robert Micro. Dictionnaire d'apprentissage de la langue française. 3. Ed. Paris: Le Robert, 2013.

A troca de cartas, caracterizando a forma mais pura da palavra correspondência, exerceu um papel importantíssimo na história antiga da humanidade por ser a principal forma de se ter alguma notícia sobre novos territórios conquistados, batalhas ou sobre comunicados de governantes. Ao longo do tempo, o jornalismo moderno assumiu o papel intermediário entre os fatos e os povos de diversas partes do mundo.

Mas, a própria origem do jornalismo revela a dúvida se a prática surgiu de maneira local ou internacional e há duas teorias que justificam ambas as características.

Por um lado, para Los Monteros (1998), o surgimento do jornal, no século XVII, preencheu a uma necessidade da população sobre demandas da própria localidade, como notícias sobre eventos, acontecimentos inéditos, catástrofes e decisões governamentais. Assim, segundo o autor, os fatos sobre o exterior entraram nos jornais tardiamente. Isso se justifica por uma das duas formas: ou porque não havia formas de se apurar determinada notícia e de ter contato com os fatos, ou porque simplesmente não interessava o que acontecia além das fronteiras de uma determinada região. Desta forma, o jornalismo teria, então, nascido, como uma atividade local e com uma vocação voltada para a comunidade. “A primeira agência de notícias internacionais se organiza até o segundo quarto do século XIX. As notícias sobre o exterior ganham lugar na imprensa diária, quase um século após a Revolução Industrial” (LOS MONTEROS, 1998). Ainda segundo o autor, isso se repetiu de maneira geral na história da imprensa em todo o mundo.

Por outro lado, Natali (2004) acredita que o jornalismo já tenha nascido de forma internacional, quando, ainda no século XVII, os primeiros informativos, batizados de “corantos”, eram, na verdade, newsletters comuns entre os grupos mercantis dos Países Baixos que trocavam informações com regiões com as quais comerciavam. Os primeiros “corantos”, distribuídos nos anos 1620, dedicavam-se exclusivamente a notícias internacionais e eram traduzidos de Amsterdã para o inglês e o francês. Assim, ainda para o autor, o jornalismo internacional já despertava um certo interesse durante o mercantilismo, ou seja, bem antes do capitalismo.

Mas foi mesmo o expansionismo colonial europeu que impulsionou o interesse pelo exterior e pelas ofertas e possibilidades de negócios. A demanda pela circulação de informações locais ainda era o principal motor do jornalismo, mas, ainda no início da fase moderna, com a burguesia europeia, precisou então se internacionalizar para atender os interesses sobre fatos que ocorriam em outras regiões durante esse período.

Podemos considerar como os primeiros jornalistas correspondentes aquelas “pessoas com disponibilidade em Londres ou Paris, que escreviam cartas para casa, assim como passageiros ou tripulantes, que arribavam aos portos, trazendo jornais de outros lugares e contando as suas próprias histórias” (COLE & HAMILTON, 2008). Nesta época, por exemplo, uma notícia sobre a Espanha poderia demorar de duas a três semanas para chegar aos jornais britânicos. E, naquele momento, a velocidade que a notícia chegava não tinha importância nem para os jornalistas, nem para os editores e, principalmente, para leitores. O simples fato de ter uma notícia vinda do estrangeiro já despertava o interesse e a curiosidade da população.

Na fase do expansionismo colonial europeu, ainda era muito cedo para se falar numa produção jornalística efetiva, periódica e profissional. E somente no século XIX que as redes de comunicação foram organizadas em uma escala global. “[...] Isso se deveu em parte ao desenvolvimento de novas tecnologias destinadas a dissociar a comunicação do transporte físico das mensagens” (THOMPSON, 1998). O desenvolvimento de meios, como o telégrafo e o telefone, e, mais tarde, o rádio, a televisão, o celular e a internet, expandiu gradativamente a capacidade de transmitir informação através de longas distâncias de forma mais flexível e imediata. O jornalismo internacional, então, contou com a evolução tecnológica para acelerar, facilitar e modificar as formas de distribuição das notícias do exterior.

A partir desse desenvolvimento, as notícias internacionais ganharam força e foram criadas as primeiras agências de notícias. No princípio, eram, na verdade, associações entre jornais impressos para enviar jornalistas para trabalhar na cobertura de grandes eventos, como guerras e revoluções. Essas agências trabalhavam em conjunto com veículos de comunicação (principalmente o jornal impresso, mas

também os meios audiovisuais) para abastecer a imprensa com fatos e imagens que ocorriam em diversas regiões. E, segundo Thompson (1998), constituíram um dos principais fatores para a formação de redes globais de comunicação, a partir do século XIX, por operar de forma sistemática na coleta e disseminação de notícias sobre grandes extensões territoriais.

Devido ao crescimento do interesse global, os jornais, em iniciativas isoladas ou em cooperação com outros grupos, passaram a investir em escritórios em outras cidades, distantes de suas sedes. Desta forma, surge a figura do correspondente internacional como conhecemos hoje, ou seja, como um posto de trabalho na carreira jornalística.

O jornal britânico *The Times* é reconhecido como pioneiro na instituição do cargo ao nomear Henry Crabb Robinson como correspondente. O inglês que estudava na Alemanha tinha de enviar notícias regulares de diferentes regiões da Europa (WILLIAMS, 2011).

Um pouco depois, o mesmo veículo enviou o jornalista William Howard Russell para trabalhar na cobertura da Guerra da Criméia entre 1854 e 1856 (WILLIAMS, 2011). A instituição da figura do jornalista correspondente internacional está extremamente ligada ao correspondente de guerra, devido à importância de manter a população civil informada sobre os acontecimentos através de métodos mais técnicos e profissionais. O próprio Russell teria coberto ainda a Guerra Civil Norte-Americana, a Guerra Franco-Prussiana, a Comuna de Paris e a Guerra Zulu de 1879. No entanto, esses últimos trabalhos tinham caráter sazonal, ou seja, focado em um fato específico. Mais tarde, a partir de episódios semelhantes, o profissional que era deslocado para cobrir um determinado acontecimento foi batizado de enviado especial, um posto temporário desempenhado por um determinado jornalista como opção para a cobertura do noticiário internacional de um determinado órgão de comunicação social.

George Washburn Smalley, jornalista do *New York Tribune*, é considerado o patrono dos correspondentes internacionais tradicionais por ter sido o primeiro a ser deslocado para outro país, para trabalhar por tempo indeterminado em uma variedade

de temas, sem ter ido cobrir um acontecimento isolado. O experiente profissional foi transferido para Londres em 1867 com o posto de *foreign commissioner* do jornal. Durante os primeiros anos de atuação do jornalista, a direção do Tribune ainda não havia se convencido sobre o diferencial de ter um correspondente. Na época, ainda tinham certo receio pelo excesso de liberdade que o profissional ganhara fora da redação. Preocupados em explicar ao leitor o que o correspondente fazia em Londres, o jornal publicou uma notícia sobre Smalley dois anos depois de ter sido transferido:

Seus deveres [...] não são nenhuma sinecura [...]. Ele tem de se familiarizar com o curso dos eventos públicos não apenas na Inglaterra, mas em toda a Europa. Todos os assuntos importantes têm de ser olhados por ele tão cuidadosamente como são os da Câmara de Vereadores de Nova York pelos repórteres locais [...]. O Sr. Smalley tem intimidade com diversos jornalistas e políticos britânicos, que têm sido proeminentes no apoio dos interesses dos EUA e fazem de seu escritório um local de uso frequente (SILVA, 2011).

Para Cole e Maxwell (2008), a época áurea do cargo aconteceu durante o século XX por causa de todos os acontecimentos que surgiram. O período entre as duas guerras mundiais foi, sem dúvida, o início da explosão profissional para os jornalistas correspondentes, “o ponto alto em termos profissionais e de competências, e a ideia clara da definição do que são notícias de qualidade” (COLE & MAXWELL, 2008). Ao mesmo tempo, aumenta significativamente o interesse por parte dos leitores por notícias internacionais, principalmente após o aparecimento do rádio.

Porém, com o término da Guerra Fria, em 1991, o jornalismo internacional perdeu espaço nos meios de comunicação e o interesse dos leitores, ouvintes e telespectadores também diminuiu. Assim, o número de jornalistas correspondentes destacados também começou a cair.

Foi neste período que a tecnologia deu um salto tão significativo que a noção de tempo também encurtou. Os jornalistas correspondentes começaram a se comunicar de forma mais rápida e sistemática com os seus superiores e, aos poucos, foram perdendo sua liberdade editorial, já que os editores passaram a coordenar de

perto o trabalho dos seus correspondentes, atribuindo-lhes agendas, assuntos, entrevistas e os deixando menos livres para procurar estórias por si próprio.

De lá para cá, a maneira como os jornalistas correspondentes trabalham tem sofrido grandes alterações, tanto na sua prática, como na sua própria existência profissional.

Apesar de todas as transformações passadas, de expoente máximo do jornalismo à fama de herói, a figura do correspondente ainda está “rodeada de uma auréola de aventuras, de magia, de medos, de suor; mas também, muitas vezes, o trabalho diário está marcado pela rotina” (LARANJEIRO, 2009), como qualquer outra profissão.

1.3. O correspondente de guerra

A imagem do jornalista correspondente internacional está vinculada à cobertura de guerras. Como já abordado, o irlandês William Howard Russell é considerado o primeiro correspondente de guerra por ter sido enviado especialmente para trabalhar, em fevereiro de 1854, na Guerra da Criméia. O editor esperava que Howard Russell retornasse da guerra na Páscoa, mas o correspondente acabou ficando por lá pelos 18 meses seguintes.

Nesta época, a figura do correspondente internacional era de vital importância para os jornais, que tinham a necessidade de ter um repórter no *front* de batalha, para informar sobre o que acontecia. Os relatos de Howard Russell eram bastante descritivos e pessoais, com textos publicados na primeira pessoa.

Foi na Guerra da Criméia a primeira vez em que se usou um telégrafo para o envio de notícias e fotografias para os jornais. O equipamento foi instalado entre a Balaclava e Varna, por volta de 1855, por causa de necessidades militares. Em função do monopólio militar, Russell raramente podia utilizá-lo e, assim, o tempo que levava para receber as mensagens do correspondente, dos locais de batalha até o The Times, em Londres, era de, aproximadamente, três semanas.

Segundo Mattos (2006), o jornalista irlandês não poupava o exército britânico com críticas, mesmo com uma forte censura adotada aos correspondentes da guerra:

Suas reportagens sobre a desorganização e desastres da guerra expunham o exército britânico, pela primeira vez, a críticas independentes, as quais culminaram com a destituição do Alto-Comando no campo de batalha e de todo o seu Estado-Maior. Como guerra gera demanda por notícias, os despachos críticos de Russell contribuíram também para aumentar as tiragens do The Times (MATTOS, 2006).

As reportagens de Howard Russell e as de seu colega Thomas Chenery sobre as condições do hospital militar contribuíram para a criação de um fundo monetário para ajudar os doentes e feridos da guerra, além de ter incentivado uma expedição de enfermeiras ao cenário, coordenada por Florence Nightingale:

(...) Sir Robert Peel, filho do ex-primeiro ministro, enviou ao editor do The Times um cheque de 200 libras esterlinas para iniciar um fundo para fornecimento de suprimentos aos doentes e feridos – o que se tornou o Fundo Criméia The Times. O dinheiro chegou de toda a Bretanha (...) Se Russell não tivesse partido para chocar a consciência da nação, não teria havido o Fundo Times, nem a missão de Florence Nightingale, nem reforma do comissariado militar, nenhum abalo na estrutura política estabelecida, e nenhum reforço na escala enviada eventualmente. A condição resultante das Forças Armadas teria a deixado sem condições de lutar por uma conclusão de sucesso da guerra (DYAS, 2004).

Ao longo do tempo, ainda foram importantes as coberturas feitas pela imprensa da Guerra do Vietnã, a primeira a ser transmitida pela televisão, e a Guerra do Golfo. Após esse período, o conteúdo jornalístico produzido durante uma guerra é, hoje em dia, mais objetivo e padronizado principalmente pelas agências internacionais de notícias, que vendem a informação para os meios de comunicação.

1.4. A mitologia e o prestígio profissional do correspondente internacional

Como já destacamos anteriormente, para o mercado jornalístico, trabalhar como correspondente internacional “pode ser considerado o ponto alto na carreira de

um profissional. E há, ainda que em menor intensidade, uma visão bem romântica em relação a esse grupo de profissionais, que é alimentada pelos próprios jornalistas” (WILLIAMS, 2011).

São muitos os elementos que estimulam o fascínio pelo cargo, a começar pela magia que envolve os correspondentes de guerra, que se arriscam pela informação e são embaixadores dos órgãos de comunicação para os quais trabalham, muitas das vezes associados à figura do diplomata. Outras características também tornam esta função ainda especial como a autonomia, o glamour aparente de se viver no exterior, além de ser, dentro de uma hierarquia, o posto mais elevado dentro da carreira de um repórter.

Porém, como destaca Williams (2011), “a realidade é menos glamorosa e mais mundana. O jornalismo internacional, assim como o restante da profissão do jornalismo, é entediante, repetitivo e frequentemente preso a uma escrivaninha”. Em uma tradução prática, o jornalismo desempenhado por um profissional no exterior passa por uma série de rotinas e práticas até mesmo burocráticas. Por estar sozinho em uma determinada região, o profissional acaba exercendo papéis muito além do jornalismo, como contratação de serviços pontuais, pagamento e prestação de contas, orçamentos, compra de passagens, reservas de hotéis, produção de relatórios para as chefias, entre outras atribuições.

Quanto ao prestígio em função do cargo de correspondente, ainda é evidente que existe. No entanto, qualquer glamour está muito mais na visão dos outros (colegas de profissão, público, leitores ou familiares) do que na realidade de quem, de fato, exerce a função. Segundo Letícia Fonseca (cit. in AGNEZ, 2014), a mitologia que envolve este profissional é atribuída pelo fato dele ter os únicos olhos do veículo naquela região. “Mais do que glamour, é um certo prestígio de ser testemunha de determinados fatos” (FONSECA cit. in AGNEZ, 2014). Sem dúvida, esse reconhecimento está mais na fantasia em torno de morar fora do seu país de origem e também na importância histórica e mundial dos fatos que os correspondentes têm a oportunidade de acompanhar e descrever.

Certo ou errado, o trabalho como correspondente sempre foi percebido sob certo prestígio, um avanço na carreira, exigindo formação profissional mais ampla. A realidade não é bem assim e o trabalho de repórteres no Brasil tem enorme importância, mas o mito persiste. E se alguém tem interesse pela área internacional, claro, a atuação como correspondente é o caminho mais atraente (AGNEZ, 2014).

Todo esse prestígio foi também alimentado pelo cinema e programas de televisão, que ajudaram a reforçar a ideia de que a vida no exterior e tudo que fosse de fora teria mais valor.

Era o herói do imaginário criado pelos livros e pelos filmes. Era, então, o herói que transmitia a realidade de um mundo conturbado e que vivia uma vida boêmia. Era o herói galã que em cada país tinha um amor diferente. Era o herói que, por vezes, e em nome da pátria ou do amor, mantinha uma relação estreita com os serviços secretos, indo algumas vezes, além de apenas uma relação estreita (LARANJEIRO, 2009).

Por outro lado, a teoria do mito e glamour vem abaixo se exemplificarmos o tipo de correspondência internacional feito pelas agências. Na maioria das vezes, as reportagens sequer são assinadas pelos autores, já que os veículos usam o material de forma que pareça que é deles. Ou seja, o prestígio desses profissionais se restringe aos companheiros de redação, colegas de profissão e, no máximo, parentes.

1.5. Identidade profissional do jornalista correspondente internacional

As profissões fazem parte do conjunto de instâncias objetivas, mais especificamente históricas e materiais, que constroem uma identidade social. Segundo Agnez (2014), assim como idade, gênero e status social, as profissões fazem parte das referências psicossociais. Assim, a identidade profissional pode ser constituída de duas formas: pela interiorização individual por cada membro de uma determinada profissão e pela defesa coletiva desta imagem diante de outros atores sociais. “A construção de uma identidade profissional também é resultado da relação entre indivíduo e o mundo exterior, ou seja, entre o “eu” mais íntimo de como o sujeito se define e o ambiente no qual está inserido” (AGNEZ, 2014).

A identidade profissional no jornalismo é resultado de uma aquisição histórica e a forma identitária dos jornalistas é coletiva, ou seja, ela se estabeleceu na busca por uma unidade. É o resultado da identidade reivindicada, ou seja, aquela à qual o grupo se associa e defende para si, aliada o com a identidade atribuída pelo demais atores sociais. (Le Cam, cit. in AGNEZ, 2014)

Fazer parte de um determinado grupo profissional significa dividir práticas e conhecimentos, proporcionando um reconhecimento social e uma valorização de quem são esses membros. E, na prática, o jornalista correspondente foge um pouco à essa realidade.

No entanto, mesmo estando sozinho e vivendo em um local distante dos demais colegas, o jornalista correspondente internacional também compartilha uma identidade profissional com o grupo mais abrangente do jornalismo. Apesar de haver algumas características diferentes, como, mais especificamente, o status, o prestígio e a coragem, este profissional tem um forte grau de identificação com o tipo do repórter, figura central de origem do próprio jornalismo.

Nem mesmo as crises de identidade, derivadas das diversas transformações na vida pessoal, e a possibilidade de extinção do cargo, defendida por alguns autores, afetam a formação identitária do correspondente, que, semelhante à identidade do repórter, destaca a importância que a atividade profissional ocupa em suas vidas.

CAPÍTULO 2 – O JORNALISTA CORRESPONDENTE NA ATUALIDADE E SUAS TRANSFORMAÇÕES

2.1. O jornalismo internacional num mundo em constante transformação

O trabalho desempenhado pelos jornalistas correspondentes internacionais vem se transformando praticamente desde que o ofício surgiu. A evolução tecnológica e passagem do tempo estabeleceram mudanças constantes que modificaram a dinâmica das redações e acabaram por alterar também a rotina do profissional que trabalha a muitos quilômetros de distância.

A globalização tem, sem dúvida, um papel de grande relevância na conjuntura atual da qual o jornalismo contemporâneo pertence, sobretudo no que tange aos aspectos informacionais e geopolíticos que caracterizam a chamada nova ordem global a partir da segunda metade do século XX. No jornalismo, essa nova realidade afeta, principalmente, na figura dos correspondentes internacionais.

Atualmente, com a diminuição do número dos profissionais destacados pelos veículos de comunicação para trabalhar no exterior, os repórteres que continuam nesses postos ficam ainda mais sobrecarregados.

Em um pequeno recorte de 30 anos, aproximadamente, nunca imaginaríamos tamanha transformação na forma de desempenhar a função de correspondente. E, a partir disso, é, sem dúvida, muito difícil saber como estará a cobertura jornalística internacional daqui a, por exemplo, dez anos.

No entanto, a partir dessas mesmas transformações, encontramos autores pessimistas que arriscam que os correspondentes são uma espécie ameaçada de extinção. Outros, mais otimistas, creem que a função do correspondente não acabará, mas continuará sofrendo alterações com o passar do tempo, principalmente no que toca às transformações tecnológicas.

Com essas incertezas, vamos, então, tentar compreender os fatores que nos levaram ao atual cenário, identificar o papel e a importância dos correspondentes internacionais da atualidade, isto é, a função de correspondente em si e, mais especificamente, as transformações que o ofício sofreu até os dias de hoje.

2.2. Os correspondentes internacionais na atualidade

Já vimos que, por definição, o correspondente estrangeiro existe fundamentalmente para relatar fatos e assuntos interessantes que aconteçam fora de seu país de origem para o veículo no qual trabalha. Essa simples definição ainda é válida, na teoria, tanto para os primeiros correspondentes, há algumas décadas, como para os jornalistas que desempenham a função nos dias de hoje.

No entanto, se o papel do correspondente da atualidade continua o mesmo do passado, na prática, a forma de fazer esse trabalho vem mudando dia após dia. Sem dúvida, os correspondentes estão mergulhados em um turbilhão constante de transformações da atividade jornalística e seus respectivos modelos de negócio, como, por exemplo, a diminuição do quadro de profissionais no exterior e a necessidade de desempenhar sozinho a função.

De acordo com Pamela Constable (2007), repórter do The Washington Post e ex-correspondente internacional, os canais de TV americanos costumavam ter, em média, 15 escritórios com correspondentes, na década de 1980. Atualmente, esses mesmo canais têm apenas seis delegações ou até menos. No Brasil, o cenário também parece seguir a mesma tendência. A TV Globo, há pouco mais de um ano, fez uma grande reestruturação no seu quadro de correspondentes, com a extinção de cargos e substituição de profissionais.

Para Brasil (2003), com um cenário de redução de custos, “a cobertura internacional não tem que ser cara, mas certamente deve ser audaciosa e criativa”. Segundo o autor, pesquisas recentes nos Estados Unidos e na Inglaterra comprovam que o público se interessa pela cobertura internacional, mas não aprova ou aceita facilmente a frieza e o distanciamento impessoal das coberturas homogêneas das agências de notícias.

Além dessa vasta redução no quadro de profissionais, “a ocupação do correspondente internacional, glorificada nos séculos XIX e XX, passa por uma profunda crise de identidade” (AGNEZ & MOURA, 2016).

Ainda para Agnez e Moura (2016), o desenvolvimento das tecnologias acompanhou toda a história dos correspondentes, desde as cartas que viajavam continentes até os canais de notícias 24 horas “all-news” e a internet, que, atualmente, permitem ao profissional saber o que está acontecendo em praticamente todas as partes do mundo.

Por outro lado, a evolução tecnológica também trouxe novos desafios para o posto de correspondente, que segue mudando e exige adequação do profissional. As dificuldades não são mais técnicas, como no início do ofício, mas sim uma questão de adaptação de um velho modelo a uma nova realidade.

Conforme as novas tecnologias surgiam, diversos meios de transmissão de informação foram utilizados pelos órgãos de comunicação social e jornalistas correspondentes, sempre buscando o imediatismo e a instantaneidade. “Desde os tempos do pombo correio até os posts no Twitter, a notícia busca a maneira mais rápida de chegar ao seu receptor” (ADGHIRNI, 2013).

Mesmo que a quantidade de correspondentes internacionais tenham diminuído, seu papel ainda é relevante para os maiores veículos de comunicação do mundo. Se por um lado o número de profissionais caiu, por outro, os que restaram estão mais espalhados pelo mundo, em países que, anteriormente, não recebiam qualquer atenção da mídia.

2.3. Os correspondentes internacionais em um mundo globalizado

A globalização pode ser usada para explicar o que está acontecendo com o jornalismo internacional e as mudanças na capacidade dos correspondentes estrangeiros de compreender e interpretar os eventos mundiais onde vivem. O papel do jornalista correspondente dentro do sistema internacional de notícias diminuiu e “a distinção entre “nós” e “eles” (no que se refere a nações e povos), que sempre caracterizou o jornalismo internacional, está desaparecendo” (WILLIAMS, 2011).

Nos dias de hoje, as notícias internacionais estão muito padronizadas pelas agências de notícias internacionais, principalmente pelo cargo do correspondente

internacional ser cada vez mais escasso. No entanto, a figura do correspondente ainda é um diferencial para um órgão de comunicação social, uma vez que trabalha de acordo com as necessidades e interesses de seu país de origem, destacando o aspecto mais importante para o telespectador, ouvinte e leitor.

De acordo com Natali (2004), muita coisa mudou na atividade do correspondente internacional. Hoje, segundo o autor, o correspondente é hoje bem mais um repórter, centrado em narrar os fatos que tenha apurado, principalmente pelo fato de o interesse do receptor também ter mudado. Atualmente, o público está mais interessado em notícias objetivas que em análises realizadas por comentaristas. Do correspondente internacional de hoje não se exigem textos opinativos que caracterizam uma espécie de analista sediado em um país estrangeiro.

Mesmo que o correspondente internacional não desenvolva, atualmente, um trabalho mais opinativo, ele deve ser bem informado e saber contextualizar a realidade do país em que trabalha, explicando e comparando, principalmente, com informações referenciais em seu país de origem. “As notícias internacionais são definidas pelo olhar doméstico e aos correspondentes cabe o papel de estabelecer um elo entre a cobertura jornalística do exterior e a agenda nacional, transportando referências e preocupações domésticas para a compreensão dos fatos internacionais” (WILLIAMS, 2011).

O correspondente não pode, de maneira alguma, perder o contato com o seu país. O tempo todo ele funciona como um brasileiro que está na Europa, nos Estados Unidos, no Japão, enfim, onde estiver, observando uma realidade que não é a dele. É fundamental que o correspondente esteja sempre bem informado tanto sobre a realidade do país em que está como sobre a realidade do seu próprio país (UTZERI, 1989).

A globalização também ajuda o jornalista correspondente a interpretar o mundo tão complexo e em constante transformação que vivemos. Através das histórias que contam, os profissionais podem contribuir para o que vem a ser chamado de cosmopolitismo, já mostrado no início deste trabalho. “Isso também se parece com uma contribuição ao cosmopolitismo e o sentimento do mundo como um único lugar” (HANNERZ, 2004). De acordo com o autor, alguns correspondentes têm essa

consciência e uma convicção em prol do cosmopolitismo, na esperança de vir a contribuir para a educação e o conhecimento sobre o mundo em que vivemos.

Atualmente, podemos compreender de duas formas como os correspondentes internacionais estão se enquadrando em um mundo globalizado. Segundo Agnez (2014), o primeiro deles é a mudança dentro dos limites da profissão, considerando, por exemplo, avanços da tecnologia, a expansão das agências internacionais e das empresas multinacionais e a formação de uma audiência desterritorializada como formas de transformação do papel de mediador que era exercido pelos correspondentes.

Outro caminho é o da aparição de novos atores no contexto de produção das notícias internacionais, que podem agora ser transmitidas de qualquer lugar e, potencialmente, por qualquer indivíduo. Além disso, o fenômeno da internet possibilita que um grande volume de informações seja acessado sem a necessidade de viajar para outro espaço. A imprensa estrangeira está disponível o tempo todo e em todo o mundo, se tornando grandes fonte de notícias, assim como publicações de governos ou entidades não governamentais.

2.4. Os atuais tipos de correspondência internacional

A quantidade de notícias internacionais está cada vez maior e o acesso a elas está cada vez mais democrático. A reboque deste processo, a figura do correspondente estrangeiro tradicional também está diante de mudanças sob diversos aspectos, principalmente financeiros, editoriais, tecnológicos e relacionados a uma nova ordem global de informação.

De acordo com Hamilton e Jenner (2004), três grandes transformações que estariam refletindo diretamente na atividade do jornalista correspondente: pressões econômicas sobre a cobertura de notícias internacionais, sobretudo por parte dos grupos tradicionais de mídia; a interdependência global, inclusive no fluxo informacional; e as inovações tecnológicas, em especial a partir da internet.

Diante desse cenário, os autores se opõem à afirmação de que os correspondentes estrangeiros estariam em extinção e defendem que a atividade possa florescer em novos ambientes, ou seja, passariam por uma evolução. Assim, os autores traçam uma nova tipologia de correspondentes internacionais, como estímulo para futuros trabalhos e para a construção de um novo modelo de notícias importadas.

O primeiro desses tipos é o do correspondente tradicional, experiente e com um custo de manutenção alto, mantido pelos grandes grupos de mídias como parte de uma crescente cadeia de informações com fluxo internacional.

O segundo tipo é o também já conhecido enviado especial, considerado uma alternativa mais econômica para coberturas sobre acontecimentos bem específicos. A expressão “jornalistas paraquedas” (parachute foreign correspondents), utilizada pelos autores, quer mostrar que são jornalistas deslocados para missões de curto prazo no exterior e sem relação com um determinado espaço.

O terceiro tipo é denominado de “foreign foreign correspondentes”, ou seja, cidadãos estrangeiros que trabalham para os meios de comunicação. Esse tipo teria surgido a partir de experiências de organizações americanas, que utilizam nativos contratados por veículos de outros países. De acordo com uma pesquisa realizada por Hamilton e Denis Wu, em 2000, (cit. in HAMILTON, 2009), 69% dos correspondentes estrangeiros que atuavam para organizações de notícias americanas não eram americanos.

A quarta forma, chamada de “local foreign correspondentes”, é composta por jornalistas que cobrem notícias do mundo a partir da cidade natal, sem sair da redação, como, por exemplo, pelo uso de informações divulgadas por organizações, por meio de relatórios, ou pelas redes de televisão de outros países ou em grande parte pela internet.

O quinto tipo é o “premium foreign correspondentes”, que são profissionais especializados, remunerados para a produção de relatórios mais complexos. Segundo Hamilton (2009), a origem desse tipo estaria na agência Reuters, que já no século XIX passou a oferecer esse tipo de informações para o mercado financeiro.

O sexto tipo foi apelidado de “in-house foreign correspondentes”. Ele é formado por profissionais que reúnem notícias voltadas para um mercado mais segmentado. De acordo com o autor, este trabalho estaria numa fronteira entre jornalismo, marketing e comunicação corporativa e entregue diretamente para o consumidor e não para publicação em um determinado veículo de comunicação. Geralmente, esses serviços são oferecidos por agências internacionais, que ao longo do século XX, começaram a vender conteúdos não jornalísticos para empresas voltadas para outros setores, como, por exemplo, da economia.

O sétimo tipo chama-se “foreign local correspondentes” e é desempenhado por jornalistas locais de uma mídia também local que produzem e disponibilizam conteúdos (principalmente na internet) que podem ser assistidos de qualquer parte do mundo. De acordo com Hamilton (2004), os próprios veículos locais podem destacar um fato em potencial de interesse internacional e, assim, começar uma cobertura, pensando na distribuição no exterior.

O oitavo e último tipo, segundo os autores, são os “citizen foreign correspondentes”, ou seja, são correspondentes amadores, quando qualquer pessoa pode publicar notícias e imagens pela internet. Essa categoria é a mais temida pelos jornalistas profissionais. Como “correspondentes casuais”, são capazes de registrar e testemunhar fatos com elevada importância e em situações onde o acesso de profissionais é restrito. Esse tipo participa, geralmente, em catástrofes naturais, atentados, conflitos e locais com pouca liberdade de imprensa.

Além desses tipos descritos, uma outra forma de trazer notícias internacionais para os veículos, sem ser através de agências internacionais compradas, é a partir da reprodução, em veículos locais, de conteúdos de publicações estrangeiras e de programas televisivos e radiofônicos. Por exemplo, quando em uma publicação brasileira, lemos uma reportagem ou um artigo creditados ao jornal americano Washington Post.

Os recursos acima apresentados são utilizados de acordo com a importância e com as necessidades de cada veículo e de como é sua respectiva cobertura do noticiário internacional.

2.5. Crise econômica e a redução de postos de trabalho

A redução do número de correspondentes internacionais enviados por órgãos de comunicação social não é uma característica somente do Brasil. É um fenômeno mundial. E, segundo Hamilton e Jenner (2004), a justificativa é unânime: corte de custos. Como veremos a seguir, as notícias do exterior têm custo de produção muito alto e, geralmente, são as mais difíceis de serem vendidas, através de publicidades.

Na história da imprensa brasileira, em especial, é possível identificar uma grande redução no número de correspondentes internacionais a partir da década de 1990, coincidindo com a crise nos órgãos de comunicação social, com a mudanças de moeda no país, com os investimentos nas tecnologias de TV a cabo e em novas estruturas tecnológicas, que surgiam na altura e, em termos noticiosos, a redemocratização, a primeira eleição direta para presidente e um impeachment, focando o noticiário para dentro do país.

No cenário internacional, alguns fatos também marcaram um novo capítulo na história, como a queda do Muro de Berlim, em 1989, o fim da Guerra Fria, a Guerra do Golfo e as tensões no Oriente Médio. Além disso, no âmbito midiático, a internet era aberta para o mercado e, conseqüentemente, os órgãos de comunicação também apostaram na nova plataforma. Ao mesmo tempo, explodiu, mundialmente, o modelo “all-news” de televisão, através da CNN, com um formato de 24 horas ao vivo só com notícias.

Dentro da crise do jornalismo tradicional, a posição do correspondente é talvez a mais ameaçada, em perigo de extinção, porque custa mais do que a média das outras vagas. Além disso, seria mais fácil de fazer cortes, porque não é alguém que você vê todo dia, é mais um número. É mais fácil de cortar porque custa mais e está longe (Nakagawa cit. in AGNEZ & MOURA, 2016).

Portugal, com exceção dos anos imediatos à Revolução dos Cravos, em 1974, nunca foi um país que atraísse um grande número de correspondentes estrangeiros. Entre 1994 e 2004, o número de profissionais estrangeiros que trabalharam no país caiu pela metade, de 100 para menos de 50. Sem dúvida, um dos motivos para esta

queda é a crise econômica das organizações de mídia em conjunto com uma grande contenção de custos por parte dos meios tradicionais de comunicação.

Uma das primeiras alterações está na redução acentuada das redes de correspondentes por parte das empresas de mídia, pois uma função de elite que, considerada na sua forma tradicional (a tempo inteiro e com inerentes despesas de variados tipos), acarreta custos consideráveis, é um dos primeiros “sacrificados” numa gestão que visa a contenção de custos. (RODRIGUES, 2008)

As alternativas, então, para fugir da crise e manter o nível na cobertura internacional foi a utilização de boas agências de notícia, as únicas na atualidade a manter bases em vários países do mundo, freelancers e jornalistas locais.

Portanto, essa nova realidade tem provocado alterações na dinâmica profissional dos correspondentes quando são enviados por um determinado veículo.

A mídia impressa é, dentre os meios de comunicação, a mais afetada pela crise financeira. Para garantir a própria sobrevivência, os jornais buscam por modelos de negócio na internet, através de novas linguagens e experiências que garantam alguma rentabilidade. Como a maioria dos jornais do mundo ainda não optou pela extinção das respectivas versões impressas, o resultado é adotar uma nova rotina de produção que dê conta das duas plataformas.

Os órgãos de comunicação audiovisuais começaram a focar na contenção de custos e no crescimento dos lucros e, uma vez que tanto a publicidade como as audiências foram fragmentadas com o surgimento de serviços de satélite, cabo, internet e streaming, “todas as organizações noticiosas começaram a procurar maneiras de conseguir mais dinheiro para investir nos novos serviços de notícias digitais. E na primeira linha das preocupações com os custos estavam as dispendiosas notícias internacionais” (SAMBROOK, 2005).

2.6. O custo de um correspondente

Quando pensamos no jornalista correspondente, logo nos chega à mente os altos valores gastos com profissionais e custos operacionais fora da região de origem

do veículo de comunicação. Numa empresa do ramo jornalístico, seja um jornal, uma emissora de TV, uma rádio ou um site, os jornalistas representam uma boa parte dos gastos, além dos elevados custos de papéis, impressoras, microfones, câmeras, antenas e demais equipamentos.

De acordo com um levantamento feito pela jornalista Pamela Constable (2017), do The Washington Post, a manutenção de um escritório de jornal impresso americano no exterior custa entre U\$ 200 mil e U\$ 300 mil por ano, um valor significativo para qualquer empresa do setor.

Para o jornalista econômico americano Peter Goodman (2013), uma das explicações para o custo elevado está, justamente, no quesito profissional. Ainda que em um perfil de transformação, a vaga de um correspondente estrangeiro deve ser ocupada por um jornalista bastante qualificado, muito experiente, que domine outros idiomas e que saiba apurar e reportar bem as histórias daquela determinada região, fazendo com que seu ordenado seja superior a de seus colegas e, conseqüentemente, tornando as notícias internacionais sejam excessivamente caras.

Ainda segundo Goodman (2013), as elevadas despesas financeiras dos patrões não são, na maioria das vezes, compensadas com o retorno de patrocinadores, diminuindo, consideravelmente, as expectativas de venda de publicidade durante o espaço noticioso internacional. Isso porque, se por um lado, empresas de tecnologia e de serviços financeiros costumam financiar coberturas jornalísticas sobre inovação ou empreendedorismo mundo afora, por outro lado, não querem associar suas marcas às tragédias típicas da cobertura internacional, como conflitos, bombardeios e guerras.

Com uma conta que não fecha, muitas redações decidem por encerrar seus escritórios no exterior e cortar o número de correspondentes internacionais.

Segundo os professores e pesquisadores de comunicação na Louisiana State University John Maxwell Hamilton e Eric Jenner (2004), o número decrescente de correspondentes internacionais segue uma tendência darwinista, em que os mais adaptados sobrevivem.

Deste modo, o ideal, em termos econômicos para as empresas, é que o jornalista correspondente consiga realizar sozinho o trabalho todo, ou seja, apurar, escrever, fotografar, gravar, filmar, enviar e o que seja mais necessário para o desenvolvimento da função. Como veremos mais para frente, a tendência é, cada vez mais, que o correspondente seja cada vez mais um profissional autossuficiente e multitarefa.

2.7. O perigo de ser correspondente

A cobertura internacional realizada por um correspondente estrangeiro não contempla apenas uma ou outra área, como política, economia ou saúde. Ela é abrangente, incluindo conflitos armados, guerras, grandes acidentes e desastres naturais.

Deste modo, dependendo da região onde é desempenhada a função de correspondente, a linha entre segurança e risco é muito tênue, pois a realidade é demasiada violenta. De acordo com o Committee to Protect Journalists, só em 2016, 48 jornalistas foram mortos no mundo. Desse total, ainda de acordo com o órgão, mais de 15% eram correspondentes internacionais².

Aparentemente, o número é pequeno, mas a estatística do CPJ considera somente os mortos exclusivamente no exercício da profissão. Na verdade, o número real de correspondentes estrangeiros mortos pode ser ainda maior, já que alguns morrem em acidentes ou são vítimas de explosões e ataques terroristas em locais públicos que matam centenas de pessoas de uma só vez. Assim, todos esses cenários de conflitos, guerras e atos terroristas contribuem muito para os riscos da profissão do jornalista correspondente.

De acordo com os últimos acontecimentos, percebemos que a vida do correspondente está sendo tratada como uma moeda de troca por grupos extremistas. Por ser cidadão de outro país, sua sobrevivência é, por muitas vezes, negociada com as autoridades de seu país de origem. E, deste modo, o jornalista, que nunca deveria ser

² <https://www.cpj.org/killed/2016/> Acessado em 27 fev. 2017.

notícia, vira assunto na imprensa. Já foram muitos os casos em que sequestradores capturam o correspondente e fazem contato através de mensagens em vídeo, com exigências para que ele possa ser libertado ou para que apenas não seja morto.

O exemplo mais famoso dessa triste estratégia é o do jornalista americano Steven Sotloff, sequestrado e decapitado pelo grupo terrorista Estado Islâmico em setembro de 2014. A morte do profissional foi registrada em vídeo, como forma de pressionar os Estados Unidos a pararem de realizar ataques militares contra a organização terrorista na Síria. Outros casos conhecidos foram das jornalistas tunisianas Sofiene Chourabi e Nadir Khtari, sequestradas na Síria também por um grupo ligado do Estado Islâmico, por, teoricamente, estarem trabalhando para um canal de televisão considerado, pelos extremistas, como contrário a religião deles.

O caso mais conhecido da nação portuguesa aconteceu em 2003, quando a jornalista Maria João Ruela, da SIC Televisão, foi baleada em uma perna, quando acompanhava uma missão da Guarda Nacional Republicana, no Iraque. Na ocasião, uma comitiva com diversos profissionais de Portugal estava dividida em três jipes, quando foram interceptados por dois carros em uma estrada que os levaria até Bassorá, local onde estavam os militares da GNR que iriam participar de missões de segurança no país do Oriente Médio.

Nesta mesma situação, o jornalista da rádio portuguesa TSF Carlos Raleiras foi raptado e libertado pelos seus sequestradores no deserto iraquiano, a cerca de sete quilômetros da fronteira com o Kuwait. O governo português, o Pentágono, o grupo Lusomundo, a que pertence a rádio TSF, e as forças britânicas no terreno intermediaram as negociações para o resgate do repórter. Segundo estimativas, os sequestradores teriam exigido o pagamento de um resgate de 50 mil dólares para libertar o jornalista.

Os casos retratados são claras evidências dos atuais riscos da profissão de correspondente. E, para além da questão financeira, esse risco pode ser decisivo para a diminuição considerável do número de jornalistas correspondentes, seja por parte das empresas como por decisão dos próprios profissionais.

2.8. O atual papel, características e influências na atividade do jornalista correspondente

Atualmente, o correspondente internacional aparece em uma posição bem mais discreta no mundo das notícias. Um dos fatores para isso se deve ao fato de a própria profissão ser desempenhada de maneira diferente, pois o jeito de fazer notícias também mudou. Essa mudança é provocada, principalmente, pela transformação e aparecimento de novos meios de comunicação, impulsionados pela evolução tecnológica.

Como já vimos nos tipos e formas de correspondência, qualquer pessoa pode transmitir um acontecimento a partir de qualquer local, ocupando o papel primário do jornalista, que é reportar um fato em uma determinada região.

O próprio conceito de jornalista correspondente também está em evolução e abrange mais que um único sentido:

Existem várias formas de ser correspondentes estrangeiro (...) o correspondente por acaso, que nem é um jornalista, publicando por si próprio os conteúdos na Internet, ou o correspondente especial, como o Kevin Sites que é uma espécie de serviço internacional para a Yahoo!. Também existem os peritos altamente qualificados que preenchem a Web, sendo os jornalistas do Dow Jones News Service e da Bloomberg, um desses exemplos. (HAMILTON, 2008)

Uma das principais características no trabalho do jornalista correspondente é atrelada às mudanças provocadas pelas novas tecnologias. O noticiário internacional ganhou um fluxo, principalmente pela queda no custo para publicação e emissão e pelo fenômeno de proliferação de fontes não tradicionais. Segundo Hamilton (2004), outro fator tem mudado este trabalho: a audiência dos meios que, com a maior oferta deles, está mais fragmentada. Deste modo, o público consumidor está apto a escolher e filtrar aquilo que quer encontrar.

Como veremos a seguir, as transformações tecnológicas também fizeram com que apenas um profissional, ou seja, o jornalista, apurasse, entrevistasse, filmasse e editasse seu próprio material. Por um lado, o correspondente se tornou muito mais

autônomo do que já era, mas, por outro lado, essa autonomia pode também ser sinônimo de solidão.

Um outro aspecto que o jornalista correspondente tem de conviver é com a interferência das chefias nos países de origem dos órgãos de comunicação social. A evolução tecnológica também fez com que as redações pudessem exercer mais pressão sobre os jornalistas. As bases locais, através da internet, podem estar bem próximas de acontecimentos nos locais onde existem correspondentes, mesmo que estejam a milhares de quilômetros de distância deles:

Mais de um em cada quatro correspondentes a tempo inteiro afirmam que o seu trabalho mais recente foi requisitado pela redação. Dois em cada três discutiram a estória com a redação antes de a escreverem, e quase metade dos jornalistas discutiram a estória com a redação depois de a escreverem (HESS, 2005).

Além da internet e das agências internacionais, a explosão das emissoras “all-news”, chamada de “CNN effect”, também fazem parte, desde os finais da década de 1990, do cotidiano dos jornalistas correspondentes e também das redações. Deste modo, em muitos casos, as chefias acabam sabendo primeiro de determinados acontecimentos, dando uma sensação de que o correspondente esteja atrasado, embora é sabido que, por ser um só, o profissional não tem condições e nem é obrigado a ficar as 24 horas do dia com computadores e fontes ligados.

Essa característica também traz um outro ponto desconfortável para o correspondente: a invasão de privacidade. Isso porque em muitos casos os chefes perdem a noção de tempo e espaço e entram em contato com seu representante em horários inoportunos com pedidos urgentes de deslocamentos, como viagens ou coberturas especiais.

Segundo Vicente (2013), os canais de notícias e as agências não são mais as únicas novas fontes de acesso à informação checadas pelos órgãos. Os blogs e as redes sociais são outras importantes fontes de informação para os correspondentes. Um levantamento (cit. in VICENTE, 2013) mostra, por exemplo, que os correspondentes americanos são muito ativos e interativos no Twitter.

De acordo com Matheson & Allan (cit. in VICENTE, 2013), o aumento da participação de jornalistas correspondentes nesses meios tem uma explicação clara: os profissionais já não têm o monopólio da informação e já não são os únicos capazes de difundir tais notícias, isso porque tanto chefias quanto consumidores finais possuem acesso instantâneo a várias plataformas.

Porém, a tecnologia também vem somar positivamente alguns aspectos para o trabalho dos correspondentes. De acordo com Zelizer (cit. in RODRIGUES, 2008), “a crescente diversidade de fontes a partir das quais a informação pode ser compilada para a construção de uma notícia também conduziu a mudanças nas práticas noticiosas, que, com frequência, tornam o jornalismo uma operação mais coletiva”.

2.9. Mudanças e manutenções estruturais na correspondência internacional

A partir da década de 1990, diversos fatores contribuíram para a transformação do processo de trabalho de um jornalista correspondente. Como já destacamos, os satélites, a internet, as tecnologias de rede e a evolução dos computadores foram largos passos para a dinâmica do exercício da profissão, que gerou menos custos e mais qualidade. Em pouco tempo, “a concorrência global promoveu uma corrida tecnológica e administrativa entre as empresas em todo o mundo; as organizações evoluíram e adotaram novas formas quase sempre baseadas em flexibilidade e atuação em redes; os administradores e seus consultores finalmente entenderam o potencial da nova tecnologia e como usá-la, embora, com muita frequência, restrinjam esse potencial dentro dos limites do antigo conjunto de objetivos organizacionais. (CASTELLS, 2008)

Ainda segundo Castells (2008), os setores da mídia tiveram de se reorganizar a partir dessa nova realidade, com processos de fusões, de concentração de propriedade e capital e formação de grandes conglomerados midiáticos.

Nesse período de transformações, nasce o jornalismo digital, surge o movimento de convergência das mídias tradicionais para a rede mundial de computadores e cresce a exigência pelo imediatismo e de emissões em “tempo real”.

Nesse aspecto, Moretzsohn (2002) afirma que a questão da velocidade como característica do próprio sistema capitalista, através da consagrada expressão “tempo é dinheiro”, consolidando o processo de produção industrial da notícia, com a utopia de unir o mundo aos fatos em “tempo real” e em fluxo contínuo, ou seja, 24 horas, sete dias por semana. “A instantaneidade se fortalece como principal valor-notícia, levando ao extremo a corrida contra o tempo, que existia desde o primórdio da profissão como um elemento da atividade jornalística. Se o imperativo é saber de tudo o quanto antes, o papel do jornalista enquanto mediador legitimado é reduzido” (AGNEZ, 2014).

Segundo Moretzsohn (2002), esse ritmo de produção cada vez mais veloz causa uma consequência, no mínimo, grave: o jornalista é pressionado a publicar informações sobre as quais ainda não tem certeza absoluta. Além disso, é obrigado a reduzir a reflexão no processo de produção da notícia, aumentando a chance de erro e limita um só ângulo a abordagem descrever. Isso pode provocar questionamentos no leitor e impossibilita a ampliação do número de fontes, que, por norma, poderiam trazer essa diversidade.

Segundo Adghirni (2013), as mudanças estruturais no jornalismo internacional podem ser pontuadas em três eixos principais: produção, perfil profissional e novas relações com o público.

O eixo de produção, de acordo com a autora, caracteriza as modificações nas rotinas e nos padrões estabelecidos no exercício da profissão, principalmente a partir da introdução das tecnologias digitais, convergências de mídias, encurtamento nas etapas de produção e mudanças nas relações com as fontes. Segundo Silva (2011) e Natali (2004), a atividade do correspondente internacional, sempre associada ao desenvolvimento tecnológico, encontra-se desafiada pela convergência digital, até certo ponto gerando facilidades, mas também determinando novos padrões de produção.

O perfil profissional, segundo eixo nas novas relações do jornalismo internacional, retrata o aumento das atribuições dos correspondentes, transformando-os em “profissionais multimídia”. Nesse aspecto, “encontram-se questões relacionadas

à precarização da atividade profissional, mudanças na formação e ingresso na carreira, redefinições sobre o papel enquanto ator social, além de migrações para outras atividades da área de comunicação” (ADGHIRNI, 2013).

Nesse eixo, “observamos que figura do correspondente internacional, glorificada entre as décadas de 1970 e 1980 como o topo da carreira de um repórter, está ameaçada” (SILVA, 2011). “Os profissionais muito experientes, que transitam por diferentes culturas e são capazes de fazer análises conjunturais, parece estar sendo trocado por jovens profissionais à procura de grandes experiências, mas envolvidos pela precarização das atividades estruturais e salariais” (HAMILTON, 2008; BRASIL, 2012).

Por fim, as mudanças estruturais no exercício do jornalismo passam também pelas novas relações com o público, ou seja, como continuar presente na vida das pessoas em um momento de mudanças nos hábitos de consumo de informação, com migrações dos usuários, principalmente os mais jovens, para plataformas digitais e “a procura por mais participação e interatividade nos processos de produção da notícia” (ADGHIRNI, 2003).

Como vemos em diversos pontos deste trabalho, o cidadão, armado com tecnologias digitais, como computador e celular com acesso à internet, é, cada vez mais, um potencial produtor de notícia, a partir de qualquer lugar e em qualquer momento. Até agora, vimos que isto não chega a ser uma concorrência para a atividade do correspondente internacional, mas tem aberto uma série de trabalhos de cooperação para a produção entre profissionais e amadores.

Esse fator tem afetado diretamente os negócios da mídia e, com o propósito de reduzir custos e aumentar as vendas, o caminho nem sempre passa pelo jornalismo de qualidade, responsável, pelo papel de filtro ou mediador confiável. “Maximizar as audiências e os lucros e ao mesmo tempo reduzir os custos de produção significa diminuir o tamanho das salas de redação e redes de correspondentes, reduzir orçamentos para a reportagem e recrutar jornalistas autônomos perigosos” (NEVEU, 2010).

Ainda segundo Neveu (2010), a qualidade no jornalismo eletrônico está cada vez mais associada à rapidez e ao desempenho com as tecnologias. Ainda de acordo com o autor, a alternativa para a sobrevivência dos jornais impressos é exatamente esse espaço vazio, investindo no tripé qualidade, através de bons profissionais e bons assuntos, credibilidade e, por consequência, lucro.

Mas, as administrações dos veículos de comunicação têm ido na contramão deste modelo sugerido. Por causa da crise econômica, os grandes e experientes jornalistas têm sido demitidos e as redações estão cada vez mais vazias. Consequentemente, os serviços jornalísticos mais trabalhosos e interessantes deixam, dia após dia, de serem executados. Para Neveu (2013), o modelo atual não é sustentável, pois com um produto de menos qualidade, os meios perdem credibilidade e, assim, vendem menos publicidade e o lucro cai.

2.10. A internet e o jornalismo internacional

Desde que a internet se popularizou, a partir de 1995, os meios de comunicação se transformaram e encaram, dia após dia, um novo desafio com cada passo dessa tecnologia. Em termos gerais, a rede mundial de computadores acelerou a troca de informações em todo o mundo e encurtou as distâncias. Em frações de segundos, através de poucos cliques, as notícias, que antes demoravam muito tempo para serem amplamente divulgadas, lá no começo do jornalismo, agora chegam a todos que possuem acesso ao meio digital.

Com a internet, os milhares de quilômetros entre duas nações não tem mais nenhum significado quando falamos de transmissão de informações. Atualmente, o tempo gasto entre uma conversa entre dois vizinhos é o mesmo de uma conversa com uma pessoa no Catar ou na China. A grande rede fez com que o espaço físico desaparecesse.

Como já destacado anteriormente, outra vantagem que a internet traz é a democratização da informação. Qualquer pessoa que tenha acesso à grande rede pode divulgar qualquer notícia, fazer coberturas e emitir opiniões, através de sites, blogs e

redes sociais, sem nenhuma censura. Segundo Sarques (2005), que fez um estudo sobre a relação desta máquina super-poderosa nas transmissões de informações e o jornalismo internacional, “a internet por sua vez, ao conectar pessoas em rede, derruba barreiras geográficas e psicológicas, estreitando as relações humanas e aumentando a capacidade de solidariedade entre os povos” (SARQUES, 2005).

Dentre as inúmeras profissões que a internet transformou, no final do século XX, o jornalismo é uma das mais impactadas. “Uma transmissão que pode ser feita em segundos, que invade as casas das pessoas, a um custo relativamente pequeno é o sonho de qualquer empresário na área de comunicação. A web diminuiu a distância temporal entre o fato, o seu registro e divulgação” (SARTORATO, 2005).

Outro diferencial da internet em relação às agências internacionais de notícias é a pluralidade. Quem tem o conhecimento da língua inglesa pode ter acesso aos vários lados da notícia, adaptado às realidades próprias. Ainda segundo Sartorato (2005), as agências não mudaram sua forma de trabalhar e, mesmo com a disponibilidade da internet, continuam impondo a visão etnocêntrica dos países desenvolvidos no noticiário. Em outras palavras, as agências internacionais ainda não se adaptaram à nova realidade da rede mundial de computadores. Isso pode ser explicado pelo fato de os tradicionais veículos de massa ainda precisarem das agências para receberem praticamente todas as notícias que vêm de fora.

2.11. A interpretação da notícia

A notícia denominada primária, ou seja, nua e crua, já não é necessariamente apurada e transmitida pelo jornalista correspondente da atualidade. Com a globalização, a internet e os avanços tecnológicos, esse papel, normalmente, é desempenhado pelas agências de notícias.

Com um serviço especializado formado por uma grande equipe de jornalistas, são elas quem fornecem, em grande quantidade e em tempo quase que real, as notícias de relevância local e internacional de uma determinado região.

É humanamente impossível que um único profissional seja capaz de dominar jornalisticamente o que acontece de importante ao seu redor, pois, hoje em dia, as informações são transmitidas na velocidade do pensamento através da grande rede.

Com isso, o jornalista correspondente atual ganhou um novo papel para desempenhar de forma satisfatória o seu cargo: o de interpretar e contextualizar as notícias que despertam interesse para seu o público alvo.

Segundo a pesquisadora Tânia Menai (2007), “a falta de correspondentes no mundo, e a centralização das notícias apenas pelas agências internacionais torna a notícia pasteurizada”. Por isso mesmo, ele é o agente responsável por saber interpretar e contextualizar a notícia daquela região onde trabalha, apontando semelhanças e diferenças culturais e ideológicas com o seu país de origem.

2.12. Mídia e globalização da cultura

Em diversos pontos deste trabalho, vimos que, com a evolução tecnológica, o acesso à informação se tornou global e democrático. Uma pessoa pode, através da internet, por exemplo, acompanhar um evento em tempo real, de qualquer lugar do mundo. O mesmo acontece com outros milhares de indivíduos, em tantos pontos do planeta, que assistem a uma transmissão na TV, emitida por satélite. Publicações internacionais que migraram para a internet podem ser acessadas através de seus sites e lidas em muitos países distantes, ao passo que o tradicional leitor que reside na cidade de publicação do jornal, recebe-o em casa, na versão impressa.

A partir dessa prática, observamos que as notícias são capilarizadas pela mídia e, conseqüentemente, ela as molda, construnido práticas culturais. Na sociedade midiaticizada, as instituições, as práticas sociais e culturais articulam-se diretamente com os meios de comunicação, de tal maneira que a mídia se torna progressivamente o lugar por excelência da produção social do sentido, modificando a ontologia tradicional dos fatos sociais. (CABRAL, 1996).

No entanto, nos termos internacionais, essa difusão de informações e assimilação de práticas culturais só acontecem quando há um interesse global pelo assunto. Por exemplo, um site ucraniano só será acessado por um brasileiro quando há um algum interesse por parte do leitor, compartilhando de uma determinada cultura. Essa divulgação de informações pelo mundo e o seu respectivo interesse por diversos povos e nações é um fenômeno denominado globalização da cultura.

Uma das experiências definitivas do final do século vinte deve ser a globalização da comunicação e cultura. O fato é que as pessoas, virtualmente e no mundo todo, podem e observam os mesmos eventos em “tempo real”: “as Olimpíadas, o campeonato da Copa do Mundo, o Oscar, e significantes eventos históricos. (...) A cultura viaja através das bordas nacionais em surpreendentes, porém previsíveis maneiras”. (GROSSBERG, 1998)

Mesmo que tenha democratizado o acesso e a difusão de informações e culturas, o entendimento e a assimilação de uma notícia de contexto internacional nunca será a mesma nos países mundo afora. Segundo o autor, ainda há discrepância na divulgação de informações, já que os países com maior poder econômico (Estados Unidos e Europa) têm mais condições de divulgar suas culturas para outras nações do que outros menos favorecidos economicamente. Assim, o fluxo internacional de informação é submetido uma concentração de controle, principalmente pelas poucas agências de notícias dos países industrializados.

Os países desenvolvidos controlam praticamente o circuito mundial de notícias, através de cinco agências, editam 83% dos livros publicados no mundo, controlam as dez maiores agências de publicidade do mundo (sete são norte-americanas e três têm participação majoritária de capital norte-americano), produzem e exportam 77% só de filmes para cinema – e assim por diante. (ROSSI, 1995)

Apesar de grande parte das informações ser divulgada em escala global, com a democratização da internet, ainda são os meios de comunicação que exercem o papel de intermediários dessa difusão, quando, principalmente, o assunto for internacional. Isso pode ser explicado pelas barreiras lingüísticas e a falta de conhecimento cultural de um determinado país estrangeiro. Assim, com a dificuldade de entendimento, essa

informação acaba por não ser transmitida. Com o intermédio de um veículo de comunicação, a mesma informação chega ao consumidor final de maneira mais contextualizada para a total ou, pelo menos parcial, de seu conteúdo.

Ainda no contexto internacional, observamos que, na maioria das vezes, são os veículos de comunicação que nos chamam a atenção para assuntos vindos do exterior e que podem ser interessantes. E, mais uma vez com a ajuda da tecnologia, o jornalismo internacional pôde ter grandes avanços na disseminação de informação e, conseqüentemente, de cultura.

2.13. O mundo dividido por agências de notícias

As agências de notícias são especialmente importantes para a cobertura no jornalismo internacional por diversos fatores. O primeiro deles é porque os serviços dessas instituições foram, durante mais de um século, o meio mais acessível para um órgão de comunicação social obter informação sobre o maior número de lugares possível. E depois, pelo fato de ser muito mais barato o custo do serviço de uma agência de notícias do que o de manter um jornalista em cada região importante do mundo.

Como as maiores agências internacionais cresceram pelo fato de terem repórteres-correspondentes espalhados por praticamente todo o globo e fornecerem informação quantitativamente variada, é por elas que órgãos de mídia – e, assim, o público – recebem a maior parte do material que publicam. (AGUIAR, 2008)

Atualmente, cinco grandes agências internacionais abastecem os principais meios de comunicação mundiais: Reuters, United Press International, Agence France-Presse, Associated Press, e United Press International Television News. Mesmo não aparecendo como autoras de conteúdos emitidos pelos órgãos, essas empresas são responsáveis pela maior parte das notícias internacionais em mídias de massa de todo o mundo.

Devido ao grande número de clientes, elas podem manter escritórios em centenas de países e empregam milhares de pessoas em todo o mundo. Segundo o

jornalista e pesquisador americano Jim Richstad, as "equipes contam com centenas de correspondentes, stringers, repórteres e câmeras-men, e elas controlam sofisticados equipamentos de transmissão em alta velocidade e fazem uso extensivo de satélites de comunicação" (RICHSTAD, 1981).

2.14. A duração da atualidade e a periodicidade no contexto jornalístico

Desde os conceitos básicos de notícia, sabemos que o jornalista trabalha sempre condicionado por um eterno companheiro de jornada: o tempo, um elemento fundamental para o bom exercício da profissão. Um dos grandes desafios do jornalista é saber administrar esse tempo. Uma informação divulgada muito rapidamente pode até ter um maior impacto no momento, mas poderá não ser tão isenta e bem apurada, como deveria ser.

Ao passo em que o tempo deve ser bem condicionado, o conteúdo a ser produzido pelo jornalista tem de ser atual e despertar algum interesse para o público, até ser substituído por outro e outro e, assim, as notícias vão compondo os diversos produtos criados pelos meios de comunicação, numa eterna briga para que as coisas estejam sempre atualizadas.

Essa atualidade pode ser variável, com prazos muito determinados e urgências impostas, e é caracterizada pela periodicidade, que está enraizada no jornalismo e determina o ritmo de trabalho em todos os órgãos de comunicação social.

A periodicidade do meio cria o seu próprio tempo e impõe ao público um determinado ritmo de fornecimento da informação, o que equivale a uma atualidade programada. Por seu turno, o público habitua-se a este ritmo e adota o conceito de atualidade imposto pelos meios de comunicação (TRAQUINA, 2002).

A atualidade e a periodicidade são, sem dúvida, uma das grandes companheiras do jornalista que, permanentemente, deve administrar, através do tempo, o permanente conflito entre elas.

Além da periodicidade, que determina a atualidade, cada meio de comunicação trabalha com diversos tipos de atualidade: de curta, média, ou longa duração, e

permanente. Por exemplo, acidentes de trânsito (curta), realização de uma feira, um congresso (média), a cobertura informativa de um campeonato de futebol (longa) e os conflitos em zonas de guerra (permanente). Um fato se mantém atual por mais tempo a partir das expectativas que o assunto desperte ou consequências ele produza.

A alta velocidade na divulgação de informações dos meios eletrônicos faz com que, cada vez mais, por exemplo, a imprensa escrita concentre sua produção na análise aprofundada dos fatos, com profissionais capazes de comentar e embasar previsões e conclusões a partir do que é noticiado.

2.15. O modelo atual do trabalho do correspondente e dos meios de comunicação

Desde o surgimento do jornalismo, tanto a forma de se trabalhar como a forma de consumir as notícias mudaram, se transformaram. Com o espaço dedicado às notícias internacionais e o papel dos jornalistas especializados nessa editoria aconteceu a mesma coisa, ou seja, muita coisa mudou.

Portanto, se hoje tivéssemos que definir o espaço dedicados à informação internacional e o espaço que o jornalista internacional ocupa, podemos apresentar essa estrutura através de um tripé, ou seja, três bases importância fundamental para que essa prática seja bem exercida.

A primeira delas é a base das agências de notícias. Todo órgão de comunicação social precisa ter, no mínimo, a assinatura de uma grande agência de notícia para que se faça uma razoável cobertura internacional. Com o trabalho dessas empresas especializadas, as redações recebem conteúdo abrangente e com agilidade. Desta forma, um jornalista que tenha interesse e formação para a área internacional pode exercer sua profissão como repórter de uma agência de notícias.

A segunda plataforma de trabalho é o executado dentro da própria redação. A facilidade de acesso, através da internet e satélite, por exemplo, abriu uma oportunidade para que o serviço de um jornalista internacional também possa ser feito de dentro das redações. Por uma questão operacional, há uma necessidade de centralizar as informações e discutir o produto final dentro do próprio terreno dos

veículos de comunicação. Um profissional interno tem condições de acessar rapidamente várias fontes de informações e coordenar, através do telefone, por exemplo, entrevistas e conteúdos que vêm de fora.

O terceiro e último campo deste tripé é feito pela figura do tradicional correspondente ou o enviado especial. Nenhuma tecnologia substitui o olhar de um ser humano diante de um fato interessante. Sem dúvida, um veículo que tenha o privilégio de ter um jornalista presente no local de um acontecimento marcante possui um diferencial em relação aos concorrentes. São os profissionais “no front” que vão trazer visões diferenciadas e adaptadas às realidades locais de seu país de origem, fora dos padrões das agências internacionais de notícias. A presença de um correspondente aproxima o público daquele local, através do conteúdo e também da emoção. Somente o correspondente consegue transportar o consumidor à realidade daquela localidade. O fator cultural é responsável pela diversidade nas visões jornalísticas descritas individualmente para cada nação, ou seja, “nada substitui um olhar brasileiro para os brasileiros” (SARTORATO, 2005).

2.16. Os principais fatores para a mudança na atividade do correspondente

Como já vimos, os jornalistas correspondentes tinham um papel exclusivo de reportar notícias de uma determinada região para seu país de origem. E, por muito tempo, por ser o único “olho e ouvido” daqueles meios, tinham muita independência editorial. No entanto, com o advento da internet e da globalização, as imensas distâncias entre bases de origem e correspondentes foram diminuindo.

Para Lavingston e Asmolov (cit. in VICENTE, 2013), as transformações pelas quais a classe têm sofrido são causadas pelo caráter da informação noticiosa, originária na revolução tecnológica, em especial no surgimento dos meios digitais.

E, como destacamos acima, a globalização também “tem transformado os significados de local e global, alterando a forma como o mundo é noticiado, através da fusão das agendas nacionais e internacionais” (SAMBROOK, 2010). Ou seja, esse conjunto de fatores (avanço tecnológico e globalização) foi o principal motivo

mudanças na atividade diária do correspondente e na própria maneira de como o mundo vira notícia.

No entanto, outro fator também transformou, de forma abrupta, o trabalho dos jornalistas correspondentes: a crise econômica que atingiu diversos países de maneira geral e especificamente os grupos de mídia de todo o mundo.

A queda nas audiências dos grandes veículos de comunicação e, conseqüentemente, nas receitas publicitárias, fizeram com que os tradicionais meios passassem por um processo de reestruturação e, como vimos em capítulos anteriores, a editoria de internacional é uma das primeiras a passarem por enxugamentos, com muitos cortes em correspondentes e escritórios no exterior. Muitos países, como é o caso de Portugal, deixaram de ter representantes internacionais em seus territórios pela pouca importância jornalística no contexto geopolítico internacional.

2.17. Globalização, novas fontes e evolução tecnológica

O progresso tecnológico representa, continuamente, uma revolução para o jornalismo internacional. A cada novo passo nesse campo, as técnicas e possibilidades de transmissão se multiplicam. Essa transformação acontece desde os tempos do telégrafo, passando pelo satélite e, hoje, pela revolucionária internet. Porém, essas inéditas possibilidades também trouxeram grandes desafios para o jornalista correspondente.

Um dos principais desafios a ser enfrentado pelo jornalista correspondente nesse início de século é a de adaptação a um novo cenário tecnológico. “O desenvolvimento das tecnologias acompanhou toda a história dos correspondentes internacionais, das cartas que atravessavam os continentes em navios aos canais de notícias 24 horas e a internet, que permitem ao profissional hoje saber o que está acontecendo em toda parte” (SILVA, 2011).

A contínua evolução da tecnologia permitiu a cobertura ao vivo de eventos mundiais via satélite e contribuiu para a criação de canais exclusivamente de notícias (all-news) que teve um aumento de demanda considerável por esse tipo de cobertura.

Por exemplo, a Guerra da Vietnã foi uma das primeiras guerras em que os correspondentes de guerra tiveram acesso a esses novos equipamentos e o fato pôde ser transmitido, em tempo real, por diversas redes de notícias de todo o mundo.

Desde então, segundo Hannerz (2004), a mídia vem contribuindo para uma “empatia eletrônica” e, assim, para o crescimento de um cosmopolitismo passivo.

Quando você vê crianças morrendo na tela, ou corpos emagrecidos por detrás de arame farpado em um campo de concentração recentemente descoberto, ou um grupo de fanáticos voluntariamente derrubando um avião de passageiros em um arranha-céu cheio de pessoas, você se comove fortemente com isso, e você pode querer fazer algo a esse respeito ou insistir para que alguém responsável tome uma atitude (HANNERZ, 2004).

De lá para cá, vimos que a revolução em termos de transmissão e execução foi mesmo trazida com o surgimento da internet, com reflexos diretos na realidade dos correspondentes internacionais. O posto, que sempre esteve associado a esse desenvolvimento, tem na grande rede uma forte aliada, ao aproximar esses profissionais da chefia, da redação, dos colegas de trabalho e das fontes, mas, por outro lado, pode os obrigar a se manterem conectados por longas jornadas e a produzir muito mais conteúdos.

A tecnologia avançada também refletiu no progresso de dispositivos disponíveis com preços acessíveis (notebooks, computadores, celulares, tablets, gravadores, smartphones, câmeras digitais). Essa democratização facilitou o trabalho tanto dos grandes conglomerados de mídia como de médios e pequenos produtores de informação.

De acordo com Paulo Nuno Vicente (2013), o antigo modelo de acesso a notícias internacionais era restrito a apenas algumas organizações, que tinham dinheiro e recursos tecnológicos para enviar correspondentes para qualquer parto do mundo. “Agora, qualquer pessoa pode fazer a mesma coisa com ligação à internet e um computador portátil” (VICENTE, 2013). O antigo modelo era feito, segundo Harding (cit. in VICENTE, 2013), “de um para muitos”, sendo que hoje, com a nova tecnologia e a internet, é feita de “muitos para muitos”.

Esse avanço, como já vimos, introduziu uma nova prática laboral para o jornalista correspondente, quando a função passa a ser desempenhada de forma completamente individual através do acesso os meios portáteis de transmissão necessários, como câmeras e computadores.

Hoje, é possível fazer um trabalho jornalístico em qualquer lugar do mundo, com um smartphone, um carregador de bateria e um cartão de crédito. “Com o tempo, além de diminuir a quantidade e o peso do que se achava recomendável levar para uma missão jornalística, também mudou essencialmente a prioridade desse equipamento: do que é necessário para coletar informação para o que é preciso para transmiti-la” (SILVA, 2011).

A tecnologia pode também, por um lado, ter enfraquecido a figura do correspondente internacional. Antes, até meados dos anos 1990, considerado “os olhos e os ouvidos” daquele determinado veículo em uma região, o trabalho deste profissional foi, em alguns casos, substituídos por mecanismos bem mais em conta: assinatura de canais internacionais de televisão all-news e o acesso livre, pela internet, a sites mundiais que permitem o conhecimento sobre os acontecimentos no mundiais.

Assim, as novidades das tecnologias aliadas ao processo de globalização aumentaram o fluxo informativo, trazendo mais mudanças para o jornalismo internacional.

Toda essa transformação também trouxe algo de negativo para o resultado do trabalho dos correspondentes internacionais. Segundo John Maxwell Hamilton (cit. in SILVA, 2011), “a tecnologia poupa tempo na transmissão, mas o devora de outras maneiras”. Em outras palavras, com as atuais exigências de reportagens “ao vivo”, instantâneas e imediatas, o tempo para apurar informações, consultar várias fontes, confrontar opiniões e pensar é, cada vez mais, tolido. Assim, como a pressa é inimiga da perfeição, o imediatismo exigido de todo jornalista (não só do correspondente) na segunda década do século XXI pode trazer, no futuro, sérios problemas de credibilidade dos meios.

2.18. Desafios para o correspondente internacional

O profissional correspondente enfrenta, atualmente, não só o desafio de se adaptar a um novo cenário tecnológico. Para além disso, ele precisa lidar com mais duas realidades no modelo atual de negócio das empresas de mídia. São eles as esferas comercial e até mesmo editorial, com alterações nos enfoques das regiões de cobertura na conjuntura internacional da atualidade.

Dos jornalistas é cada vez mais exigida a competência de saber mais, aprender mais para saber explicar ao público consumidor fatos cada vez mais complexos e interligados. Porém, segundo Williams (2011), ainda existe um desafio maior: “ao mesmo tempo em que a globalização é um fenômeno estabelecido e proeminente, sobretudo para os países ocidentais, é constatada a redução do noticiário internacional inclusive em países como a Inglaterra e os Estados Unidos” (WILLIANS, 2011).

Na cobertura internacional, em especial, um outro fenômeno surgiu com o advento das tecnologias: o jornalismo cidadão, que, através de pessoas comuns, desempenha um papel ativo no processo de coleta, elaboração, análise e divulgação de notícias e informações.

O novo cidadão, munido com tecnologias digitais, torna-se cada vez mais um potencial produtor de informação de qualquer lugar, a qualquer momento. Este fato não apenas supõe uma concorrência para a atividade do correspondente internacional, mas tem sugerido uma série de trabalhos de cooperação para a produção entre profissionais e amadores (DEUZE, 2008).

Essa prática tem acontecido por, principalmente, dois fatores. O primeiro é o fato de o cidadão, na condição de produtor de conteúdos, ter o domínio necessário do idioma e o entendimento do contexto local para expor um acontecimento e o outro é, mais vez, em função da crise econômica, já que, muitas vezes, os jornalistas cidadãos aparecem como alternativa para a difusão de notícias no mundo.

O fenômeno colaborativo pode enfraquecer, ainda mais, o trabalho de um correspondente. Atualmente, qualquer pessoa pode reportar um fato a um órgão de comunicação social. E isso tem acontecido. Com a ploriferação das redes sociais, dos

blogs, dos celulares e das câmeras escondidas, o cidadão comum também atua como um fiscal da própria sociedade onde vive.

Os vigias da sociedade estão em toda parte, fornecendo tanto informações em primeira mão, antes dos jornalistas, como fiscalizando a atuação desse profissional, comentando, criticando e contestando. Com essa democratização dos meios, os veículos de comunicação, além de empresas, políticos, organizações civis e o próprio cidadão comum estão mais expostos.

Uma notícia incompleta, com uma apuração não tão criteriosa, pode facilmente, na mesma velocidade da web, ser desmentida e a própria produção questionada. O que fará um leitor pagar por uma informação? Qualidade, credibilidade, relevância, afetividade, velocidade – enfim, empresas jornalísticas de todo o mundo estão em busca dessa resposta. (AGNEZ, 2014)

As manifestações em 2009, no Irã, por exemplo, onde o governo bloqueou todo o acesso aos meios de comunicação estrangeiros e nacionais, foram noticiadas através do Twitter, que recebia milhares de atualizações dos moradores do país. “Em algumas partes do mundo, internet e celulares desempenham um papel vital em informar o mundo sobre o que está acontecendo, compensando as restrições sobre os meios de comunicação” (WILLIAMS, 2011).

De acordo com Sambrook (2010), a internet permite que as redes sociais funcionem como “suplemento e complemento daquilo que as organizações profissionais de notícias oferecerem, fornecendo materiais de novas e frescas fontes para os jornalistas, mas também competindo com eles por atenção dos leitores”. Deste modo, jornalistas e cidadãos podem reportar algo que testemunhe e compartilhar em qualquer plataforma. Esse papel, portanto, deixa de ser exclusivo do jornalista, enquanto repórter dos fatos.

Além do cidadão comum, empresas, governos e organizações não-governamentais também aproveitam a oportunidade de divulgar seus próprios serviços de informação. Ainda de acordo com Sambrook (2010), utilizam as novas tecnologias e serviços para “falar diretamente com o público em favor dos seus próprios interesses”.

De acordo com Hess (2005), a internet traz mais um desafio para os correspondentes internacionais em certos tipos de notícias: “Devido às bases de dados dos governos e das empresas, que diferença faz ter um correspondente em Nova York ou Frankfurt?”. Para estes casos, ainda segundo o autor, uma simples ligação ou divulgação de um comunicado na internet compromete o lugar dos jornalistas correspondentes que, em algumas ocasiões, se tornam desnecessários.

Estas novas ferramentas também trazem outro desafio ao jornalista, seja ele correspondente ou não: as já conhecidas fake news. A internet permitiu, também, que notícias e informações falsas surgissem mais corriqueiramente.

A partir desse cenário, o jornalista Clóvis Rossi (cit. in AGNEZ, 2014) defende um futuro para a correspondência internacional dentro do jornalismo, uma vez que, diante da quantidade de informações (verdadeiras ou não) que circulam na internet, é cada vez mais necessário alguém que recolha tudo isso e “dê um certo sentido, uma certa organização, um certo contexto, uma certa perspectiva de consequências, enfim, alguém precisa fazer esse trabalho”.

CAPÍTULO 3 – OS CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS BRASILEIROS

3.1. Os correspondentes brasileiros no exterior

O perfil tradicional do jornalista correspondente brasileiro já não é o mesmo glorificado entre as décadas de 1970 e 1980 como o topo da carreira de repórter. “O profissional experiente, letrado, imerso em diferentes culturas e capaz de análises conjunturais está dando lugar a jovens correspondentes motivados por boas experiências profissionais, mas submersos em um cenário de precarização da atividade (estrutura e remuneração, por exemplo)” (SILVA, 2011).

Um estudo realizado por Rocha (2013) com correspondentes brasileiros na Europa confirma esta tendência. A nova geração parece estar dominando o campo de correspondência por alguns motivos. Um deles é o fato de jornalistas mais jovens estarem disponíveis para trabalhar mais horas do que os repórteres mais experientes. Além disso, os mais novos têm, na maioria das vezes, um conhecimento mais aprofundado sobre as novas tecnologias.

O levantamento também mostrou que a nova geração de correspondentes brasileiros tem mais habilidades com as línguas estrangeiras se comparada com os colegas veteranos; e que são profissionais interessados em temas internacionais, seja por influência familiar ou por aptidão pessoal e buscaram essa experiência por conta própria, especialmente através de cursos de especialização.

Rocha (2013) também traçou um pequeno perfil sócio-econômico dos correspondentes brasileiros e chegou à conclusão de que a classe representa o jornalista brasileiro típico, ou seja, uma pessoa branca e de classe média, altamente educada, satisfeita com a posição profissional e não muito envolvidos com os sindicatos da categoria.

Dos 10 jornalistas brasileiros ouvidos na pesquisa, um tinha apenas a graduação, um pós-graduação, seis eram mestres e dois tinham doutorado. Em relação à carreira, “o estudo ainda identificou que os correspondentes brasileiros não tinham

qualquer formação específica para a área e que o acesso ao cargo foi uma junção de oportunidade, com contatos profissionais anteriores, qualidade do trabalho que desenvolvia no Brasil e o domínio de uma língua estrangeira” (ROCHA, 2013).

3.2. Forma de distribuição dos correspondentes internacionais

Os jornais impressos, ao lado das emissoras de TV, são os meios de comunicação que mais enviam jornalistas brasileiros para o exterior. Apesar de não existir qualquer levantamento oficial de entidades ou associações que registre o total de correspondentes brasileiros no exterior, foi possível fazer um levantamento, feito em março de 2017, com dados coletados no *mailing list* dos portais dos Jornalistas e Comunique-se, confrontados com dados disponibilizados pelos principais veículos de comunicação do Brasil.

Em relação à distribuição geográfica, Estados Unidos, França e Inglaterra, centros da economia e da política internacional, concentram o maior número de jornalistas atuando pelas empresas brasileiras. A Argentina aparece como opção para enviar um profissional que tenha a responsabilidade de cobrir a América Latina. Israel também permanece no centro da cobertura quando o assunto é Oriente Médio, com uma experiência pioneira do jornal Folha de S. Paulo no Irã a partir de 2011.

Além do Irã, a Folha conta com nove colaboradores distribuídos entre Estados Unidos, Inglaterra, Espanha, Portugal, China, Argentina, Israel e Irã. No jornal O Globo, os correspondentes são encontrados no Japão, França, Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Argentina, Espanha e Israel, entre correspondentes e colaboradores fixos. O Estado de S. Paulo conta com cinco profissionais distribuídos entre Estados Unidos, França Portugal e Suíça, além de jornalistas que alimentam a agência Estadão Conteúdo na Argentina e Inglaterra. O jornal Valor Econômico (do Grupo Globo) também possui colaboradores na Argentina e na Suíça.

Segundo lembra Agnez (2014), “as três principais agências de notícia brasileiras estão vinculadas a esses três jornais – Estadão Conteúdo, Agência O Globo e Folhapress. O sistema de trabalho é cooperado, ou seja, o material produzido por

esses correspondentes é compartilhado por todas as empresas do grupo, entre impresso, internet, agências e rádios, quando é o caso”.

As revistas têm quadros bem mais enxutos. A Veja, que chegou a contar com cinco correspondentes, só emprega um profissional, alocado em Paris. A Carta Capital tem dois colaboradores, que trabalham na França e na Inglaterra.

As emissoras de rádio brasileiras nunca tiveram o costume de enviar correspondentes para o exterior. Somente a Jovem Pan e BandNews FM contam com jornalistas que moram fora do país: um nos Estados Unidos e outro em Paris.

As emissoras de televisão só começaram a investir fortemente no posto de correspondente a partir de meados da primeira década do século XX. A TV Globo, como veremos a seguir, abriu seu primeiro escritório em Nova York, no ano de 1973. De lá para cá, a emissora já teve profissionais no Japão, em Portugal, Alemanha, França, Itália, Inglaterra, Argentina e na África do Sul, motivada pela sua principal concorrente, a Record TV, que desde 2008 reforçou sua programação e equipe jornalísticas, inclusive no exterior e, conta, hoje, com correspondentes nos Estados Unidos, Inglaterra, Portugal, Israel e Japão.

O SBT também tem um time de quatro jornalistas que trabalham na Argentina, Itália, Inglaterra e Estados Unidos. E as TVs Bandeirantes e RedeTV! trabalham com funcionários destacados nos Estados Unidos e França.

A TV Brasil, a única emissora pública disponível em antena aberta, conta com dois correspondentes fora do país. Um trabalha na Argentina e outro na Colômbia.

No que diz respeito à infraestrutura, os correspondentes brasileiros trabalham, atualmente, em casa ou, no máximo, em pequenos escritórios, diferentemente da década de 1990, na qual os veículos contavam com grandes equipes no exterior e estações de trabalho mais robustas.

3.3. A TV no Brasil

A televisão brasileira foi inaugurada, oficialmente, no dia 18 de setembro de 1950, pelo jornalista Assis Chateaubriand, em estúdios precários instalados no Palácio do Rádio, na cidade de São Paulo. Como havia poucos televisores na região, o empresário mandou instalar cerca de 200 aparelhos em bares e lojas da cidade, para que o público pudesse assistir ao grande acontecimento, que iria mudar o país (PATERNOSTRO, 1999).

Apesar da democratização da internet, a televisão continua sendo o meio de comunicação mais consumido pelos brasileiros. De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia 2016, realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística, com mais de 15 mil entrevistados, 95% assistem TV. Desse total, 89% afirmaram que veem para se informar³.

A TV é o meio de comunicação mais utilizado pelos entrevistados, sendo mencionada pela quase totalidade da amostra. Pouco mais de 75% dos entrevistados assistem TV todos os dias da semana, com um tempo médio de acesso que supera as três horas diárias. As emissoras da TV aberta são as mais assistidas, principalmente a TV Globo.

A presença do meio de comunicação na residência do brasileiro também é comprovada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Segundo o último recenseamento, do ano de 2010, mais de 95% das casas no Brasil têm TV, índice superior ao dos frigoríficos, por exemplo, que estão presentes em 93% dos espaços. No Brasil, portanto, encontramos casas que têm TV, mas não tem geladeira.

3.4. A TV Globo

Criada em 1965, a TV Globo é a maior emissora de televisão do Brasil e a segunda maior do mundo, atrás apenas da ABC, dos Estados Unidos. Ela é a principal e

³ <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>. Acessado em 10 fev. 2017.

mais conhecida empresa do Grupo Globo, o 17º grupo de mídia do mundo, atrás de gigantes como Google, News Corporation e Walt Disney Company. O conglomerado alcançou a mesma posição em 2015 na lista das "30 empresas mais influentes do mundo na área de mídia". O Grupo Globo é o único latino-americano entre os 20 maiores do mundo, e hoje é maior do que grupos de mídia conhecidos internacionalmente, como Microsoft e Yahoo!.

A emissora generalista reúne grande parte dos 3,9 bilhões de dólares investidos em publicidade no Brasil, conseguindo arrancar cerca de 80% da publicidade investida em televisão e cerca de 60% do mercado global de publicidade no país, o sétimo maior do mundo.

O conglomerado que representa a Rede Globo de Televisão é formado por cinco emissoras próprias – localizadas no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Minas Gerais e Recife – e 117 afiliadas. “Atualmente, a rede cobre 98,44% do território nacional, atingindo 5.485 municípios e 99,50% da população. No total são 28 grupos de comunicação, com cerca de dez mil profissionais distribuídos por dezenas de sucursais” (MEMÓRIA GLOBO, 2004).

Com uma programação que mistura jornalismo e entretenimento, a TV Globo produz, diariamente, oito telejornais, que são transmitidos para todo o Brasil.

Das 24 horas do dia, aproximadamente sete horas são dedicadas aos programas jornalísticos da casa, ou seja, quase 30% da grade são compostos por telejornais. A produção jornalística soma um pouco mais de 62 mil horas por ano (média de 5.167 horas por mês). São cerca de 650 equipes de reportagem nas emissoras e afiliadas, formando a maior equipe de jornalistas do país, com mais de 3 mil profissionais.

3.5. A GloboNews TV

A GloboNews é um canal brasileiro de televisão por assinatura, pertencente e produzido pela TV Globo, que transmite uma programação jornalística durante as 24

horas do dia. Inaugurado em 15 de outubro de 1996, é a primeira emissora “all-news” brasileira.

O canal exibe durante a sua programação diversos programas jornalísticos e telejornais, reprisa alguns conteúdos da TV Globo e possui um vasto cardápio de programas de entrevistas e de variedades.

Com o aumento do número de assinantes de TV a cabo no Brasil e os últimos acontecimentos políticos e econômicos do país, a audiência da emissora vem crescendo gradativamente. Segundo o Instituto Brasileiro de Pesquisa e Opinião, a GloboNews é o canal de notícias pago mais visto no país.

Por ser um canal dedicado à notícia, o número de correspondentes e pontos de base pelo mundo é maior. Entre contratados e freelancers, a GloboNews dispõe, hoje, de 23 jornalistas em 17 cidades do mundo. São elas: Nova York, Washington, Londres, Berlim, Paris, Zurique, Madri, Lisboa, Hong Kong, Panamá, Moscou, Toronto, Tel Aviv, Kuala Lumpur, Buenos Aires, Cidade do Cabo e Los Angeles.

Por outro lado, mesmo com o dia dedicado às notícias, não é fácil fazer com que um determinado assunto fora do Brasil vire notícia no canal. É um trabalho diário de negociação entre correspondentes e chefias, que avaliam assunto por assunto para decidir o que é ou não interessante para a emissora.

3.6. Os telejornais e os fatos internacionais a partir de uma perspectiva brasileira

As notícias internacionais sempre foram destaque no telejornalismo brasileiro, sejam elas veiculadas a partir de imagens de agências de notícias ou por profissionais das emissoras no exterior. Quando produzidos por correspondentes ou enviados especiais, os materiais tendem a mostrar algo exclusivo e diferenciado, ou, pelo menos, marcar presença do canal num determinado local.

Seja de qualquer uma das formas, a cobertura internacional feita pelos telejornais brasileiros preza pela tentativa de apresentar os fatos ocorridos no exterior a partir de uma perspectiva brasileira, ou seja, de contextualizar o conteúdo para o

mais próximo da realidade cultural do país. Essa contextualização, como já destacamos, é uma prática primordial do correspondente internacional, seja ele colaborador de jornais, sites, rádios ou emissoras de televisão.

Além dessa contextualização, a figura do correspondente na televisão surge como um tradutor de referências e procura, através dessa tradução, ouvir, na medida do possível, brasileiros envolvidos com os fatos, como uma forma de se credenciar como uma fonte não apenas confiável, mas como àquela que está presente nos principais acontecimentos do mundo. O profissional tem de trazer uma abordagem diferenciada da notícia internacional, a qual se identifica com as particularidades e interesses do Brasil, fugindo do conteúdo padronizado pelas agências de notícias e publicada pelos jornais do resto do mundo.

Outra maneira que marca a cobertura internacional dos telejornais brasileiros é a exploração das entradas ao vivo de repórteres. Muitas vezes, o local onde o jornalista está não é o mesmo em que o fato a ser destacado acontece ou aconteceu, mas o critério adotado é o de perspectivas de aproximações histórico-culturais ou diante das lógicas das fontes hegemônicas de repercussão de conteúdos.

A noção de presença do jornalista passa a ser um estatuto de legitimidade em torno dos conteúdos, inclusive, apresentados com usos de materiais de agências de notícia internacional. “A presença seria, portanto, um dispositivo sensível que acionaria uma carga de produção de sentido para determinados conteúdos a partir da legitimação de um corpo que se apresenta próximo a um fato” (FECHINE, 2008).

3.7. O papel dos correspondentes internacionais na televisão brasileira

A presença de correspondentes internacionais nos telejornais brasileiros é, sem dúvida, a forma de uma determinada emissora estar mais próxima de um fato de repercussão mundial. Além disso, como vimos acima, é uma forma de legitimar aquela informação a ser emitida, ou seja, “manter correspondentes em praças internacionais proporciona tanto um incremento no suposto contrato discursivo da emissora em traduzir de maneira mais tangível fatos ocorridos em contextos distantes de suas sedes

quanto aponta para uma lógica de poder e legitimação em relação à concorrência.” (CAVALCANTI & SOARES, 2014)

A tendência de jornais e emissoras de televisão, desde 2002, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, tem sido a de reduzir os postos de correspondência no exterior. No Brasil, “constata-se um movimento oposto nas duas principais emissoras abertas do país, Globo e Record, que, com equipamentos menores, como ‘kit-correspondente’, e transmissões de baixo custo, aumentaram e descentralizaram suas bases no exterior” (ESPERIDIÃO, 2007).

Nos telejornais do Brasil, a noção de presença é um importante articulador em torno das formas de fruição de um senso de crença e verdade no pacto do jornalismo internacional.

Aliadas a essas presenças, os jornalistas utilizam diversas técnicas como a da mediação para transformar fatos em notícia e a do testemunho. Assim, faz uma narrativa argumentativa, que jamais será contestada pois pode afirmar, com propriedade, o que presenciou. É através desse relato baseado no testemunho, principalmente ocular, que a função desempenhada por um correspondente conquistou credibilidade com o público.

Nas reportagens gravadas, ou seja, que não são transmitidas ao vivo, o telejornalismo brasileiro tem por tradição também trazer a figura do jornalista no vídeo, num recurso chamado de passagem. Para isso, o espaço reservado à passagem do jornalista correspondente, quase que obrigatória, serve para que haja um processamento do acontecimento descrito e faz-se afirmar a presença física onde o fato se desenrola. Fachine (2008) conseguiu listar sete funções desempenhadas pela passagem do repórter dentro de uma reportagem. São elas: contextualização ou recuperação de informações; desdobramento do fato/fenômeno; indicação ou realce de percurso; hierarquização de informações; gerenciamento de atenção; proposição de juízos interpretativos; construção de presença. Podemos observar que todas elas podem se encaixar no trabalho feito pelo correspondente.

Um outro fenômeno instituído pelos telejornais brasileiros é o de buscar associação com um acontecimento ocorrido em um lugar diferente (mas, relativamente próximo) de onde está o correspondente, que se alimenta, então, da notícia ocorrida. A construção de presença continua existindo, no entanto, de maneira bem aproximada.

Uma notícia sobre Honduras, por exemplo, que vai fazer parte de um telejornal da TV Globo, pode ser transmitida com a presença do correspondente da emissora em Buenos Aires. Para isso, utiliza-se termos mais genéricos como o título de “correspondente na América Latina”. Mesmo que o repórter apareça a mais de 6 mil quilômetros de distância do fato ocorrido, a parte estética garante a credibilidade da notícia veiculada. O estereótipo da latinidade está presente na proposta da Argentina ser pano de fundo para falar de Honduras. O mesmo pode acontecer como correspondente na França falar sobre Luxemburgo e proximidades.

Atualmente, todas as emissoras generalistas privadas do Brasil possuem, como vimos, correspondentes internacionais em seu quadro de jornalistas. Dentre elas, a TV Globo é a que conta com o maior número de profissionais mundo afora. As bases mais escolhidas pelos canais brasileiros para enviar seus colaboradores são Nova York, Londres e Paris.

3.8. Os correspondentes internacionais da TV Globo

Quando o principal telejornal da TV Globo estreou, em 1969, o principal objetivo da emissora era competir e ultrapassar as audiências da concorrência, a TV Tupi. Para que isso acontecesse de forma rápida, os editores do Jornal Nacional decidiram investir pesado no noticiário internacional como elemento diferenciador do concorrente e consagrado Repórter Esso.

Já em sua primeira edição, no dia 1º de setembro, o noticiário internacional registrava as mortes do campeão de pesos-pesados Rocky Marciano e do comentarista norte-americano Drew Pearson, conhecido no Brasil pela coluna que assinava na revista O Cruzeiro. Na Líbia, um golpe militar derrubou o príncipe Hassan Al Rida.

Imagens da agência Visnews mostravam a chegada ao Paquistão de uma caravana de chineses, montados em camelos, comemorando a reabertura da Rota da Seda, fechada desde 1949. No Japão, mulheres de mais de 50 países se preparavam para disputar o título de Miss Beleza Internacional. Pilotos de Linhas aéreas ameaçavam greve geral se a ONU não tomasse medidas efetivas em relação ao sequestro de um avião norte-americano.

Para os diretores editoriais da casa, a necessidade de ter uma equipe de repórteres fora do Brasil não era um discurso meramente corporativo. E, por isso, já na década de 1970, a TV Globo escalava a repórter Sandra Passarinho para ser a primeira correspondente da emissora na Europa, a partir de um marco na história de Portugal: A Revolução dos Cravos.

No mesmo dia em que aconteceu o golpe, 25 de abril, a repórter Sandra Passarinho e o cinegrafista Orlando Moreira foram enviados para Madri. Assim que chegaram à capital espanhola, os dois já enviaram via satélite matérias sobre a repercussão dos acontecimentos. No dia 27, alugaram um carro e foram para Lisboa. Nos 15 dias seguintes, fizeram gerações diárias de Portugal. Eles produziam as reportagens, revelavam o filme e ainda editavam o material para ser transmitido para o Brasil. A cobertura da Revolução dos Cravos teve boa repercussão, e a viagem dos profissionais foi estendida. Os dois ficaram cinco meses na Europa, cobrindo fatos importantes como as eleições na França, o referendo sobre o aborto na Itália, a morte do general Franco na Espanha e outros acontecimentos em Portugal. A intensificação da cobertura no continente europeu levou à criação do escritório em Londres (MEMÓRIA GLOBO, 2004).

Além da nova base na Europa, a emissora logo inaugurou um escritório em Nova York, nos Estados Unidos, para trazer, com mais autoria, os fatos jornalísticos mais importantes do país norte-americano. De acordo com Bonner (2009), ao longo dos anos, em muitas ocasiões, a TV Globo conseguiu “chegar à frente” de emissoras internacionais como a BBC e a CNN.

Na TV Globo, os profissionais designados a trabalhar como correspondentes no exterior são aqueles que se destacam nas principais regiões político-econômicas e, por

consequência, noticiosas do país: Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. O posto, na maioria dos casos, é temporário e tende a ser preenchido, em média, de dois em dois anos. Os repórteres não escolhem ser correspondentes internacionais. Pelo contrário, são escolhidos. Segundo Carlos Henrique Schroder, ex-diretor-geral de Jornalismo e Esportes da Rede Globo e atual diretor geral da empresa, a nomeação de um profissional como correspondente é um prêmio pelos serviços prestados à emissora. “É ter o seu trabalho reconhecido e respeitado, motivo de consagração entre seus pares. Carlos Henrique Schroder (cit. in BONNER, 2009) explica que é preciso o profissional estar credenciado para um voo dos mais altos.

Uma pesquisa feita por Stephen Hess, em 1992, com correspondentes norte-americanos que trabalham no exterior como correspondentes, confirma essa política de promoção. Os jornalistas que se dedicavam à atividade eram a “elite da elite” da imprensa, por serem poucos dentro de um grupo maior já considerado como elite (os jornalistas), terem educação formal e salários superiores aos de seus colegas, usufruírem de um estilo de vida que os leva a ter contato frequente com gente de muita fama e poder, desfrutarem de uma autonomia maior do que a da maioria dos demais jornalistas e, por tudo isso, terem a oportunidade de eles próprios se sobressaírem socialmente (SILVA, 2011).

Nenhum correspondente da TV Globo é vinculado a um telejornal exclusivo. O repórter tem um compromisso com a estação de forma geral, podendo, até participar de outros produtos não jornalísticos desde que justifique sua colaboração.

Na primeira década de 2000, o departamento de jornalismo da Globo fez um dos maiores investimentos em grandes coberturas no Brasil e no mundo. Sem dúvida um dos motivos para essa nova estratégia surgiu após uma das maiores coberturas da emissora no novo século: os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Para aumentar a presença e trazer mais informações internacionais para seus noticiários, a emissora ampliou o número de escritórios e passou a contar com correspondentes na Argentina, em Israel e no Japão.

No cenário mais ideal proporcionado pelos executivos da emissora, a TV Globo chegou a contar, em 2010, com profissionais baseados em Buenos Aires, Washington, Nova Iorque, Londres, Paris, Roma, Berlim, Lisboa, Jerusalém e Tóquio. Em situações mais específicas, conforme a necessidade do momento histórico-econômico que justificasse a presença de um repórter, outras regiões como China e África do Sul, por exemplo, também já tiveram correspondentes fixos do canal.

No entanto, assim como diversos importantes órgãos de comunicação do mundo, a TV Globo fez, em dezembro de 2015, uma reestruturação no seu quadro de correspondentes internacionais. Devido à crise econômica que o Brasil passa, desde então, a emissora se viu obrigada a reduzir custos de produção jornalística. E, como vimos em vários exemplos, o noticiário internacional acaba sendo um dos primeiros em uma lista de cortes.

Em muitos casos, houve uma substituição de profissionais experientes, consagrados e caríssimos por um grupo de jovens talentosos, menos experientes e com salários muito menos onerosos. Em outras situações, a direção de jornalismo da emissora decidiu por extinguir os postos. Portugal foi um desses casos.

Em Lisboa, a TV Globo manteve oficialmente o cargo de correspondente por seis anos. Entre 2010 e 2015, dois experientes jornalistas estiveram à frente do posto no país (anexo I). Neste período, participaram da cobertura dos 35 anos da Revolução dos Cravos, a visita do Papa Bento XVI a Portugal, e a participação do ex-presidente Lula da Silva na cúpula Ibero-Americana, a crise econômica, a repercussão na Europa do sorteio das chaves da Copa do Mundo de 2014, a renúncia do Rei Juan Carlos da Espanha após 39 anos de reinado e os ataques ao jornal Charlie Hebdo e a um supermercado judaico, na França.







Desde março de 2016, a solução para a cobertura dos assuntos de interesse jornalístico é utilizar, quando possível, o profissional que atua como correspondente no país para a GloboNews TV, o canal de notícias 24 horas do Grupo Globo.

Após a última reformulação, o time de correspondentes da TV Globo é composto, atualmente, por onze jornalistas, baseados nas cidades de Nova York, Washington, Londres, Roma, Berlim e Tóquio, como vemos abaixo.



Figura 1 – Mapa de correspondentes internacionais da TV Globo

Correspondentes internacionais – TV Globo

CIDADE	PAÍS	JORNALISTA
Nova York		Sandra Coutinho
Nova York		Alan Serveriano
Nova York		Fábio Turci
Nova York		Jorge Pontual
Nova York		Felipe Santana
Washington		Luís Fernando Silva Pinto

CIDADE	PAÍS	JORNALISTA
Londres		Pedro Vedova
Londres		Cecília Malan
Roma		Ilze Scamparini
Berlim		Rodrigo Alvarez
Tóquio		Márcio Gomes

Tabela 1 – Lista de correspondentes internacionais da TV Globo

3.9. Os correspondentes internacionais da GloboNews TV

Como já vimos anteriormente, a segmentação dos meios de comunicação fragmentou as audiências das emissoras de televisão, que, através da TV a cabo, agora oferecem muitos canais para seus assinantes. Esse fato também contribuiu para o crescimento do consumo por canais de notícias 24 horas, chamados de “all-news”.

Com a necessidade de atender um público maior e cada vez mais exigente, a GloboNews TV vem adotando, já há algum tempo, uma política de independência editorial de sua “nave-mãe”, a TV Globo. Isso acontece por inúmeras experiências negativas de falhas nos processos de produção e, principalmente, de parecer um canal repetidor dos telejornais da emissora aberta.

Apesar da crise econômica, o canal tem investido no número de profissionais para que, de forma autônoma, consiga fazer uma programação jornalística de alto nível e deixe, cada vez mais, de se tornar refém da produção jornalística feita pela Rede Globo.

Esse investimento, que já dá excelentes resultados de audiência e faturamento à GloboNews, também chegou, positivamente, ao noticiário internacional. O canal conta, atualmente, com correspondentes em algumas das principais cidades do mundo, uma rede que começou a ser criada antes mesmo da estreia do canal.

Os critérios, no entanto, não são tão semelhantes aos adotados pela rede. Sem serem efetivamente transferidos para alguma localidade, os correspondentes, em sua maioria, são jornalistas brasileiros que já moram, por qualquer motivo, na região onde desempenha a função. Muitos deles já tiveram passagem pela própria TV Globo, mas por alguma razão, deixaram a empresa para morar fora do país.

Atualmente, 22 profissionais em 17 cidades trabalham para levar o que há de mais importante e interessante para os telespectadores do canal.



Figura 2 – Mapa de correspondentes internacionais da GloboNews TV

Correspondentes internacionais – GloboNews

CIDADE	PAÍS	JORNALISTA
Nova York		Carolina Cimenti
Nova York		Candice Carvalho
Nova York		Guga Chacra
Washington		Raquel Krahenbühl
Los Angeles		James Cimino
Buenos Aires		Ariel Palácios
Toronto		Marzio Lourenzo
Paris		Elizabeth Carvalho
Paris		Lúcia Muzell
Paris		Daniela Legras
Paris		Paulo Mariotti

CIDADE	PAÍS	JORNALISTA
Londres		Rodrigo Carvalho
Madri		Luísa Belchior
Lisboa		Leonardo Monteiro
Berlim		Cristiane Ramalho
Zurique		Bianca Rothier
Moscú		Sandro Fernandes
Panamá		Renata Betti
Tel Aviv		Daniela Kresch
Kuala Lumpur		Mariana Aldano
Hong Kong		Luíza Duarte
Cidade do Cabo		Vanessa da Rocha

Tabela 2 – Lista de correspondentes internacionais da GloboNews TV

3.10. A imagem do Brasil no exterior

A imagem do Brasil no exterior se modificou. Se antes era visto apenas como um país exótico, conhecido pela floresta amazônica, pelo futebol e o carnaval, hoje, a imprensa internacional, em especial a norte-americana, destaca o seu potencial econômico, desde que o país assumiu a posição de sexta maior economia do mundo em 2011.

As pessoas olham para o Brasil e falam como que eles não conseguem mais do que eles estão fazendo. Americano quando

olha para o Brasil, as pessoas mais bem informadas, vêem o país como um pouco de si mesmos. Esse país aqui, os nossos dois países, são muito parecidos em certas coisas. São países de dimensão continental. São países onde havia populações indígenas, quando chegaram os europeus. São países que depois trouxeram escravos. (SILVA, 2005)

Essa “perplexa esperança”, descrita constantemente pelo jornalismo norte-americano, também foi retratada pela maioria dos veículos europeus nos últimos anos.

Porém, mais recentemente, a crise política brasileira é o assunto mais repercutido em reportagens e editoriais da imprensa estrangeira. O processo de impeachment de Dilma Rousseff desencadeou uma nova imagem do país no exterior. Na semana de 24 de abril de 2016, clímax de todo o caso, foram feitas inúmeras menções em jornais e sites internacionais sobre o que se diz sobre o Brasil lá fora. O cenário foi amplamente divulgado por veículos como The New York Times, The Guardian, El País e Le Monde. Em Portugal, todos os jornais impressos e emissoras de televisão também noticiaram o caso político.

Também ganham destaque na imprensa internacional a corrupção estrutural na política brasileira. Nos últimos anos, muitos escândalos em organizações públicas e em gestões governamentais foram descobertos e algumas operações policiais para combater esses crimes, como a Lava Jato, também ganharam espaço na mídia estrangeira.

De acordo com Ciro Dias Reis, jornalista produtor de um boletim trimestral sobre as impressões colhidas na mídia estrangeira sobre o que se passa no Brasil, “a imprensa internacional tem que ser um pouco mais didática e objetiva. É natural que a abordagem seja menos focada em detalhes e mais na essência do que está acontecendo”⁴.

Entretanto, não é a política nem a economia brasileira que abastecem a mídia internacional. É nítida a repercussão das cenas de violência, cada vez mais comuns em diversas regiões do território brasileiro. As verdadeiras barbáries, que muitas vezes já não nos chocam, estampam jornais e telejornais mundo afora. Como parte do serviço

⁴ <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-imagem-do-brasil-na-midia-estrangeira-uma-velha-obsessao>

que prestam, as agências de notícias com representações no Brasil enviam, quase que diariamente, produção noticiosa sobre a violência no Brasil.

Essa imagem do Brasil no exterior é uma preocupação muito antiga do jornalismo brasileiro. Ela pode ser explicada pelo famoso complexo batizado de vira-lata, ou seja, de uma visão inferiorizada que marca a percepção do brasileiro sobre si mesmo e seu país em comparação com outras nações. Porém, a discussão sobre a imagem de um país no exterior é importante sim para todas as nações, central nas relações internacionais, diplomáticas e, principalmente, comerciais.

CAPÍTULO 4 – O TRABALHO ATUAL DO JORNALISTA CORRESPONDENTE EM PORTUGAL

4.1. Jornalistas correspondentes estrangeiros em Portugal

Antes da Revolução dos Cravos, em 1974, o número de correspondentes em Portugal, segundo Manuel Correia (cit. in LARANJEIRO, 2009), chegava aos 25. Imediatamente após o fim da ditadura salazarista, mais de 300 jornalistas chegaram ao país. Com o passar do tempo, o número de profissionais foi decrescendo, acompanhando a tendência de normalização governamental do país.

Em 1994, segundo Correia (cit. in LARANJEIRO, 2009), existiam apenas 126 jornalistas correspondentes credenciados pela Associação da Imprensa Estrangeira em Portugal. Dez anos depois, Rodrigues (2008) mostra uma realidade totalmente diferente: a AIEP tinha apenas 47 membros representantes de 15 países diferentes. Segundo o autor, a classe era composta pela “permanência dos jornalistas de agências noticiosas, que podemos considerar a base da cobertura regular sobre Portugal, e simultaneamente a existência maioritária de free-lancers”.

Em 2009, o número subiu significativamente para 76 jornalistas correspondentes credenciados na Comissão de Carteira Profissional.

E, atualmente, 106 jornalistas correspondentes estão cadastrados na Comissão da Carteira Profissional de Jornalista em Portugal e a AIEP tem um total de 63 membros (ver anexos II e III).

De acordo com os dados disponibilizados pela CCPJ, 40 dos 106 inscritos na entidade têm nacionalidade portuguesa, representando 38% do número total de jornalistas correspondentes. O número elevado de portugueses que trabalham para órgãos internacionais é o reflexo das transformações que o posto vem sofrendo. Muitos veículos optam pela utilização de correspondentes locais, que vamos abordar a seguir, com o intuito de baratear os custos de produção. Segundo Sambrook (2010), “muitas organizações dependem de trabalhadores locais – com as vantagens e riscos que isso acarreta.”

Nos últimos quinze anos, os meios de comunicação vêm fechando as vagas ocupadas por jornalistas destacados para a cobertura internacional em várias partes do globo. “Um estudo recente da imprensa britânica, baseado na análise de conteúdos, descobriu que a cobertura noticiosa internacional caiu quase 40% entre 1979 e 2009.” (VICENTE, 2013).

Enquanto, por um lado, a tendência é de extinção dos muitos postos de correspondência por meio dos órgãos de comunicação, por outro, grandes agências de notícias continuam com consideráveis estruturas de repórteres internacionais. Segundo Vicente (2013), a agência Reuters tem 196 jornalistas em 131 países diferentes, a agência Associated Press está presente em mais de 120 países e a BBC trabalha com 200 correspondentes diariamente e com outros 400 esporadicamente.

4.2. Jornalistas correspondentes locais em Portugal

O jornalista correspondente teve, durante meio século, a missão de cobrir os acontecimentos que interessavam à audiência do seu país de origem. Por muitos anos, a grande diferença entre um jornalista e um correspondente era o fato de um trabalhar no país sede de seu veículo empregador, enquanto o outro desempenhava a função num país diferente de origem do seu órgão. Esses profissionais eram a principal fonte de informação de um determinado veículo e tinham uma posição de representante oficial daquele órgão em uma região. Mas, como já destacamos, a forma de se fazer jornalismo internacional vem se transformando.

Duas claras tendências marcam essa nova forma de fazer jornalismo com as notícias internacionais. A primeira, exaustivamente citada ao longo deste trabalho, é a de extinção das inúmeras vagas para esse posto em função de contenção de custos por causa da crise econômica dos órgãos de comunicação. A outra tendência está justamente na forma em que estes meios têm procurado preencher esta lacuna. Uma dessas alternativas é a contratação de jornalistas correspondentes locais: “as notícias internacionais estão a chegar a partir das pessoas desse país; alguns deles são jornalistas, alguns deles não são necessariamente jornalistas profissionais mas estão a ocupar o papel dos jornalistas ao reportar os acontecimentos” (VICENTE, 2013).

Além de haver jornalistas ingleses trabalhando para meios americanos, existem jornalistas nacionais trabalhando para meios internacionais, ocupando o espaço que era exclusivo aos jornalistas estrangeiros. Em Portugal, essa alternativa também já é uma realidade. Embora continuem a existir a figura dos jornalistas correspondentes tradicionais no país, começam a surgir novos tipos locais que desempenham funções semelhantes para veículos internacionais.

Em 2017, 40 jornalistas portugueses possuíam o Cartão de Correspondente Estrangeiro da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista em Portugal, ou seja, 38% do total de 106 jornalistas inscritos nessa categoria da entidade. Na Associação da Imprensa Estrangeira em Portugal, esse número é baixo, não passa de dez. Mas segundo a instituição, esta diferença pode ser explicada pela natureza da AIEP, que é apoiar os jornalistas correspondentes estrangeiros na sua chegada e durante a sua estadia. E, segundo a entidade, os jornalistas portugueses não precisam desse apoio.

4.3. Quem é o jornalista correspondente em Portugal

Um estudo realizado por Sandra Arruda (cit. in LARANJEIRO, 2009) mostrou que, em 1995, a média de idades dos correspondentes em Portugal era de 45 anos e a função era majoritariamente (60%) exercida por homens. Em 2004, em um estudo feito por Ana Luísa Rodrigues (2007), houve um crescimento no número de homens a desempenhar o trabalho, mas, em relação à idade, houve um rejuvenescimento da categoria. A maioria dos correspondentes que estão em Portugal tem entre os 31 e os 40 anos.

Em um levantamento de 2014, o jornalista correspondente que está em Portugal é majoritariamente do sexo masculino, tem mais de 50 anos e é casado. Segundo Coelho (2015), é um profissional com um alto nível de formação, na área das Ciências Humanas, com predomínio na Comunicação e no Jornalismo; vive há mais de uma década no país; trabalha para mais do que um órgão de informação, sendo que a imprensa e as agências de notícias continuam a ter maior presença; atua em regime freelancer; produz uma média de 12 trabalhos jornalísticos por mês e; obtêm um vencimento médio mensal líquido de 1.400 euros.

Os profissionais que chegam ao país são, na maioria, provenientes da Europa, Brasil e de países africanos de língua portuguesa. Quanto ao resto do mundo, a presença de correspondentes é muito escassa. Fora deste círculo, trabalham em Portugal jornalistas da Turquia, México, Marrocos e Estados Unidos.

Além disso, ainda de acordo com o levantamento de Coelho (2015), na generalidade, por causa dos longos anos de permanência, o correspondente estrangeiro fala fluentemente português; vive na capital Lisboa e; utiliza a própria residência ou escritório para trabalhar.

Os jornalistas correspondentes em Portugal são na sua maioria “long-timers”, ou seja, ocupam esta função por mais de cinco anos. Em depoimento à Rodrigues (2008), o jornalista alemão João Carlos, membro da AIEP, afirma que, à medida que os anos vão passando, torna-se mais fácil trabalhar em Portugal: “A facilidade resultará dos anos de vivência no país e da rede de contatos que o jornalista cria. Quanto mais conhecimento e contato tem com as pessoas/fontes mais facilmente se abrem as portas” (RODRIGUES, 2008).

4.4. O interesse jornalístico por Portugal na geopolítica internacional

Por cerca de 40 anos, mais precisamente entre 1932 e 1974, Portugal foi um país fechado ao mundo e para o mundo, principalmente no regime ditatorial de António Salazar. O período de sua gestão, batizada de Estado Novo, “levou o país para um atraso significativo relativamente às democracias europeias devido às suas políticas sociais, econômicas e culturais”. (LARANJEIRO, 2009)

Em termos públicos, a ditadura de Salazar utilizou-se de vários meios para garantir que os princípios governos não fossem colocados em causa, ou seja, não havia oposição política, havia prisões de todos aqueles que desafiassem ou fossem contra o regime e, no que toca o jornalismo, a censura, mais conhecida como “Lápis Azul”, que garantia a não publicação de tudo que era contra o regime. Durante esse período, nada era publicado sem passar pelo Lápis Azul. Deste modo, Portugal não tinha liberdade de expressão, o que se refletia em um jornalismo sem credibilidade.

O arcaísmo da sociedade portuguesa, impedindo o desenvolvimento dos vários setores da sociedade, impediu também o jornalismo nacional de crescer (LARANJEIRO, 2009).

A realidade marcada pela ditadura e censura foi, na época, a explicação para o pouco interesse noticioso por parte dos veículos de comunicação internacionais.

Segundo o jornalista Marcel Niedergang, “a obsessão do regime em guardar silêncio, é a vontade de Salazar de fechar fronteiras, é a hostilidade contra tudo o que poderia vir do exterior e corromper Portugal (...) que explica (...) a ausência da cobertura jornalística de Portugal pela imprensa estrangeira” (cit. in LARANJEIRO, 2009).

Somente no dia 25 de abril de 1974, Portugal selou um marco na histórica política do país e escreveu um novo capítulo nas relações com a imprensa estrangeira. Neste dia, os veículos de comunicação de todo o mundo voltaram a atenção para Portugal. Na ocasião, mais de 300 jornalistas estrangeiros que chegaram de diversas partes do mundo para reportar o cenário.

Com avanços tecnológicos, a expectativa era, então, de um maior fluxo de notícias internacionais, com abordagem de variados temas. Mas, a tendência tem sido inversa. A globalização não foi sinônimo de mais notícias internacionais ou mais correspondentes no mundo, porque os efeitos sentidos na cobertura jornalística foram outros, atingindo dois níveis: “quantitativo”, devido à redução do número de notícias internacionais nos meios tradicionais e “qualificativo”, uma vez que a tendência é para uma standardização e repetição dos conteúdos informativos, com a utilização das agência de notícias” (RODRIGUES, 2008).

Assim, como Portugal não é um produtor diário de notícias internacionais, os acontecimentos mais interessantes do país acabam por não ser prioridades para a maior parte dos outros países. “Lisboa não é, como vimos, uma cidade como Londres ou Paris, com capacidade de atrair muitos correspondentes pela atualidade noticiosa” (RODRIGUES, 2008). Os Estados Unidos, por exemplo, com um grande nível noticioso, possuía, em 1999, jornalistas de 98 nacionalidades diferentes.

A falta de interesse dos meios jornalísticos sobre Portugal também pode ser justificada pelo fato de que durante a explosão máxima da figura do correspondente internacional, no período até ao final da Guerra Fria, o país ainda encontrava-se de costas viradas para o resto do mundo.

Com o passar do tempo, o número de jornalistas correspondentes em Portugal foi caindo, acompanhando a tendência de normalização governamental do país. O cenário só melhorou um pouco com a entrada de Portugal na União Europeia, em 1986. Devido à novidade, Portugal voltou a ser um pouco mais considerado, mas ainda como uma pequena sombra para as agências internacionais de notícias.

4.5. Tipos de correspondentes em Portugal

Atualmente, encontram-se principalmente dois tipos de jornalistas correspondentes em Portugal: os estrangeiros que moram no país e são enquadrados nas mais diversas formas de exercer a profissão, através de contrato, em regime freelancers, com exclusividade ou não, e os jornalistas correspondentes locais, que são jornalistas portugueses que são contratados pelos órgãos de comunicação como uma alternativa ao jornalista correspondente tradicional.

Com essa variedade, percebemos que, em Portugal, o grupo já não ostenta o prestígio máximo de ser a elite do jornalismo. Deste modo, muitos desses profissionais deixaram de usufruir de vários benefícios e condições que eram especiais ao seu posto. Atualmente, “os correspondentes estrangeiros são jornalistas que trabalham, em muitos casos, como freelancers, desempenhando a sua atividade profissional para vários órgãos de comunicação” (LARANJEIRO, 2009).

Como veremos a seguir, todas essas características mostram que Portugal acaba sendo uma opção de vida para jornalistas. Mesmo que tenham sido, em alguma ocasião, transferidos para o país de maneira temporária, muitos optam por permanecer em Portugal.

4.6. Tipos de instituições para quem trabalham

Em um levantamento cruzado a partir das informações disponibilizadas pela Comissão da Carteira do Jornalista Profissional e da Associação da Imprensa Estrangeira em Portugal feito por Coelho (2015), a maioria dos correspondentes presentes no país trabalha para jornais impressos. Apesar dos sites de notícias estarem em crescimento, ainda é o velho meio de comunicação que destaca mais profissionais correspondentes para o país.

Atualmente, 16 profissionais trabalham em Portugal para a imprensa escrita, a mais antiga forma de comunicação na imprensa.

A seguir, o estudo mostra que 13 jornalistas prestam serviços para agências de notícias, mostrando uma força que este tipo de órgão tem no país, um reflexo do que acontece na maior parte do mundo.

Apenas nove profissionais são destacados por sites (sendo um profissional destacado por um blog) para fazer a cobertura jornalística em Portugal.

O quarto veículo em que mais profissionais trabalham como correspondentes no país é o rádio. Para esse meio, dez jornalistas atuam no dia a dia de todo o território português.

As emissoras de televisão aparecem em quinto lugar na lista de profissionais destacados para a cobertura em Portugal, de acordo com dados da Associação da Imprensa Estrangeira de Portugal. Ao todo, seis jornalistas de canais de TV acompanham, diariamente, os acontecimentos no país.

Por fim, apenas seis revistas de todo o mundo destacam profissionais para viver em Portugal e trabalhar para seus produtos.

Como estamos analisando em todo este trabalho, os meios tradicionais passam por transformações e crises econômicas e, para continuarem a estar presente em diversas cidades importantes do mundo, procuram alternativas locais na questão de correspondentes. Assim, a tendência mundial para essa situação dos jornalistas no exterior é o regime de freelancer.

Como um país com pouca importância noticiosa, Portugal é um desses exemplos que aponta essa tendência. No último levantamento, 18 jornalistas trabalham em regime de freelancer, contra 12 que estão em regime de contrato.

Outro traço de destaque neste levantamento é que 11 jornalistas correspondentes que estão em Portugal trabalham para três ou mais órgãos de comunicação e quatro deles chegam a trabalhar para seis ou mais. Esse número aponta para a tendência dos regimes não contratuais, ou seja, são mais livres.

Um dado curioso levantado por Coelho (2015) mostra que 31% dos jornalistas correspondentes em Portugal procuram outros meios não jornalísticos para trabalhar. Estes profissionais buscam instituições ou empresas não jornalísticas para aumentar seus respectivos rendimentos mensais.

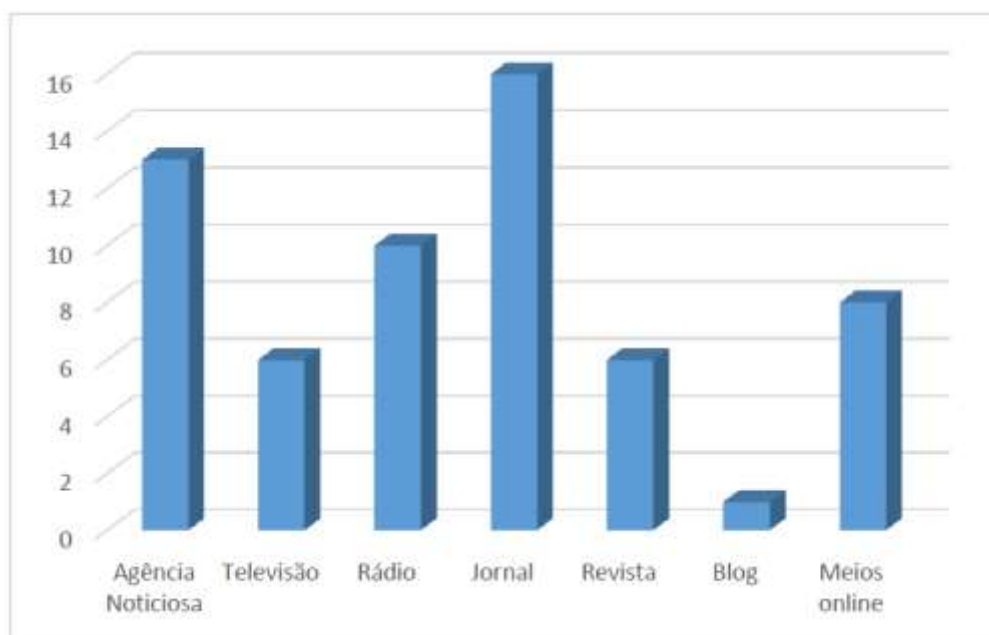


Figura 3 – Correspondentes estrangeiros em Portugal e seus respectivos meios de comunicação

4.7. Produtividade e remunerações

Por ser um país com pouca produção noticiosa em escala mundial, o número de reportagens e publicações dos correspondentes que trabalham é algo que chama a atenção. Muitas vezes, apenas situações que sejam extraordinárias interessam aos órgãos estrangeiros.

E é justamente esta falta de interesse que aparece como principal problema na vida dos correspondentes. Por não ter uma agenda política de relevo na União Europeia ou na geopolítica mundial, o trabalho dos jornalistas correspondentes é algo, em termos de produção, muito variável.

No levantamento feito por Coelho (2015), nota-se que pouco mais da metade dos jornalistas está nos escalões de menor produção de notícias. Quatro profissionais produzem menos de quatro peças por mês, seis produzem de quatro a oito e sete produzem entre nove e 12. Os 15 restantes conseguem estar em uma faixa de maior produção de peças: seis jornalistas produzem entre 13 e 17 reportagens, dois entre 17 e 20 e sete produzem mais de 20 peças.

Para conseguir atingir níveis mais elevados de produção, o regime laboral mais procurado e comum entre os jornalistas correspondentes, como já referido, é o freelancer. Assim, esses profissionais conseguem produzir aquilo que pretendem e vendem seu trabalho a quem quiser. “O aumento do número de freelancers é assim uma tendência marcada da comunidade, e é consequência também de uma mudança de mentalidade relativamente ao que se espera do mundo do trabalho” (RODRIGUES, 2008).

Em termos de remuneração, mesmo com o pouco interesse pelo país e sua falta de relevância para a maioria dos meios de comunicação do mundo, o rendimento mensal líquido dos jornalistas correspondentes que trabalham em Portugal ronda, na média, os 1.200 euros.

No entanto, ainda segundo Coelho (2015), “maior volume de trabalho nem sempre é sinónimo de vencimento alto”. A pesquisa mostra que 28% dos jornalistas ganham mais de 2.000 euros, em média, por mês e 22% ganha entre 1.500 a 2.000 euros.

Com um custo de vida relativamente baixo em Portugal e a média do que os jornalistas locais recebem, os valores pagos aos correspondentes são bem compatíveis e podem ser considerados aceitáveis. Concluimos, portanto, que tendo em conta a

baixa produção de trabalhos, os correspondentes acabam por ser bem pagos pelo que fazem sobre o país.

Para o freelancer, Portugal pode ser uma excelente opção por dois fatores, basicamente: ter um baixo custo de vida em relação ao resto da Europa e ter um número de correspondente relativamente baixo.

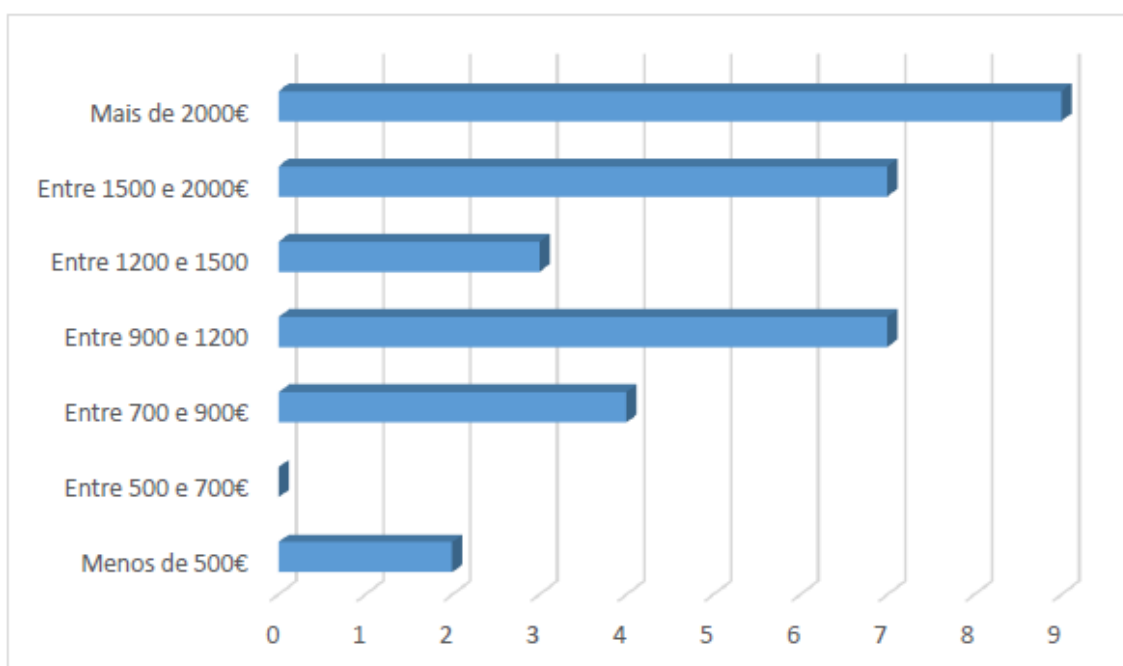


Figura 4 – Remuneração média dos correspondentes internacionais residentes em Portugal

4.8. Portugal: uma opção para viver

Trabalhar em Portugal como correspondente internacional é, na maioria dos casos, uma opção de vida. Muitos jornalistas, que já vivem no país há muitos anos, mostram que são atraídos a permanecer no território, tanto por motivos pessoais quanto profissionais.

Segundo Coelho (2015), essa conclusão é baseada pela opção de mais da metade dos jornalistas correspondentes freelancers, que vivem, por vontade própria, em Portugal, há mais de 10 anos. As razões da escolha são as características de Portugal e, em particular, de Lisboa, e a produtividade e a remuneração que estes jornalistas encontraram nesta escolha de vida.

Portugal é um país muito agradável para se viver devido à sua cultura, às paisagens, às pessoas, ao clima. Esta é provavelmente uma das ideias-força sobre Portugal mais consensual entre os entrevistados: a possibilidade de qualidade de vida (RODRIGUES, 2008)

Alguns correspondentes, consultados também por Rodrigues (2008), defendem a escolha de vida que fizeram. Segundo Begonã Perez, Portugal é melhor opção que muitos países europeus: “O nível de vida pode não ser os mais elevados como em Inglaterra ou na Alemanha, por exemplo... Mas por outro lado tem uma coisa que os outros países não têm que é o saber viver” (cit. in RODRIGUES, 2008).

O levantamento feito por Rodrigues (2008) mostra, ainda, que o lado humano e a capacidade de acolhimento tão característica de Portugal é um dos motes para a escolha de jornalistas correspondentes no país, que se identificam e se apaixonam pela nação.

Ainda existem aqueles jornalistas que trabalharam por muito tempo em Portugal e decidiram se aposentar no país. “Mário Dujisin, um dos fundadores da Associação da Imprensa Estrangeira em Portugal, esteve destacado noutros países, mas vive em Portugal desde o início da década de 1990. Atualmente, é aposentado e vive em Oeiras. Exemplo semelhante é o de Riccardo Carucci, jornalista italiano e também conhecido por ser um dos “históricos” da associação, que optou também por permanecer em Portugal depois dos anos de trabalho, gozando no país a sua reforma.” (COELHO, 2015)

Segundo o levantamento feito por Coelho (2015), a maioria dos jornalistas que escolheram Portugal para viver atribuí a decisão pelo clima, a cultura, a hospitalidade e a beleza arquitetônica do país.

4.9. Infraestrutura de apoio ao jornalista correspondente

Em Portugal, os jornalistas correspondentes, cada vez mais obrigados a trabalhar de forma independente e autônoma, contam com uma infraestrutura de

apoio ao trabalho oferecido pela Associação dos Correspondentes Estrangeiros, em Lisboa, capital do país.

O local já era um lugar de referência para os jornalistas estrangeiros durante o Estado Novo. Era lá onde funcionava o organismo que tutelava a comunicação social e era onde o ministro dos Negócios Estrangeiros, Franco Nogueira, concedia coletivas de imprensa aos correspondentes credenciados no país.

Após o fim da ditadura, centenas de correspondentes chegaram em Portugal e o espaço, que ganhou mais funcionários, tinha como objetivo apoiar os jornalistas que trabalhavam no país.

Atualmente, a sala está equipada com computadores, acesso à internet e impressora. Mas, seu uso é demasiadamente baixo, principalmente pelo fato de muitos jornalistas trabalharem sozinhos, autônomos, de casa. Segundo Coelho (2015), apenas quatro ou cinco membros da AIEP utilizam o espaço regularmente. Os demais visitam o local apenas para reuniões pontuais ou para encontros pessoais entre colegas membros.

Os centros de imprensa estrangeira são espaços comuns em diversos países e, segundo Jerome Godfroy, correspondente francês nos Estados Unidos (cit. in HESS, 2005), esses espaços são muito úteis para profissionais com poucos recursos ou para aqueles que acabaram de chegar em um determinado local para trabalhar.

Como o posto de jornalismo correspondente é, cada vez mais, solitário, as associações para a imprensa estrangeira também podem ajudar neste quesito. Em Portugal, “a AIEP, para além de tentar proteger os seus membros e apoiar os recém-chegados, cria um elemento agregador, fazendo com que todos, independentemente do país de origem, façam parte da mesma comunidade” (COELHO, 2005). As diversas atividades organizadas pela associação têm como objetivo juntar de forma mais regular os seus membros, para tornar o seu trabalho menos solitário.

Para Hannerz (1998), o objetivo destas associações é exatamente a formação de uma comunidade. “É um conjunto heterogêneo de pessoas, divididas ao longo de várias dimensões, mas não por nacionalidade. Os membros são reunidos no mesmo

espaço por alguns eventos e contextos organizados, mas no dia-a-dia a comunidade é fragmentada e individualizada” (HANNERZ, 1998).

4.10. Evolução dos jornalistas correspondentes em Portugal nos últimos anos

Historicamente, como já abordamos, Portugal nunca foi uma aposta por parte dos meios de comunicação internacionais. Assim, com a exceção das décadas de 1970 e 1980, o país nunca teve um grande número de jornalistas de diferentes nacionalidades, refletindo diretamente nas reduzidas vagas para jornalistas correspondentes no país.

Nos últimos anos, a nacionalidade com maior representação em Portugal é a espanhola, embora a presença de correspondentes brasileiros ter crescido no período de dez anos. “Há um domínio muito forte da Europa, com quase metade dos casos, seguida da América Latina”, mas esses valores podem estar “influenciados pelo peso de nacionalidades espanhola e brasileira.” (RODRIGUES, 2008).

Ainda segundo Rodrigues (2008), a língua pode ser o principal motivo para que a presença dessas nacionalidades seja maior. “Quase metade dos correspondentes presentes na amostra (21, de um total de 44) é de espanhóis, brasileiros ou dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palop)⁵, nacionalidades com relações próximas com Portugal.” (RODRIGUES, 2008).

Na lista dos correspondentes inscritos na Comissão da Carteira de Jornalista Profissional, vemos que mais de 40 jornalistas que são portugueses. Em seguida, aparecem 18 espanhóis e 12 brasileiros, as outras duas nacionalidades mais presentes, com 30 jornalistas.

⁵ Palop é a expressão usada como referência aos países africanos que têm a língua portuguesa como oficial. São eles: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, além da Guiné Equatorial, que adotou o idioma recentemente.

CAPÍTULO 5 – TRABALHO DE CAMPO – A EXPERIÊNCIA COMO JORNALISTA CORRESPONDENTE EM PORTUGAL

5.1. A experiência como correspondente brasileiro em Portugal

O jornalismo correspondente em Portugal também nunca foi uma aposta dos órgãos brasileiros. Depois de quase quatro meses sem a presença de um jornalista em Lisboa, a TV Globo e GloboNews, que não cogitavam preencher a vaga desocupada no fim de 2015, são pegas de surpresa com a prisão, em Lisboa, de um empresário suspeito de intermediar o pagamento de propinas entre construtoras e membros da Petrobras, empresa pública brasileira que faz exploração de petróleo. A mundialmente conhecida “Operação Lava-Jato” chegava a sua vigésima terceira fase, a primeira fora do Brasil. E os canais de televisão do Grupo Globo, reconhecidos por qualidade e independência, não tinham qualquer profissional na região.

A solução, rapidamente pensada por uma equipe de produção do Jornal Nacional, o principal produto jornalístico da TV Globo, foi entrar em contato com um antigo jornalista da casa, que havia se mudado para Lisboa, com o objetivo de cursar um Mestrado na área. No dia 21 de março de 2016, às 10 horas da manhã, fui, abruptamente, transformado em correspondente em Lisboa. Sem qualquer vínculo e estrutura, o assunto foi destaque em todos os telejornais da Globo e GloboNews – um desejo, mesmo que de surpresa, de todo jornalista.

A partir desta primeira experiência, na verdade um teste, fui oficializado correspondente da GloboNews e da TV Globo em Lisboa, em um esquema *stringer*⁶. Cabia a mim, a partir daquele momento, mostrar para as chefias as notícias de Portugal relevantes para o público brasileiro. Uma tarefa muito complicada e até hoje rotineira. Todos os 22 correspondentes fazem o mesmo: “vendem” os assuntos mais importantes de sua região, e aguardam uma aprovação para a execução das pautas.

Outro fator importante nesta primeira cobertura emergencial mostrou as tendências tecnológicas do jornalismo, em tempos de crise. Com um bom celular (na época um iPhone 5c e, hoje, um iPhone 6s Plus), um tripé leve e barato, um microfone

⁶ Stringers são colaboradores fixos de um veículo, mas sem um contrato formal de trabalho, que residem na região de cobertura jornalística.

e um excelente acesso à internet, é possível fazer uma transmissão e reportar qualquer assunto em qualquer lugar. Atualmente, a maioria dos correspondentes da GloboNews trabalha sozinho: tecnologias como câmaras e computadores estão acessíveis para um público geral e não apenas para os profissionais da área.

Segundo Paulo Nuno Vicente (2013), o antigo modelo de acesso a notícias internacionais era restrito a apenas algumas organizações, que tinham dinheiro e recursos tecnológicos para enviar correspondentes para qualquer parto do mundo. “Agora, qualquer pessoa pode fazer a mesma coisa com ligação à internet e um computador portátil” (VICENTE, 2013).

Assim, com baixo custo profissional e de operação, as emissoras encontraram soluções práticas para evitar desperdício de verba com correspondentes que pouco produziam para a programação, como era o caso de Portugal.

De março até hoje, em um cansativo trabalho de sugestões diárias, foram realizados mais de 25 trabalhos feitos a partir de Portugal para a programação da Globo e GloboNews, principalmente os assuntos que envolvem brasileiros, crimes, políticos e eventos mundiais sediados no território nacional.

5.2. A rotina do jornalista correspondente em Portugal

Durante todo o desenvolvimento desse trabalho, vimos que, na maioria dos casos, o cargo de correspondente internacional é visto como uma promoção na carreira de qualquer repórter. Mas, o fato de morar em um país estrangeiro e gozar desse privilégio exige uma contrapartida muitas vezes desconhecida pela maioria dos próprios profissionais da área. “Ao contrário do que a maioria das pessoas possa supor, esse trabalho aparentemente sem rotina também se transforma numa rotina, que pode ser massacrante, já que o correspondente estrangeiro não tem tema fixo nem descanso.” (SILVA, 2011)

Por ser um profissional com mais autonomia para trabalhar, o jornalista correspondente paga um preço alto por esse “liberdade”: maior responsabilidade e disciplina nas dinâmicas de apuração.

Além disso, por estar sozinho tomando conta de um país inteiro, você acabando sendo correspondente 24 horas por dia e precisa estar atento o máximo de tempo possível. “Não dá pra você desligar nunca, eu não ficava preocupado em saber o que os caras estavam achando ou deixando de achar do meu status, da minha posição, nunca me preocupei com isso” (Rossi cit. in AGNEZ, 2014).

Deste modo, a rotina de um correspondente no país para a TV Globo e GloboNews passa por pilares básicos do jornalismo diário executado por diversos profissionais: leitura de jornais, domínio do cenário político, econômico e cultural da região e monitoramento de agências, veículos de comunicação e redes sociais.

Ao mesmo tempo, não se pode deixar de lado a essência do repórter, ou seja, buscar por novas histórias, personagens, contextos e novidades que também possam interessar à mídia brasileira.

O olhar do repórter é a matéria prima do jornalismo, mediando a compreensão de fatos complexos e propondo uma interpretação dos sentidos dos acontecimentos. Um correspondente representa um olhar próprio e às vezes exclusivo sobre um determinado país e um valor agregado imenso em termos de informação diferenciada. O foco está em reportar mais do que o fato em si, eles querem ir além e revelar as facetas do cotidiano daquela sociedade estrangeira onde estão imersos por tempo limitado às agendas de suas empresas matrizes. Buscam os valores-notícia que são raramente explícitos e têm que ser encontrados nas entrelinhas (ADGHIRNI, 2013).

Nesse contexto, os correspondentes internacionais trabalham com os dois conceitos de notícia estrangeira: a que se refere a algo que tenha acabado de acontecer ou, segundo Hannerz (2004), “pode ser algo noticiável simplesmente porque nos é desconhecido, porque nós não nos deparamos com isso em nossa localidade. A mídia informativa tende para o primeiro tipo, para as chamadas hardnews, e os correspondentes estrangeiros no geral são estimulados (e se orgulham disso) a estarem presentes quando e onde a história é feita”, fazendo com que esse profissional possa contribuir para o aprendizado e para o conhecimento sobre diferentes culturas.

Uma vez identificado um determinado assunto que possa interessar às chefias no Brasil, começa o processo de venda da pauta, concorrendo com os outros tantos correspondentes que estão espalhados pelo mundo, que têm o mesmo objetivo: emplacar uma reportagem, já que a decisão sobre as hardnews (as notícias fortes, factuais, de grande atualidade) e as features (notícias mais leves, amenas, sobre hábitos ou curiosidades), é única e exclusivamente da redação.

Muitas vezes, o esforço de um enfoque mais particular, de um investimento em uma história mais exclusiva, acontece em vão pela enxurrada de notícias em tempo real das agências de notícias e outros órgãos.

Particularmente em Portugal, as distâncias ajudam o trabalho do correspondente. Em Lisboa, por exemplo, os principais órgãos públicos, autoridades, polícia e tribunais estão localizados no centro da cidade, com distâncias relativamente próximas. Assim, muitas vezes, o deslocamento pode ser feito de transporte público, com tranquilidade e responsabilidade.

Essa rotina é aprimorada através da confiança e identidade que se ganha no novo território onde tem de desempenhar seu trabalho. “Um ano é o período mínimo para alguém basicamente se instalar num país que lhe é novo e adquirir algum senso dele. Após dois anos de trabalho, o jornalista começa a ganhar a confiança de fontes que lhe são significativas. O traquejo com as instituições somente passa a contar no terceiro ano. O trabalho só rende mesmo em quatro ou cinco anos, que é o “mandato” padrão do New York Times, por exemplo”. (SILVA, 2011)

Segundo Uzteri (1989), o período adequado para um correspondente ficar no exterior está, em média, entre quatro e cinco anos. “O primeiro ano é um ano de construção, não se sabe de nada. No segundo, já se começa a ficar a vontade, e o terceiro é o ano em que, efetivamente, a pessoa já é conhecida, já tem um alentado caderninho de endereços. Quando chega a esse ponto a pessoa é transferida, pega o caderninho, arquiva na mala, e vai para outro lugar com uma nova folha em branco” (UTZERI, 1989).

5.3. A cobertura em Portugal e área de atuação

O papel de todo jornalista correspondente é como o de todo repórter, ou seja, “ir atrás das notícias”, apurar os fatos. E a abordagem deste profissional deve oferecer algo único, diferenciado, por isso deve concentrar seu esforço em materiais que não estão acessíveis a outras publicações, com enfoques variados e peculiares.

Segundo Chade (cit. in AGNEZ, 2014), “não faz sentido o correspondente produzir o mesmo que as agências estão produzindo”, pois as agências têm uma capilaridade e uma estrutura maiores. “Qual a diferença que você faz, por que o jornal vai te mandar, o que tem de diferença entre você e a agência?” (Chade, cit. in AGNEZ, 2014).

Apesar de ser impossível não se basear nas agências, quando “tomamos conta” de um país inteiro, como Portugal, algumas regiões demandam uma atenção especial para a mídia, seja por características internacionais que elas têm ou por outras relações com a cultura do país de origem do órgão de comunicação social.

Não há qualquer necessidade de manter um jornalista correspondente quando este profissional se baseia, apenas, no que as agências trazem de notícia. Assim, seria muito mais barato e produtivo para um veículo de comunicação fazer este trabalho a partir de um jornalista baseado na própria redação local, com o apoio de outros colegas, agências e internet.

Em Portugal, por exemplo, algumas regiões, além da capital Lisboa, devem ficar de alerta para o jornalista correspondente que aqui trabalha. Particularmente para o Brasil, somente as cidades de Coimbra e do Porto despertam interesses mais imediatos da mídia, principalmente pelo turismo e pela secular universidade que concentra um grande número de brasileiros.

No entanto, vale destacar que, por Portugal ser um país pequeno (principalmente se comparado ao Brasil), com uma população inferior a 11 milhões de habitantes, há total facilidade de deslocamento para execução de qualquer tipo de reportagem. O país, de forma geral, conta com uma malha rodoviária e, principalmente, ferroviária que permite a realização de viagens.



Figura 5 – Mapa de Portugal e as principais áreas monitoradas por correspondentes brasileiros.

Por ter algumas semelhanças culturais com o Brasil, muitos assuntos em Portugal que podem despertar algum interesse midiático na imprensa brasileira; às vezes, passam despercebidos. Por isso, segundo Mesquita (cit. in AGNEZ & MOURA, 2016), o correspondente deve ter sempre “uma enorme curiosidade, uma insaciável curiosidade e ter, também, um desprendimento. Desprendimento para se deslocar rapidamente para outro lugar, para outros temas e pautas, e sempre procurar olhar a notícia com um olho ‘meio estrangeiro’, ser um pouco turista nos lugares aonde chega, mas com a visão de um ‘turista qualificado’, para passar por lugares onde pessoas passam todos os dias e perceber coisas que elas não percebem”.

5.4. A agência Lusa

Em uma realidade global onde o fluxo de informação é cada vez maior, o papel das agências de notícias também se torna mais importante neste contexto. Já vimos que é a partir desses serviços que os veículos de comunicação se baseiam no que acontece de mais importante em uma determinada região do mundo e podem investir em uma cobertura mais aprofundada.

Em Portugal, o trabalho das agências noticiosas começou em 1944, ainda no regime salazarista. De lá para cá, cinco agências diferentes apareceram e foram extintas por diversos problemas no caminho. Em janeiro de 1987, mais de quatro anos depois de falhada a primeira tentativa de extinção da “Agência Noticiosa Portuguesa” (Anop) e da criação da “Notícias de Portugal” (NP), o país voltou a ter uma agência de notícias: a Lusa, a única a operar em Portugal.

Com o objetivo estatutário de assegurar uma informação rápida, factual, isenta e rigorosa às centenas de clientes que contratam os seus serviços, a agência Lusa, sem dúvida, é a grande referência para o jornalista correspondente baseado em Portugal.

Para atender a demanda do mercado, a Lusa instituiu equipes no Porto, Coimbra, Faro, Évora, Ponta Delgada (Açores) e Funchal (Madeira), e correspondentes em todas as capitais de distrito.

Além da cobertura nacional, a Lusa conta com correspondentes espalhados pelas mais importantes capitais do mundo. Com a intenção de assegurar a sua representação continente africano, sobretudo nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), a agência estabeleceu equipes em Maputo (Moçambique), Luanda (Angola), Bissau (Guiné-Bissau), Cidade da Praia (Cabo Verde) e um correspondente em São Tomé e Príncipe. Na África do Norte, também foi destacada uma delegação para a capital marroquina de Rabat.

Na Europa, a Lusa abriu uma delegação em Bruxelas para o acompanhamento da atividade da Comunidade Económica Europeia (CEE), e instalou correspondentes nas principais capitais. Para completar a sua representação internacional, conta ainda

com a colaboração permanente em Washington, Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires, Joanesburgo, Sydney e Telaviv.

Assim, cerca de 150 jornalistas, incluindo correspondentes nacionais e internacionais, produzem o noticiário vendido pela agência, assegurado um serviço informativo 24 horas que é enviado para quase todos os órgãos locais e os principais ao redor do mundo. A TV Globo, por exemplo, é uma assinante dos serviços da agência portuguesa.

Para garantir o nível de produção e a entrega para os assinantes, a agência Lusa dividiu seus serviços generalistas em editorias.

A primeira delas é a Nacional, que inclui notícias de política, sociedade, ciência, cultura, saúde, ambiente, educação, justiça e os noticiários regional e local, com uma produção média de 150 notícias por dia.

A editoria de Sociedade dá destaque para reportagens de caráter humano e assuntos que afetam diretamente a vida das pessoas.

Na Política, os jornalistas são voltados para todas as questões relacionadas com a cena política em Portugal.

A sessão de Cultura é direcionada para as artes e espetáculos de música, dança e teatro em geral. Além disso, destaca a literatura e sugestões de leitura. Acompanha também a representação artística no país e no mundo e a projeção da cultura lusófona.

Na Economia, a agência Lusa acompanha a vida das empresas, os negócios, o comércio, o consumo, a agricultura, e o funcionamento dos mercados em Portugal e nas principais praças financeiras do mundo, bem como o tratamento de indicadores e dados de conjuntura. Segundo a organização, são feitas entre 70 e 80 notícias sobre a atualidade econômica, nacional e internacional.

A categoria Mídia pode ser considerada uma subdivisão da Economia, com especial destaque para os impactos nos sectores específicos na vida das empresas, como investimentos na publicidade e no marketing.

A editoria de Internacional é, segundo a empresa, um dos segmentos no qual os órgãos de comunicação portugueses mais utilizam. É ela quem destaca os grandes acontecimentos mundiais, com uma produção de 70 a 80 notas diárias.

Um dos diferenciais da agência Lusa é a sessão Lusofonia, que faz a cobertura atualidade dos países de língua portuguesa e das comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo, uma tendência assumida já pela antiga agência Notícias de Portugal.

O setor da Agenda apura e divulga listagens dos principais eventos nacionais e internacionais em uma previsão diária, semanal e mensal.

Na editoria de Esporte, as notícias são voltadas para competições portuguesas e seus resultados, mas também de tantas outras modalidades fora do país, com uma média de produção de 80 notícias por dia.

Além da editoria de Fotografia, contratada, muitas vezes, por sites e jornais de pequeno porte, a agência ainda mantém uma outra sessão especial: a Lusa TV/Rádio, um serviço exclusivo de imagem e som, com uma cobertura dos serviços marcados em agenda.

Dentre os assuntos mais trabalhados pelos jornalistas da agência Lusa, ainda pode-se reunir as notícias em um vasto conjunto de serviços temáticos sobre os mais diversos assuntos para poder responder às necessidades específicas de cada cliente. São eles: ambiente, cultura, educação, empresas e negócios, justiça, política, saúde, Segurança Social, trabalho, União Europeia, Regiões autônomas (Madeira e Açores), autarquias e futebol.

A velocidade na divulgação das notícias é a principal característica de uma agência de notícias. E a Lusa persegue, diariamente, essa premissa de disponibilizar a informação no menor espaço de tempo possível.

5.5. O trabalho em números

Em um recorte de um ano, ou seja, entre março de 2016 e fevereiro de 2017, Portugal foi, de longe, um dos países com a presença de um correspondente com a menor participação na programação da GloboNews TV. Entre assuntos oferecidos e assuntos solicitados, o número total de reportagens ou participações ao vivo foi de 27, com um limite máximo de cinco matérias em dois meses do período.

Se analisarmos mês a mês, podemos perceber a discrepância na quantidade de produções, mostrando que não há qualquer tipo de regularidade na utilização do jornalista correspondente em Portugal.

É importante percebermos, no entanto, que como foi a reintegração de Portugal ao “Mapa de Correspondentes da GloboNews”, há um novo caminho a se percorrer para que o país entre na engrenagem de acionamento de produtores e editores da emissora.

Também vale destacar que por ser um novo país na extensa equipe de jornalistas, Portugal ainda tem de buscar seu lugar na programação em reportagens chamadas “gavetas”, ou seja, que podem entrar a qualquer momento “no ar”, sem que percam a validade. Geralmente, são reportagens mais leves, de comportamento, culinária, turismo ou cidadania.



Figura 6 – Mapa de produtividade do correspondente da GloboNews TV entre março de 2016 e fevereiro de 2017

Nos anexos de V a IX, é possível ter uma noção de como pautas em Portugal são pouco agendadas nas previsões do dia da editoria internacional da GloboNews TV.

5.6. O kit-correspondente

A chegada de novas ferramentas digitais tem tido um impacto revolucionário na produção da notícia das mídias audiovisuais, principalmente no telejornalismo. O processo também foi completamente alterado, para melhor, para a cobertura do noticiário internacional.

Segundo Esperidião (2007), “se os satélites já haviam contribuído para alterar o contexto das comunicações a partir dos anos 1970, redimensionando, assim, nossa “janela para o mundo”, a internet, agora, permite que operações de transmissão de matérias sejam flexíveis, rápidas e baratas, com o surgimento de novos softwares e sistemas, como o “kit-correspondente” – um conjunto de equipamentos para gravar e enviar reportagens através da web”.

Dia após dia, o intervalo entre as novidades tecnológicas é cada vez menor, ou seja, temos um ritmo acelerado na transição das inovações. E isso também exige uma reação imediata para a execução de uma tarefa em um tempo cada vez menor. De acordo com Mattelart (cit. in ESPERIDIÃO, 2007), “a chamada revolução da informação contemporânea faz de todos os habitantes do planeta candidatos a mais numa versão da modernização. O mundo é distribuído entre lentos e rápidos”.

Nos meios de comunicação, é muito perceptível a aplicação imediata das tecnologias, se compararmos a outros antecedentes históricos. E o departamento de jornalismo foi um dos setores mais impactados por essa alta tecnologia:

As redações de jornais adotam, coerentemente com a alta velocidade de circulação de informações de todo o sistema (...). De alguma forma, o homem ou o homem-máquina tem de trabalhar à velocidade do próprio sistema. Isso significa que o bom jornalista hoje é aquele capaz de dar conta das exigências do tempo, produzindo textos jornalísticos razoáveis e com uma grande maleabilidade redacional ou editorial. Ele deve ser uma

peça que funciona bem, acoplável a qualquer sistema de produção de informações. (MARCONDES FILHO cit. in ESPERIDIÃO, 2007)

Ainda de acordo com Esperidião (2007), no telejornalismo brasileiro, as novas tecnologias também alteraram as rotinas de produção e edição nas redações e o uso de recursos de última geração mudou radicalmente os hábitos e as práticas dos jornalistas pelo mundo.

A utilização de satélites para a emissão de conteúdo televisivo, a partir de 1960, foi o impulso ao processo de difusão da cultura e, sem dúvida, para a globalização. E, no Brasil, a TV Globo aproveitou essa possibilidade que o novo dispositivo trazia para investir em bases no exterior.

Até o ano 2000, todas as reportagens feitas pelos correspondentes da TV Globo para o Brasil eram transmitidas através de satélite. Na prática, cada correspondente tinha que gerar o material usando um canal de satélite, em horário fixo GMT, tempo universal do observatório de Greenwich, em Londres. Em viagens, os jornalistas tinham que acertar com antecedência como seria enviado o material, utilizando de operações burocráticas e muito caras, como, por exemplo, contratar os serviços de emissoras locais para utilizar ilhas de edição e recursos de geração.

Em 2001, mais precisamente, a emissora brasileira desenvolveu um equipamento apelidado de “kit-correspondente”, que é um sistema de transmissão de material multimídia pela internet conhecido como Store & Forward.

O “kit” é dividido em duas partes: a maleta com o notebook e a caixa com a câmera. Cada correspondente recebe um treinamento de três a quatro dias para operá-lo, em muitos casos sozinho, sem o cinegrafista. O sistema de transmissão de dados é feito por um software desenvolvido pelos engenheiros da empresa. (...) Foi possível, pela primeira vez, desmontar o esquemático horário dos satélites e “desbloquear” os deadlines, tornando viável cobrir um acontecimento em qualquer lugar, em qualquer front de Guerra (ESPERIDIÃO, 2007).

O aprimoramento das formas de transmissão e envio de materiais fizeram com que a Globo e outras emissoras de TV mundo afora redimensionassem as coberturas

internacionais. Atualmente, um novo kit-correspondente faz parte da vida de inúmeros correspondentes do canal, que trabalham de forma autônoma. Com um custo baixíssimo de estrutura e, principalmente, de transmissão, é possível acompanhar o processo de montagem de um equipamento utilizado pelo profissional em Portugal:



Figura 7 – TRIPÉ HAMA-STAR-63 (custou 35 euros) - É leve e vai até 1,70m. Fica bem reduzido quando desmontado e é fácil de transportar para qualquer lugar.



Figura 8 – PAU-DE-SELFIE (custou 5 euros) – é a solução para prender o celular no tripé. Observar se o suporte é removível.



Figura 9 – Como mostra a imagem, o suporte (do pau-de-selfie) tem uma rosca universal que prende em qualquer sapata de tripé para câmera.



Figura 10 – Esta é a sapata que tem o parafuso para a rosca universal de qualquer câmera ou suporte para pau-de-selfie (alguns).



Figura 11 – Aqui já vemos o suporte do pau-de-selfie encaixado com a sapata do tripé.



Figura 12 – Em outro ângulo, podemos ver o suporte enroscado na sapata.



Figura 13 – Depois, basta encaixar a sapata no tripé. O celular está seguro e não precisamos de mais ninguém!



Figura 14 – Na prática, funciona assim.



Figura 15 – Em outro ângulo.



Figura 16 – Esse é o cabo que ligamos no smartphone. A partir de um plugue, temos duas saídas: uma para o microfone (XLR-fêmea) e outro para o fone (P2-fêmea).



Figura 17 – Esse é o microfone que uso, um Sennheiser MD-46. Mas qualquer microfone profissional com saída XLR-macho encaixa no cabo da foto anterior.

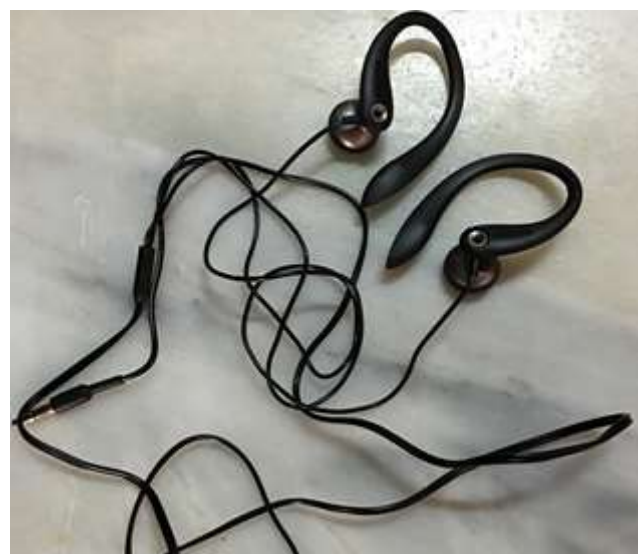


Figura 18 – Esse é um fone normal da Philips. Gosto dele pois prende na minha orelha, mesmo com uma movimentação mais brusca durante o 'vivo'.



Figura 19 – Como o cabo para smartphone é curto, eu sempre carrego uma extensão para microfone (XLR-XLR).



Figura 20 – Também sempre tenho uma extensão para fones, pelo mesmo motivo.



Figura 21 – Esta extensão serve para colocar um entrevistado ao vivo e que precise de retorno. É um splitter.



Figura 22 – Este LED RING funciona com pilhas AAA. Ajuda muito a iluminar o ambiente quando está escuro.



Figura 23 – Para as imagens, eu uso um iPhone 6s Plus de 64GB. Tanto a câmera frontal como a traseira fazem excelentes imagens, inclusive em 4k.



Figura 24 – É pelo WeTransfer que costumo mandar imagens, sonoras e apoios para os editores. É gratuito. A capacidade máxima por envio é de 2GB.



Figura 25 – É através do Skype que fazemos as transmissões ao vivo para qualquer telejornal do Brasil, desde que a rede de internet esteja tecnicamente dentro dos padrões.

A democratização da banda larga acabou de vez com os burocráticos procedimentos do sistema convencional. Hoje, é possível fazer entradas “ao vivo”, pelo celular, através de aplicativos de conversação simultânea, com qualidade de boa para ótima. No que se refere à transmissão de materiais gravados, a velocidade da internet (hoje 4G e muito brevemente o 5G) permitiu que as distâncias fossem, de fato, encurtadas entre correspondente e base.

5.7. A experiência na SIC Televisão

O dia 6 de outubro de 1992 foi histórico para a comunicação em Portugal. Após 57 anos de um monopólio concentrado em um canal público de televisão, surgia a SIC, Sociedade Independente de Comunicação, a primeira estação privada de TV do país.

O canal, já ao fim três anos de atividade, ultrapassou todas as expectativas, em termos de audiências e publicidade. Em maio de 1995, a SIC atingiu a liderança pela primeira vez e em setembro do mesmo ano consolidou esse patamar país a fora.

Além de desenvolver importantes competências, no que diz respeito à gestão, à área comercial e ao marketing, uma importante parceira ajudou a SIC a conquistar o público: a TV Globo, do Brasil. Através da maior emissora do país (já apresentada em capítulos anteriores), o primeiro canal privado de Portugal importou programas e, principalmente, novelas, que mobilizaram o país inteiro.

Através dessa parceria entre os dois canais, permiti-me, com a intermediação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, fazer um estágio na SIC Televisão com o objetivo de conhecer como era o funcionamento de uma das três principais emissoras de TV de Portugal.

Durante os três meses que estive estagiando no canal, não foi difícil perceber as principais diferenças do telejornalismo brasileiro e português, seja na parte editorial (de conteúdo), seja na parte técnica (forma).

Apesar de serem parceiras no que se refere ao entretenimento, a forma como o jornalismo é feito na SIC é completamente diferente da apresentada na TV Globo.

Em um breve resumo, três fatores influenciam nessa diferença, na minha ótica.

O primeiro deles é o tamanho dos telejornais. Enquanto na TV Globo o principal produto jornalístico da emissora, o Jornal Nacional, tem pouco mais de 28 minutos de produção, o Jornal da Noite, da SIC, tem cerca de uma hora e 15 minutos de conteúdo.

O segundo fator, atrelado ao primeiro ponto, é o fato de o jornalismo ser baseado muito nas agendas marcadas. Com um telejornal muito grande, há espaço para muitos compromissos políticos e sociais previamente agendados pelos departamentos responsáveis pelas pautas.

E, por fim, também atrelado aos outros dois pontos, é o fato de o Brasil ter uma população muito maior e um índice de violência muito mais elevado que Portugal, fazendo com que a quantidade de notícias extremamente importantes no país europeu seja, a maioria das vezes, baixa.

No entanto, apesar de todas essas diferenças (e outras observadas no dia a dia), a experiência em uma TV portuguesa foi de extrema importância para a execução do trabalho de correspondente em Portugal. E isso é facilmente explicado pelo fato de eliminar a solidão, ter o apoio de outros jornalistas (que gostam de contribuir) e estar imerso num ambiente de redação, com acesso a muitos meios e agências ao mesmo tempo.

Além disso, o processo me ajudou a compreender um pouco mais do que é a notícia em Portugal e, principalmente, os cenários políticos, econômicos e sociais cobertos pela mídia.

5.8. O outro lado: o que é notícia sobre o Brasil em Portugal

Ao contrário da mídia brasileira – que reporta muito pouca coisa sobre Portugal, os veículos de comunicação portugueses tem uma imensa atenção com o que se passa no Brasil. Isso se deve ao fato de toda uma identificação com a realidade brasileira, pela presença de brasileiros no país e, principalmente, pela difusão cultural brasileira através da televisão, em especial pelas telenovelas.

Além disso, como destacado no ponto acima, os telejornais em Portugal têm uma longa duração, permitindo que muitas notícias (nacionais e internacionais) façam

parte dos espelhos dos programas. Assim, cotidianamente, os principais órgãos de comunicação social portugueses trazem em seus canais (radiofônicos, impressos ou televisivos) conteúdos editoriais sobre o Brasil.

Usando os espelhos (alinhamentos) do principal jornal da SIC (Jornal da Noite) em um recorte de apenas um mês (março de 2017), podemos observar, na tabela abaixo, a quantidade de notícias que o canal emite sobre o Brasil.

DATA	RETRANÇA	RESUMO
01/03/2017	CARNAVAL APURAÇÃO	Expectativa para o resultado dos desfiles de escola de samba.
02/03/2017	CARNAVAL PORTELA	Apresentação da escola campeão do desfile do Rio de Janeiro.
06/03/2017	FLAMENGO X FLUMINENSE FINAL	Confronto entre times do RJ para a final do campeonato local.
09/03/2017	TEMER MULHERES	Repercussão de uma frase sexista do presidente da República.
09/03/2017	LAVA-JATO MARQUÊS	Desdobramentos da maior operação policial do Brasil.
10/03/2017	CRÍTICAS MICHEL TEMER	Repercussão de políticos sobre as declarações de Temer.
15/03/2017	POLÊMICA BRUNO	Repercussão da soltura de um atleta acusado de matar.
17/03/2017	CINEASTA BRASILEIRO	Apresentação do cineasta Kleber Mendonça sobre filme do Brasil.
17/03/2017	FEBRE AMARELA RJ	Repercussão dos casos de doenças no Rio de Janeiro.
18/03/2017	FEBRE AMARELA	Repercussão dos casos de doenças no Brasil.
19/03/2017	ESCÂNDALO CARNE	Repercussão da operação policial sobre fraude nas carnes do país.
21/03/2017	ESCÂNDALO CARNE	Repercussão da operação policial sobre fraude nas carnes do país.
23/03/2017	MILIONÁRIOS CRIMES	Reportagens sobre milionários envolvidos com crimes no Brasil.
25/03/2017	CARNE BRASILEIRA	Repercussão da operação policial sobre fraude nas carnes do país.
26/03/2017	FEBRE AMARELA	Repercussão dos casos de doenças no Brasil.
26/03/2017	MANIFESTAÇÃO LAVA-JATO	Repercussão das manifestações a favor da operação policial Lava-Jato.
28/03/2017	SELEÇÃO BRASILEIRA PREPARAÇÃO	Preparação da Seleção Brasileira para um jogo das Eliminatórias 2018.
28/03/2017	ACUSAÇÃO HOMICIDA	Decisão da Justiça sobre um criminoso que matou três mulheres.
29/03/2017	FÃ CRISTIANO RONALDO	Um brasileiro de 23 anos viajou até a Madeira pra conhecer o ídolo.
29/03/2017	SELEÇÃO BRASILEIRA	O Brasil é o primeiro classificado para 2018.
30/03/2017	EDUARDO CUNHA ACUSAÇÃO 15 ANOS	O ex-presidente da Câmara dos Deputados do Brasil foi condenado por corrupção.

Tabela 3 – Notícias sobre o Brasil emitidas pelo Jornal da Noite, na SIC TV, em Portugal.

Se fizermos uma rápida comparação das quantidades de produção das duas principais emissoras de televisão dos dois países (SIC e Globo), concluímos que o Brasil é um assunto recorrente nos órgãos de comunicação social portugueses, diferentemente da situação contrária.

5.9. O que os outros meios de comunicação brasileiros noticiam sobre Portugal

Já vimos que pela quantidade de notícias que temos no Brasil, por causa de seu tamanho e de sua grande população, o noticiário internacional acaba ficando condensado em grandes conglomerados de alta importância no contexto geopolítico internacional.

Na televisão, então, o processo ainda é mais complicado devido ao tempo dos telejornais e do fenômeno que já abordamos em pontos anteriores que leva em conta a periodicidade, e assim a rapidez na difusão das notícias.

De maneira geral, mesmo em outros veículos tradicionais brasileiros, não há também muita produção de conteúdo sobre Portugal. O foco se mantém em assuntos pontuais e, na esmagadora maioria dos casos, tem relação com brasileiros.

Podemos encontrar duas exceções, na chamada grande mídia, de blogs escritos por jornalistas brasileiros que moram em Portugal que estão hospedados em sites de dois jornais de grande circulação: Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo.

Assim, eliminando esses conteúdos, abaixo temos um rápido panorama do que a imprensa brasileira (com exceção da TV Globo e GloboNews TV) publicou sobre o que aconteceu em Portugal:

DATA	VEÍCULO	ASSUNTO
04/12/2015	Estado de S. Paulo	Para FHC, mercado prefere que haja impeachment de Dilma
21/03/2016	Record TV	Após 1ª prisão internacional, Lava Jato mira mais 2 suspeitos em Portugal
10/06/2016	Revista Veja	Brasileiros que vivem no exterior protestam contra Michel Temer
12/11/2016	SBT TV	Estudantes de escolas públicas vão a Portugal para aprender História
01/03/2017	Jornal Extra	Estudante brasileiro é vítima de xenofobia em Portugal
14/03/2017	Folha de S. Paulo	Dilma ironiza Temer e diz que nunca viu 'fantasma nenhum' no Alvorada
15/03/2017	Folha de S. Paulo	Dilma se diz 'muito preocupada' com 'interesse em tirar Lula' de 2018
23/03/2017	Jornal O Globo	Pastorinhos de Fátima podem ser declarados santos no dia 13 de maio
24/03/2017	Jornal Extra	'Queremos a pena máxima', diz madrastra de brasileira grávida degolada em Portugal
28/03/2017	Jornal Extra	Elétrica portuguesa EDP faz oferta para ter 100% de subsidiária de renováveis

Tabela 4 – Notícias que outros veículos de comunicação (exceto TV Globo e GloboNews TV) publicaram no Brasil.

5.10. Os assuntos oferecidos

Desde que o posto de correspondente em Portugal foi reativado pela TV Globo, através de seu canal de notícias GloboNews, um novo modelo de execução dessa função foi adotado para que a decisão fosse sustentável economicamente para a empresa. Como vimos acima, o trabalho praticamente autônomo, com o uso do kit-correspondente e sem o auxílio de repórteres cinematográficos, fez com que o jornalista tivesse que, diariamente, justificar sua permanência em uma determinada região, oferecendo assuntos que pudessem render algum interesse noticioso no Brasil.

Como Portugal não é uma região que ofereça, diariamente, notícias factuais de interesse mundial, foi entregue à direção de jornalismo do canal, em março de 2016, um projeto para embasar o posto de correspondente no país com mais de 50 sugestões de pautas que pudessem despertar alguma curiosidade do público brasileiro.

Nesta altura, faltava pouco tempo para os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro e, além desse evento, o Brasil vivia uma crise econômica na qual Portugal havia passado tempos antes, podendo assim, abrir mais ainda a gama de sugestões de reportagens que pudessem ser realizadas no país.

Apesar de inúmeros elogios, de todas as sugestões, apenas duas delas foram, de fato, feitas depois de uma autorização superior: “Rock in Rio Lisboa 2016” e “Estudando em Portugal”.

Para se ter uma ideia, listamos abaixo as sugestões feitas à chefia:

1. ROCK IN RIO LISBOA 2016 (SÉRIE) – O evento, que acontece entre 19 e 27 de maio, chega à sua sétima edição na cidade. Além do espetáculo “Rock in Rio – O Musical”, que abrirá o Palco Mundo nos cinco dias do evento, o line-up confirmado para esta edição do Rock in Rio-Lisboa inclui Bruce Springsteen, Stereophonics e Xutos e Pontapés (19 de maio) Queen+Adam Lambert, Mika e Fergie (20 de maio), Hollywood Vampires, Korn e Rival Sons (27 de maio) e Maroon 5 e Ivete Sangalo (28 de maio). D.A.M.A. e Gabriel O Pensador (28 de maio), Avicii e Ariana Grande (29 de maio), são as mais recentes confirmações para o Palco Mundo do Rock in Rio-Lisboa. A ideia é fazer uma série de reportagens, contando sobre os preparativos, produção e realização do evento.

2. BRASILEIROS QUE FUGIRAM DA CRISE - Os brasileiros que decidem se estabelecer em Portugal em geral buscam romper com o modelo de vida nas grandes cidades brasileiras, atrás de bem-estar social e também de reconhecimento e qualificação profissional. Especialistas concordam que mudou totalmente o perfil e as motivações dos brasileiros que chegam à 'terrinha'. Os últimos dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) portuguesas indicam que em 2014 foram concedidos 6.068 vistos de residência a brasileiros, que chegaram a um total de 87.493, o que representa 22,1% dos estrangeiros que vivem legalmente no país. Entre 2009 (um ano depois da explosão da crise mundial) e 2014 foram concedidas 76.154 autorizações de residência a brasileiros, o número mais alto entre os cidadãos de outros países.

3. AEROPORTOS PÓS-ATENTADOS DE PARIS – A polícia de Portugal vem reforçando a segurança nos aeroportos de Lisboa, Porto e Faro, após os atentados ocorridos em Paris que causaram pelo menos 130 mortos. Houve um aumento do número de efetivos destacadas para estes locais, permitindo um reforço das ações de vigilância. Além disso, cidadãos europeus que desembarcam nos terminais estão sendo obrigados a passar por entrevistas com autoridades imigratórias.

4. ESTUDANDO EM PORTUGAL - O número de estudantes brasileiros em instituições portuguesas de educação superior vem aumentando desde 2014, graças à adoção da nota do Enem como critério de seleção para 11 universidades e institutos de ensino do país. A ausência de barreiras relacionadas ao idioma, já que os dois países falam a mesma língua também é um fator importante. Para se candidatar, o estudante precisa ter feito o Enem nos últimos três anos e alcançado uma nota mínima de 600 pontos, que pode variar de acordo com a área e curso escolhidos. A Universidade de Coimbra, por exemplo, possui 2.023 estudantes brasileiros.

5. EUROMILHÕES/LOTERIA - A Euromilhões tem sido a loteria mais popular e mais jogada da Europa desde o seu lançamento em fevereiro de 2004. A simplicidade do jogo e os prêmios substanciais resultantes de acúmulos consecutivas incentivaram o aumento de países participantes de apenas três em 2004 para os atuais nove. O maior prêmio até à data foi ganho a 10 de agosto de 2012 por Adrian e Gillian Bayford do Reino Unido com o valor de 190 milhões de euros. Em 2014, um português de Lisboa também faturou a mesma quantia. Em 2015, um outro português faturou 163 milhões de euros. A pauta poderia sair quando o prêmio estivesse acumulado em uma cifra inédita.

6. DUAS LÍNGUAS PORTUGUESAS (ESTÚDIO i) – Sabemos que a língua portuguesa falada no Brasil apresenta algumas diferenças em relação à falada em Portugal. Três aspectos em que essas diferenças costumam ocorrer: vocabulário, fonética e sintaxe. Ao compararmos as duas línguas, percebemos que uma série de palavras utilizadas no português do Brasil não são as mesmas encontradas no

português lusitano. Alguns exemplos: abridor (tira-cápsulas), açougue (talho), aeromoça (hospedeira de bordo), apostila (sebenta), bala (rebuçado), banheiro (casa de banho), calcinha (cueca), celular (telemóvel), faixa de pedestres (passadeira), entre outras. A ideia é fazer um VT para discussão com o professor Sérgio Nogueira, no Estúdio I.

7. QUE PREÇO É ESSE? (CONTA CORRENTE) – Podemos fazer um VT mostrando produtos similares do Brasil e de Portugal e seus respectivos preços. Mesmo com a taxa de câmbio, todo mundo tem curiosidade de saber, por exemplo, quanto custa uma latinha de um refrigerante, um chope e até mesmo um sanduíche das redes de fast-food. Quais os motivos para que determinados produtos tenham preços tão diferentes em um lugar e no outro. Seria uma pauta para discussão com o economista convidado do programa (Samy Dana).

8. UBER x TÁXI TAMBÉM EM PORTUGAL – Não é só no Brasil que a polêmica do Uber desencadeia protestos, ações judiciais e violência. A empresa responsável pelo serviço teve que encerrar o seu site em Portugal e parar o transporte de passageiros no país. Mesmo assim, é possível baixar o aplicativo e solicitar o serviço nas cidades de Lisboa e do Porto. Os taxistas portugueses acusam a empresa de concorrência desleal e de violar as leis nacionais para o transporte de passageiros.

9. CASA DO FERNANDO PESSOA - A casa onde Fernando Pessoa morou nos últimos 15 anos da sua vida (1920-35), em Campo de Ourique, carismático bairro lisboeta, é hoje uma ativa casa de cultura, onde se pode visitar o quarto do poeta, com a cômoda original sobre a qual, no chamado “dia triunfal”, Pessoa deu voz aos seus principais heterônimos. Objetos pessoais como a máquina de escrever, os óculos e blocos de apontamentos, entre outros, complementam o acervo do espaço que ainda tem a preciosa biblioteca particular do autor, digitalizada e disponível para consulta online. Neste universo polivalente realizam-se colóquios, espectáculos, debates e conferências sobre literatura, exposições e oficinas para o público infantil. Tem

também serviço de visitas guiadas por marcação e uma biblioteca, especializada em poesia e em Fernando Pessoa, de livre acesso.

10. APOSENTADOS BRASILEIROS EM PORTUGAL - Portugal tem uma cultura bastante semelhante à brasileira em muitos aspectos que passam pela língua a alguns costumes e tradições, além do clima ser dos mais amenos da Europa. Talvez por esses motivos e por servir de hall de entrada na Europa, segundo estimativa do Ministério das Relações Exteriores, o número de brasileiros no país passa dos 170 mil. E um novo perfil de brasileiros na “Terrinha” tem chamado a atenção: os aposentados, que resolveram curtir o último período da vida num ambiente diferente e menos agitado como o país europeu.

11. FINANCIAMENTO IMOBILIÁRIO PORTUGAL X BRASIL (CONTA-CORRENTE) – Desde agosto de 2014, a taxa de juros implícita nos contratos de crédito à habitação caiu. Em outubro do ano passado, esta taxa caiu dos 1,228% fixados um mês antes para 1,225%. Já nos contratos celebrados nos últimos três meses, a tendência foi também decrescente. A taxa de juro implícita passou de 2,317% para 2,281%, em outubro, completando oito meses de quedas. O valor médio da prestação vencida para o conjunto dos contratos de crédito à habitação manteve-se inalterado face a setembro: 239 euros. Deste montante, 186 euros correspondem a capital amortizado e 53 euros a juros. A ideia é fazer um VT mostrando como é o financiamento imobiliário em Portugal em comparação com o Brasil: as taxas, prestações e prazos.

12. PEÇA “CHICO BUARQUE EM 90 MINUTOS” EM PORTUGAL (FACTUAL) – O espetáculo brasileiro “Todos os Musicais de Chico Buarque em 90 Minutos”, de Charles Möeller e Cláudio Botelho, chega a Portugal na primeira quinzena de março. Durante a peça, o elenco (que inclui uma banda) sobe ao palco e conta a história dos sucessos, encontros e desencontros de uma companhia de teatro, através das canções do artista brasileiro. Não é a primeira vez que a dupla de diretores traz a Portugal um musical brasileiro. Em 2006, a “Ópera do Malandro” foi sucesso de público e crítica em Lisboa.

Podemos fazer um VT falando sobre a produção em Portugal e o público que vai assistir ao espetáculo.

13. CALCETEIROS LISBOA – O “Calçadão de Copacabana”, uma das mais conhecidas imagens de marca do Rio de Janeiro, foi construído em 1906, com mão-de-obra e pedras vindas de Portugal e com um desenho inspirado no “Grande Mar” do Rossio. A calçada à portuguesa, tal como o nome indica, é originária de Portugal, tendo surgido tal como a conhecemos em meados do século XIX. Em 2015, a Prefeitura do Rio abriu um curso para 60 pessoas aprenderem o ofício, tamanha a dificuldade de se encontrar profissionais especializados para a função. Podemos fazer um VT sobre o surgimento dessa calçada aqui em Portugal e mostrar o trabalho dos profissionais na conservação desses espaços públicos.

14. MUNDIAL DE SURFE/PENICHE (FACTUAL) - Portugal vai receber pela oitava vez consecutiva uma etapa do circuito mundial de surfe, entre 19 e 29 de outubro de 2016, em Peniche. Em 2015, o brasileiro Filipe Toledo venceu a etapa do circuito, que acontece na praia de Supertubos. Em 2016, Portugal vai também voltar a receber um campeonato do circuito principal feminino, com o Cascais Women's Pro, entre os dias 24 de setembro e 02 de outubro.

15. CARNAVAL DE TORRES VEDRAS (FACTUAL) - O Carnaval de Torres Vedras é o que mais se aproxima da maior festa popular do Brasil. As referências à existência do Carnaval vêm do tempo de D. Sebastião, numa alusão a uns jovens que pregavam partidas com um galo. Este ano, o evento teve o maior orçamento dos últimos seis anos: 600 mil euros. O Carnaval de Torres, que em 2015 teve 350 mil visitantes em quatro dias, traz o desfile de carros alegóricos, conhecidos pela sátira político-social, e milhares de foliões mascarados, muitos dos quais disfarçados de matrafonas (homens mascarados de mulheres). Segundo um estudo econômico, realizado nas últimas duas edições, o Carnaval de Torres Vedras gera receitas de 10 milhões de euros na economia local, que aumenta as suas vendas em 30%.

16. BRASILEIROS ANÔNIMOS EM PORTUGAL - Os brasileiros em Portugal representam aproximadamente 25,3% da população estrangeira residente no país. Muitos saíram do Brasil há anos, na tentativa de conseguir uma vida melhor. Hoje, ainda é fácil encontrar garçons, faxineiras e vendedores brasileiros, ainda que de forma irregular no país. Podemos contar histórias desses brasileiros no país estrangeiro, os motivos que os levaram a trocar o Brasil por Portugal e se as expectativas e planos foram alcançados.

17. CUSTO DE VIDA EM PORTUGAL X BRASIL (CONTA-CORRENTE) - O custo de vida em Portugal aumentou consideravelmente na última década ou mais e nos grandes cidades está agora em torno da média da UE, embora ela ainda relativamente baixa nas zonas rurais. Se compararmos Lisboa a uma grande cidade brasileira como Rio ou São Paulo, notamos com clareza essas diferenças. Vale levar em conta o salário mínimo português, que é de 530 euros. Custo de vida na cidade de Lisboa para um casal: Moradia: € 400 / Alimentação (mercado): € 200 / Contas: € 70 / Internet, TV e telefonia: € 50 / Transporte público: € 70 - TOTAL = € 790,00. Podemos fazer um VT mostrando essas diferenças e priorizando a qualidade de vida e a liquidez do dinheiro por aqui.

18. FÉRIAS NO BRASIL - Os portugueses redescobriram o Brasil no início da década de 2000, quando os voos charter facilitavam as viagens e desciam os preços para valores apetecíveis. No entanto, a crise de 2008 arrefeceu bruscamente as viagens de férias de longo curso dos portugueses e a valorização do real brasileiro fez subir os preços. Com o Mundial de Futebol, em 2014, e a subida do valor do euro face à moeda brasileira, os portugueses estão a regressar às férias brasileiras. “Em 2014, Portugal voltou a ocupar o top 10 dos países que mais turistas enviam para o Brasil. Em 2013, era o 11.º emissor para o Brasil, com 168 250 visitantes, e, em 2014, subiu para a 10.ª posição, com 170 066 turistas”, adiantou Vinicius Lummertz, presidente da Embratur.

19. RUA ROSA – A LAPA LISBOETA - A Rua Nova do Carvalho, no Cais do Sodré, foi eleita uma das 12 ruas favoritas da Europa pelo New York Times. Antes um destino de marinheiros e prostitutas, hoje é um sucesso de moradores e turistas. Também conhecida por “Rua Cor-de-Rosa”, e habituada a receber a agitação noturna da de Lisboa, o local faz companhia a avenidas em Paris, Berlim, Milão e Londres na lista publicada no jornal americano. Os destaques são o bar da Velha Senhora (bar com toque burlesco), Povo (fado e petiscos), Sol e Pesca (o bar das conservas) e os bares-discoteca Roterdão, Bar do Cais, MusicBox, Europa, Jamaica, Tokyo ou outros clássicos como o Viking ou o Liverpool, além de restaurantes de culto como a Rosinha ou o popular Rio Grande. A coroar, a Pensão Amor, com lojas, espaços criativos e bar. Por aqui, ainda a Casa Conveniente, teatro vivo de Mónica Calle.

20. CASSINOS/ARRECADAÇÃO - Em Portugal, a atividade de jogo apenas está licenciada à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e aos onze casinos, que se encontram nas principais zonas turísticas. Hotel Algarve Casino - na Praia da Rocha, em Portimão, Hotel Casino Chaves, Casino Espinho, Casino Estoril, Casino da Figueira da Foz, Casino da Madeira - no Funchal, Casino de Lisboa - o maior casino de Portugal, inaugurado em 19 de abril de 2006, no Parque das Nações, Casino Monte Gordo, Casino da Póvoa, Casino de Tróia e Casino Vilamoura. Podemos fazer uma reportagem mostrando a rotina de um cassino, os prêmios pagos e os impostos arrecadados.

21. OCEANÁRIO DE LISBOA - O Oceanário de Lisboa é um aquário público de referência em Lisboa, em Portugal e internacionalmente. Possui uma exposição Permanente, 8 mil criaturas marinhas e 7 milhões de litros de água salgada. O equipamento recebe anualmente cerca de 1 milhão de pessoas, que percorrem as suas exposições, tornando-o no equipamento cultural mais visitado de Portugal.

22. PASTÉIS DE BELÉM (COMPORTAMENTO) - No início do Século XIX, em Belém, junto ao Mosteiro dos Jerónimos, laborava uma refinação de cana-de-açúcar associada a um pequeno local de comércio variado. Como consequência da revolução Liberal ocorrida em 1820, são em 1834 encerrados todos os conventos e mosteiros de

Portugal, expulsando o clero e os trabalhadores. Numa tentativa de sobrevivência, alguém do Mosteiro põe à venda nessa loja uns doces pastéis, rapidamente designados por “Pastéis de Belém”. Na época, a zona de Belém era distante da cidade de Lisboa e o percurso era assegurado por barcos de vapor. No entanto, a imponência do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém, atraía os visitantes que depressa se habituaram a saborear os deliciosos pastéis originários do Mosteiro. Em 1837, inicia-se o fabrico dos “Pastéis de Belém”, em instalações anexas à refinação, segundo a antiga “receita secreta”, oriunda do Mosteiro. Transmitida e exclusivamente conhecida pelos mestres pasteleiros que os fabricam artesanalmente, na “Oficina do Segredo”. Esta receita mantém-se igual até aos dias de hoje. De fato, a única verdadeira fábrica dos “Pastéis de Belém” consegue, através de uma criteriosa escolha de ingredientes, proporcionar hoje o paladar da antiga doçaria portuguesa.

23. MUSEU DO FADO (COMPORTAMENTO) - Desde a sua abertura ao público em 1998, para o Museu têm convergido os espólios de centenas de intérpretes, autores, compositores, músicos, construtores de instrumentos, estudiosos e investigadores, artistas profissionais e amadores, em suma, de centenas de personalidades que testemunharam e construíram a história do Fado e que não hesitaram em ceder-nos os testemunhos do seu património afetivo e memorial para a construção de um projeto comum. A todos o Museu do Fado presta a sua homenagem, investigando, conservando e promovendo as singularidades desta arte performativa, oriunda nos bairros históricos de Lisboa e que ao longo de uma história aproximada de 200 anos, foi capaz de absorver influências culturais e tecnológicas diversas, desenhando um trajeto de consagração nas mais diversas áreas, e que se perpetuaram ao longo de quase todo o século XX, na exata proporção da sua celebração popular.

24. VINHO DO PORTO - O Vinho do Porto é um vinho natural e fortificado, produzido exclusivamente a partir de uvas tintas provenientes da Região Demarcada do Douro, no Norte de Portugal a cerca de 100 km a leste da cidade do Porto. Régua e Pinhão são os principais centros de produção, mas algumas das melhores vinhas ficam na zona mais a leste. Apesar de produzida com uvas do Douro e armazenada nas caves de Vila Nova de Gaia, esta bebida alcoólica ficou conhecida como "vinho do Porto"

mais conhecido por vinho gaita ou surrapa a partir da segunda metade do século XVII por ser exportada para todo o mundo a partir desta cidade. Vila Nova de Gaia é o local com maior concentração de álcool por metro quadrado do mundo.

25. AZEITE PORTUGUÊS - O melhor de azeite do mundo é português. A confirmação veio do prêmio Mário Solinas, o mais importante concurso internacional e o mais reconhecido em termos de qualidade dos azeites virgem extra, organizado pelo Conselho Oleícola Internacional. As marcas Oliveira da Serra e Gallo foram as vencedoras. Na competição, participaram 138 azeites de diferentes origens como Portugal, Espanha, Grécia, Itália, entre outros. Podemos contar um pouco da história e da produção do azeite que é exportado para todo mundo, inclusive o Brasil.

26. HOSTEL/LISBOA - As últimas três décadas são caracterizadas por um crescimento significativo do número de turistas que procuram alojamentos de baixo custo, um pouco por todo o Mundo. O que inicialmente se considerava ser um fenômeno associado aos turistas Backpackers ou jovens mochileiros, é atualmente compreendido por viajantes de diferentes classes socioeconômicas. Portugal não é exceção e tem vindo a acompanhar, desde há dez anos, esta evolução. Prova disso, é o nascimento e desenvolvimento acentuado de um novo segmento de indústria hoteleira “low-cost”: os hostels. Só em Lisboa existem cerca de 70 hostels, alguns considerados os melhores do mundo. No ano passado, o maior portal internacional da categoria, o Hostelworld, atribuiu 11 “Hoscars” para instalações portuguesas, que ficaram qualificadas entre os melhores do mundo. O crescimento do negócio deu-se de forma tão acelerada que o governo precisou regulamentar o setor e no ano passado lançou as primeiras regras para aquele tipo de alojamento turístico.

27. TASCAS PORTUGUESAS - As tascas típicas portuguesas são locais históricos, por onde passou muita cultura, muita política e alguma conspiração. Apresentam comida típica, preços razoáveis e uma decoração datada. As toalhas e os guardanapos são quase sempre de papel e os empregados passam o tempo voar de mesa em mesa para atender todos os pedidos. Lisboa tem imensas tascas: umas mais conhecidas e

icônicas, outras escondidas e frequentadas por conhecedores atentos. Recentemente, algumas deram a volta por cima e apresentam-se de cara renovada e maneiras mais sofisticadas. Mas aquilo que as aproxima verdadeiramente é a comida: petiscos variados, carne de porco à alentejana e cozido à portuguesa são onipresentes e devem ser rematados com os tradicionais arroz doce, leite creme ou pudim molotof. Geralmente, os donos das tascas tradicionais tratam os clientes pelo nome, não inventam no nome dos pratos e que temos uma folha A4 escrita à mão com os pratos do dia. São locais de boa mesa, de bom vinho e de boas tradições.

28. CASTANHAS PORTUGUESAS - Em Lisboa, quando as carrocinhas de castanha surgem pelas esquinas é o sinal que o fim do ano está mesmo chegando. Elas só aparecem nessa época. E uma das grandes tradições é o consumo de castanhas, principalmente no dia de São Martinho. A fumaça espalha o cheiro delicioso de castanha assada. O saquinho com uma dúzia sai por entre 2 e 3 euros. Mas para ver de onde vem a castanha é preciso ir bem longe de Lisboa. Na região de Trás-os-Montes, em Portugal, encontramos a maior plantação de castanhas do mundo. As catadoras recolhem de 100 a 120 quilos de castanhas cada uma por dia. E ganham uma diária de cerca de R\$ 120. Portugal é o maior produtor do mundo de castanhas, e exporta quase tudo. O Brasil é um dos maiores compradores.

29. ENVELHECENDO FORA DO ARMÁRIO (FACTUAL) – O projeto “Envelhecendo fora do armário”, realizado pela Opus Gay e financiado pela Câmara Municipal de Lisboa, tem como objetivo combater o isolamento social de lésbicas, gays bissexuais e travestis idosos, através de encontros, centros ou lares. Na Irlanda, um terço dos idosos LGBT sofrem, em algum momento da vida, de doenças mentais. Na Finlândia, um terço não recorre aos serviços de saúde por receio de ser discriminado. Segundo o presidente da entidade, a ideia é “combater o regresso ao armário de pessoas, que em muitos casos vivem com vergonha e isoladas”.

30. TAXA/SACOS PLÁSTICOS (FACTUAL) – O Governo português prevê em 2016 uma receita de 200 mil euros com a taxa sobre os sacos leves de plástico, medida rem

vigor há um ano. A nova taxa de 10 centavos de euro sobre os sacos plástico, que entrou em vigor em 15 de fevereiro de 2015, pretendia reduzir a utilização de 466 sacos por habitante/ano, uma das mais elevadas da Europa, para 50 sacos.

31. ESTUDANTES PORTUGUESES FORA (COMPORTAMENTO) – A Uniplaces, plataforma online para alojamento de universitários, fez um inquérito em que apurou que os alunos portugueses estão entre os que mais desejam estudar fora do país. Podemos mostrar quem são os alunos e o que e onde querem estudar.

32. FESTIVAL SUPER ROCK (FACTUAL) – O Super Bock Super Rock está entre os festivais de rock e música pop mais importantes da Europa. A 22ª edição do evento já conta com as confirmações dos The National, Kurt Vile, Jamie XX, Mac DeMarco, Bloc Party, Kendrick Lamar, Petite Noir, Fildar e Villagers. O festival acontece no Parque das Nações, em Lisboa, entre 14 a 16 de julho de 2016.

33. PORTUGAL NA MODA/TURISMO - Portugal está na moda e não é de hoje. Seja pelas suas praias conhecidas mundialmente, seja pelos pastéis de nata, seja até por ser um destino barato em tempo de crise. O país tem sido um dos destinos mais procurados e os hostels ganham também novo destaque. Com Lisboa e Porto a atingirem saturação em termos de oferta, há ainda oportunidade em outras regiões do país: Algarve, Évora ou Aveiro.

34. CIDADANIA PORTUGUESA – A lei em Portugal permite que filhos, netos, bisnetos e até descendentes mais distantes de cidadãos portugueses (dependendo do caso) adquiram a nacionalidade de seus familiares. O processo, que aparentemente parece simples, torna-se muito complicado para quem tenta dar entrada na cidadania sozinho, alimentando um mercado paralelo de despachantes. Podemos fazer um VT contando quem tem direito e a documentação básica para a obtenção da certidão de nascimento portuguesa.

35. PRODUÇÃO NAS QUINTAS – Diversas famílias portuguesas produzem, em suas quintas, o próprio azeite para consumo. É uma produção caseira e bem artesanal, garantindo frescor e sabor. Além do óleo, também é fácil encontrar, até mesmo em Lisboa, casas com quintais onde se plantam frutas e legumes típicos do local: limão, laranja, batatas. Podemos fazer um VT para acompanhar essa tradição que garante sabor e qualidade à mesa dos portugueses.

36. EXPECTATIVA/OLIMPÍADAS – Faltam pouco mais de 150 dias para a realização dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro. Em 17 dias de provas, 306 medalhas serão conquistadas disputas que vão envolver 10.500 atletas de 206 países, incluindo Portugal. Pela proximidade da cultura e da língua, podemos fazer um VT mostrando a expectativa do país, em geral, com a realização da Olimpíada na cidade brasileira. Podemos falar com o chefe de Missão, José Garcia.

37. PROCURA POR PASSAGENS/OLIMPÍADAS – Uma agência escolhida pelo comitê olímpico português já começou a comercializar viagens e bilhetes para o RIO 2016 no território nacional. Estão disponíveis cinco pacotes de viagem que englobam transporte, alojamento e ingressos para assistir a determinadas provas olímpicas, sendo possível a aquisição de bilhetes para outras competições dos Jogos no Rio. Existe ainda a possibilidade de adquirir apenas bilhetes para as provas olímpicas. Além da criação dos pacotes de viagem, a agência também vai assumir a responsabilidade da gestão das viagens das equipas portuguesas para os jogos Olímpicos e Paralímpicos.

38. SEGURANÇA NOS AEROPORTOS – O medo de atentados terroristas impôs um esquema próprio de segurança para os atletas americanos (FBI, controle da comida, localização especial na Vila dos Atletas para facilitar retiradas, guarda costas etc). Podemos conferir quais medidas serão adotadas de voos que partirão de Portugal ao Brasil com atletas e torcedores.

39. ALUGUEL NO RIO/OLIMPÍADA – Diversos turistas trocaram as diárias em hotéis por aluguel de apartamentos durante os Jogos Olímpicos do Rio. Podemos fazer

um VT com algum português que fechou um contrato desses e a expectativa com o ambiente. Vale compararmos preço, localização, metragem, etc.

40. CUIDADO COM O RIO! – Os conselhos que os atletas recebem nos seus países (cartilhas, inclusive) sobre como sobreviver na selva carioca e brasileira. Como está reagindo o povo português? O clima é de medo?

41. CONTAGEM REGRESSIVA/PAINEL – O Comitê Olímpico de Portugal instalou um painel eletrônico junto ao aeroporto da Portela para assinalar a contagem regressiva para os Jogos Rio-2016. Com o título estampado "À Descoberta do Sonho Olímpico", milhares de pessoas passam pelo painel que mostra o 'countdown' de três faces, dado a Segunda Circular ser uma via onde diariamente passam muitos milhares de portugueses. Podemos fazer um colômbia para um VT que mostre os painéis espalhados pelo mundo.

42. QUADRO DE MEDALHAS/EXPECTATIVA – Portugal não costuma se destacar nos quadros de medalhas nos Jogos Olímpicos. Na última edição da competição, em 2012 na cidade de Londres, o país conquistou apenas uma medalha. Fernando Pimenta e Emanuel Silva conquistaram a prata na canoagem (K2 1000m) masculino. Podemos pegar um ou outro exemplo dos candidatos mais fortes a conquistas.

43. TORCIDAS NOS BARES – Se não dá para todo mundo ir aos jogos in loco, sempre há uma TV no bar para turma se encontrar e torcer. Podemos fazer um VT divertido com essas "torcidas organizadas" que sempre causam muita algazarra (na animação da cervejinha e da confraternização, é claro). Na hora do hino, por exemplo: é meio surreal mostrar a turma "perfilada" diante da TV e das suas tulipas! Dá um VT engraçado.

44. IMPRENSA PORTUGUESA – VT mostrando o olhar da imprensa portuguesa sobre o Rio, nesse pré-olimpíada. Será que a violência vai dividir as manchetes com os resultados dos jogos? Podemos reunir um representante de cada tipo de veículo (TV,

rádio, impresso) e mostrar qual o universo de gente que estará ligada nos Jogos Olímpicos. Haverá mais de três mil jornalistas estrangeiros no Rio durante a competição. Como eles retratarão o Brasil para os seus países? (pode ser um colaborador)

45. MÃE DE ATLETA – Mães e pais de atletas devem acompanhar os parentes portugueses na viagem ao Rio e ficarão grudados nos filhos durante a competição. Pode render VT engraçado de comportamento (colabora com outras nacionalidades).

46. OS PARENTES – Podemos fechar um VT focando a rotina dos parentes e amigos dos atletas que não mediram esforços para irem ao Rio a fim de acompanhar as performances de seus queridos entes competidores, nos Jogos. Sempre vai ter a mãe superprotetora, o primo bonachão que vai só de farra e divide as arquibancadas com as cadeiras dos bares da orla, a namorada romântica, o pai orgulhoso. Podemos tentar uma ou duas famílias dos atletas e fazer um VT especial (colabora com outras nacionalidades).

47. RECOMENDAÇÃO/ZIKA – Documento da Comissão Médica do Comitê Olímpico de Portugal referente ao Vírus Zika informa que, de acordo com as normas da Organização Mundial de Saúde, do Ministério da Saúde do Brasil e do Comitê Olímpico Internacional, das pessoas infectadas pelo vírus Zika apenas 20 % são sintomáticas, durando a sintomatologia 2 a 7 dias. No Brasil, estão previstas ações de prevenção da epidemia recorrendo à informação das populações e secando águas estagnadas, plantas em águas paradas, esgotos etc, através de 200.000 militares destacados para o efeito. As medidas que se recomendam agora dia 31 de janeiro são as seguintes: 1- Evitar picadas de mosquitos que são mais ativos sobretudo a meio da manhã e no final do dia usando repelentes de insetos; 2- Usar roupa de mangas compridas e calças compridas assim como não usar sandálias; 3- As mulheres em idade procriativa devem decidir de acordo com as suas prioridades viajar ou não para um país onde existe o perigo de contraírem uma virose que pode afetar a gestação. O que os atletas pensam sobre isso? Quais as medidas adotadas pelas equipas para evitar a contaminação?

48. PROMESSAS PORTUGUESAS – Rui Bragança está oficialmente classificado para os Jogos Olímpicos Rio 2016 depois confirmação oficial da Federação Internacional de Taekwondo. O atleta de 23 anos, que estuda medicina, fechou o ano no 3º lugar do ranking olímpico, carimbando assim o seu passaporte para o Rio de Janeiro. Esta será a estreia do melhor atleta português de Taekwondo da atualidade, depois de não ter logrado estar em Londres, na edição dos Jogos de 2012. Será também o regresso do Taekwondo luso ao maior evento multidesportivo do mundo depois da estreia em 2008, com Pedro Póvoa, precisamente na mesma categoria de peso de Rui Bragança (-58kg), tendo ficado no 7º lugar entre 16 participantes. Decisivo para estar no Rio 2016 foi a última competição, disputada no dia 6 de dezembro, o Grand Prix do México, onde foi 4º, e onde estavam em jogo o dobro dos pontos para o ranking olímpico. Até o momento, Portugal já conquistou 52 vagas nos jogos. Mas até junho, o Comitê Olímpico português almeja conquistar 200 vagas na competição. Podemos fechar um VT temático de promessas portuguesas para o a competição no Brasil.

49. ATLETAS PARALÍMPICOS - Fazem atualmente parte do Programa de Preparação Paralímpica Rio 2016 os seguintes atletas: Gabriel Macchi, Joaquim Machado, Nuno Alves, Firmino Baptista, Lenine Cunha, Carlos Ferreira, Cátia Almeida, Cláudia Santos, Cristiano Pereira, Eduardo Sanca, Erica Gomes, Hugo Cavaco, Inês Fernandes, Jorge Pina, Luís Gonçalves, Samuel Freitas, Maria G. Fernandes, Maria Maganinho, Maria O. Fiúza, Mário Trindade, Raquel Cerqueira, Ricardo Marques (atletismo); Pedro Clara, Abílio Valente, António Marques, Armando Costa, Cristina Gonçalves, Fernando Ferreira, José Macedo, Luís Daniel Silva (Bocha); David Grachat, Nelson Lopes, Emanuel Gonçalves, Gino Caetano, João Pina (Natação) e Bruno Valentim (Tiro). Em 2012, Portugal conquistou três medalhas: uma prata no Boccia, um bronze no Boccia e uma medalha de bronze no Atletismo. Podemos fazer um VT de preparação desses atletas para a competição deste ano.

50. NAVIO PORTUGUÊS NA RIO-2016 - O Navio Escola Sagres, da Marinha portuguesa, será a "Casa de Portugal" no Rio de Janeiro durante os Jogos Olímpicos de 2016. O equipamento estará na capital fluminense entre 3 e 21 de agosto, estando

prevista no seu trajeto paragens em Cabo Verde e nas cidades brasileiras de Recife e Salvador da Baía, antes da chegada à cidade-sede dos Jogos Olímpicos 2016. O navio escola Sagres foi construído nos estaleiros da Blohm & Voss, em Hamburgo, em 1937, sendo batizado de Albert Leo Schlageter. Podemos mostrar, em primeira mão, esse navio e como ele vai funcionar como base para os atletas portugueses.

51. CRESCIMENTO/HOTÉIS – Lisboa vai ter, em 2017, mais 40 hotéis na cidade. Em 2017, as regiões de Lisboa e do Porto serão as mais ativas. Sozinha a área metropolitana de Lisboa representa 45% do total dos novos hotéis previstos para 2017 – a cidade de Lisboa responde por 15. Por sua vez, o Porto e Norte correspondem a uma fatia de 27,5% das novas aberturas; só na cidade Invicta nascem outras seis unidades hoteleiras. Algumas começam a abrir portas ainda na primeira metade do ano.

5.11. O que não foi noticiado sobre Portugal na imprensa brasileira

A escolha do que é ou não notícia é uma das atribuições mais dinâmicas da profissão do jornalista. E muitos fatores estão atrelados a essas decisões, que passam por contextos geopolíticos internacionais, proximidade, impacto societário, entre outros, além de um aspecto que assombra todas as redações: a concorrência.

Com essa subjetividade explícita no conceito de valor-notícia, não é fácil determinar o que é ou não interessante para ser divulgado ou publicado.

Porém, a experiência dentro de uma emissora local e a vivência enquanto correspondente estrangeiro no país podem nos desenvolver essa competência, mesmo que esta seja sempre subjetiva.

Portanto, através desse exercício, elenco, na tabela abaixo, alguns temas que ganharam amplo destaque na imprensa portuguesa e que não chegou à mídia do Brasil:

DATA	ASSUNTO
02/11/2016	Compra de imóveis em Portugal por brasileiros dispara por conta da crise
03/11/2016	Parlamento português discute mudanças na lei de imigração
04/01/2017	“Geringonça” eleita Palavra do Ano 2016
20/01/2017	Lisboa vai candidatar calçada portuguesa a Patrimônio da Humanidade
01/02/2017	Câmara do Funchal cria centro de apoio a negócios para empresas brasileiras
02/02/2017	Portugal eleva impostos para bebidas com açúcar para tentar reduzir consumo alto
20/02/2017	Cidade do Porto é eleita como "Melhor Destino Europeu 2017"
03/03/2017	Surfista brasileiro fica ferido após se acidentar em ondas de Nazaré
11/03/2017	Sócrates acusado por luvas de 32,8 milhões
21/03/2017	Portugal importou de forma direta, em 2016, 524 toneladas de carne sob suspeita do Brasil
22/03/2017	Portugal vai intensificar a fiscalização de carnes importadas do Brasil após operação policial
27/03/2017	Aeroporto da Ilha da Madeira passa a se chamar Cristiano Ronaldo
29/03/2017	Recebe sexo por legalizar 14 imigrantes. A cabeça do grupo é uma brasileira de 34 anos

Tabela 5 – Notícias que ganharam amplo destaque na imprensa portuguesa, mas não foram divulgadas no Brasil.

Muitos assuntos, além desses, poderiam ocupar páginas de jornais e sites e espaços em telejornais e programas de rádio, mas diversos fatores já apresentados fazem com o que os níveis de seletividade sejam rigorosos.

Na prática, cabe ao jornalista correspondente oferecer, estruturar uma boa argumentação para reportar tais fatos e, no fundo, torcer para que tenha a sugestão aprovada.

5.12. Um caso concreto: Os crimes e a fuga de Pedro Dias x Violência no Brasil

No dia 11 outubro de 2016, por volta de 6 horas da manhã, o português Pedro Dias, de 44 anos, teria matado, com um tiro, o militar da Guarda Nacional Republicana Carlos Caetano e ferido um outro agente, em Aguiar da Beira, no distrito da Guarda. O criminoso, também conhecido como “Piloto”, também teria disparado, no mesmo dia, contra um casal, que seguia num carro, para o roubar. O homem morreu imediatamente e a mulher ficou gravemente ferida.

O crime chocou o país e mobilizou toda a imprensa portuguesa, que, a partir daquele momento, e, junto às autoridades e à população, queria saber o paradeiro do assassino. Dois dias depois, a imprensa espanhola afirmou que Pedro Dias teria entrado no país vizinho. No dia 16, o homem sequestrou duas pessoas e roubou um automóvel no concelho de Arouca - de onde é natural. A polícia perseguiu o suspeito, mas ele escapou, próximo a Vale de Nogueira, Constantim, no distrito de Vila Real.

Nos dias seguintes, diversas pistas - não comprovadas - foram divulgadas por todos os veículos de comunicação de Portugal e de países vizinhos.

Somente em 8 de novembro, após 28 dias foragido, Pedro Dias se entregou à polícia. A detenção do “serial killer” foi acompanhada, ao vivo, pela TV RTP.

Durante todos os dias desse infeliz episódio, a imprensa portuguesa se debruçou de maneira intensa e muitas vezes exclusiva sobre o caso. Reportagens especiais, equipes destacadas, utilização de drones e até telejornais foram transmitidos ao vivo de locais próximos ao crime, em um exemplo de grande cobertura pela mídia do país.

O caso, que foi exaustivamente noticiado em Portugal, não foi citado em nenhum grande veículo brasileiro. Nem rádio, nem jornal, nem site, nem emissora de televisão gastou uma linha ou um minuto para informar sobre a considerada barbárie em território português.

O episódio pode explicar bastante o conceito do que é notícia sobre Portugal na imprensa brasileira. Além da questão já abordada sobre a pouca importância geopolítica do país no contexto internacional, outros dois fatores contribuem para esta relação de ignorância da mídia brasileira para com os acontecimentos em território português.

O primeiro deles é, sem dúvida, o volume de notícias que o Brasil produz diariamente. Pela sua dimensão continental (8.516.000 m²) e pelo elevado número de habitantes (mais de 210 milhões de pessoas), a imprensa tem de usar um filtro muito mais carregado para classificar o que é e o que não é notícia dentro e fora do país.

Além disso, outra questão é, sem dúvida, relevante para esse tratamento, neste caso, específico a essa situação é o nível de violência no Brasil. Desta forma, o “episódio Pedro Dias” não teria grande impacto na mídia por, infelizmente, ser um dos muitos casos da realidade brasileira.

Em uma pequena pesquisa na internet, encontramos inúmeras notícias sobre crimes violentos no Brasil: de assaltos com reféns e troca de tiros e assassinato de

motorista de Uber no Rio de Janeiro a mulher assassinada com facadas no interior de São Paulo (ver anexo IV).

O assunto foi oferecido, por exemplo, às chefias de jornalismo da TV Globo e GloboNews, mas não recebeu aprovação para que fossem feitas reportagens.

5.13. A linguagem jornalística em Portugal

Uma das principais diferenças constatadas por um jornalista correspondente que tem o privilégio de se basear em uma emissora local é, de fato, o uso de termos específicos ao jornalismo e em especial ao telejornalismo. Como a referência brasileira para se fazer TV é a escola americana e Portugal é influenciada pela escola francesa, muitos termos, que eu acreditava ser universal, são bem diferentes.

Aos poucos, vamos nos acostumamos e, por vezes, absorvemos termos da cultura televisiva local, fazendo determinadas confusões com a linguagem utilizada no país de origem.

Abaixo, vemos alguns desses exemplos, com uma breve explicação sobre cada termo:

BRASIL	PORTUGAL	DEFINIÇÃO
VIVO	DIRETO	Entradas em tempo real na programação da emissora a partir de um lugar.
VT	PEÇA	Reportagem gravada, com texto, imagens e entrevistas.
SWITCHER	RÉGIE	Sala onde o telejornal é coordenado, dirigido e transmitido.
ÂNCORA	PIVOT	Jornalista que apresenta o telejornal.
CABEÇA	PIVOT	Frases de abertura que antecedem uma reportagem gravada.
LOC VIVO	OFF	Conjunto de imagens sobre as quais um âncora lê um texto ao vivo.
OFF	VOZ OFF	Texto gravado para montar a reportagem gravada (VT).
NOTA PÉ	PIVOT DE SAÍDA	Texto lido pelo apresentador após o fim de uma reportagem gravada (VT).
SONORA	VIVO	Parte de uma entrevista selecionada para ilustrar uma reportagem (VT).
PASSAGEM	VIVO	Aparecimento do jornalista durante uma reportagem gravada (VT).

COBRIR	PINTAR	Mecanismo de colocar imagens em sequência para ilustrar o texto OFF no VT.
TARJA	FRASE	Recurso visual utilizado pelos canais de TV para explicar, resumidamente, em texto, o assunto que está no ar.
ARTE	GRAFISMO	Editoria responsável por ilustrações, gráficos e animações durante uma reportagem.
NOTA PÉ	PIVOT DE SAÍDA	Nota lida pelo apresentador após uma reportagem ou uma declaração gravada.

Tabela 6 – Termos jornalísticos que são diferentes no Brasil e em Portugal.

5.14. Dificuldades e desafios na atividade do correspondente em Portugal

Não são poucas as dificuldades encontradas por qualquer jornalista que está fora de seu país de origem e longe dos seus gestores. Em Portugal, particularmente, apesar de falarmos a mesma língua, muitos percalços aparecem devido a outros fatores, como veremos a seguir.

Sem dúvida, a principal dificuldade no trabalho do jornalista correspondente de TV é “emplacar” uma reportagem ou entrada ao vivo sobre algo que aconteceu no país. Os motivos são diversos: o assunto pode não ser novidade ou já foi abordado, pela pouca importância dada ao país no contexto geopolítico internacional, pela nação não estar associada a um conflito direto, e, até mesmo por falta de espaço na programação. Questões mais locais, curiosidades, coisas do cotidiano, pautas de gastronomia, economia local acabam ficando para um outro momento, que quase nunca chega.

Mesmo com um mundo globalizado, onde a tecnologia permitiu um maior contato com vários países e encurtou as distâncias, a invisibilidade de vários países continua. Isso mostra que o fluxo internacional de notícias internacionais é uma extensão do que as agências fornecem aos meios de comunicação de massa. “Acredito que a melhor saída é usar o material de agências de notícias em portais e deixar o correspondente solto para produzir um material de qualidade para o dia seguinte” (Trevisan cit. in ADGHIRNI, 2013).

A hierarquia e a importância dadas às notícias que acontecem fora do país sede do veículo de comunicação social são pasteurizadas. É nítido perceber, em mais de um

ano de trabalho como correspondente, que os conteúdos pedidos e aprovados pelas respectivas chefias são assuntos que chegam à base do veículo através das agências internacionais. Isso mostra que os valores dados aos assuntos são praticamente iguais nos órgãos, visto que todos compram o conteúdo das mesmas empresas geradoras. Nem sempre a relação de interesses econômicos ou históricos que o país de origem do órgão têm com Portugal colabora com a aprovação da pauta.

A maioria das informações divulgadas nos órgãos de comunicação social é distribuída pelas principais agências europeias e americanas: France Press, Efe, Reuters e Associated Press. Juntas, controlam mais de 70% das notícias coletadas, publicadas e exibidas para um público de três bilhões de pessoas. Assim, ao passo que os tempos atuais trouxeram um aumento no volume de trabalho para os jornalistas da editoria internacional, o trabalho “in loco”, que aposta no olhar e abordagens diferenciados de um jornalista correspondente, é cada vez mais escasso, devido às reduzidas receitas disponíveis para grandes investimentos em reportagens, sobretudo no exterior. Como consequência, jornais, emissoras de TV, revistas, rádios e sites acabam publicando o mesmo conteúdo fornecido pelas agências, sem qualquer novo valor agregado.

Em muitas ocasiões, a presença de um jornalista no local do fato é apenas estética, uma vez que por alguns fatores, como horário, distância e viabilidade, não é possível que o correspondente se desloque para a cena do acontecimento.

Reivindicar uma cobertura internacional mais democrática é, aliás, retomar um debate de pelo menos quatro décadas: a ausência de democracia na informação distribuída pelo mundo provoca a invisibilidade de certos assuntos e nações, constituindo um noticiário assimétrico e desequilibrado. Nossa intenção agora é ressaltar que as pautas transfronteiriças são construídas e selecionadas dentro de um contexto político-econômico-cultural, que obedece a lógica do capitalismo e seus desdobramentos (ADGHIRNI, 2013).

Também refém deste processo, um dos grandes problemas enfrentados pelos jornalistas correspondentes vem, ironicamente, com o avanço da tecnologia. Com o aparecimento de novas fontes de informação, como as redes sociais e os canais de notícias 24 horas, além das tradicionais agências internacionais de notícias, as próprias

chefias conseguem, muitas vezes, estar à frente destes profissionais no tempo, fazendo com que seja ele a decidir os temas a serem reportados. O editor consegue hoje informar o seu correspondente sobre as notícias do país onde está baseado, mesmo a milhares de quilômetros de distâncias. Esta inversão de papéis vem dificultar, ainda mais, a permanência dos correspondentes em certos países, considerados menos importantes, como Portugal.

A questão do fuso horário também é um entrave. Por estarem, na maioria das vezes, separados dos editores, das redações e dos consumidores, os jornalistas correspondentes são profissionais disponíveis todo o tempo, ou seja, precisam estar à disposição de suas chefias para alimentar, quando necessário, a produção de notícias sobre o país onde vive.

Segundo Silva (cit. in AGNEZ & MOURA, 2016), alguns pontos caracterizam a figura do correspondente, dentre eles o desprendimento, ou seja, não querer ficar preso a rotina, ter disponibilidade, estar disposto a fazer sacrifícios pessoais e jornadas longas de trabalho.

Em Portugal, por exemplo, os assuntos relacionados a crimes, justiça e polícia têm mais destaque no noticiário brasileiro. E neste caso específico, a dificuldade também é imensa, pela falta de matéria-prima. Os índices de violência no país e na Europa de maneira geral são bem menores que no Brasil. Assim, são raras as reportagens que consigam reunir violência e brasileiros no país.

Um outro problema vivenciado em Portugal é o acesso às instituições, um convívio caracterizado pela lentidão e pela burocracia. O panorama é semelhante no Brasil, mas quando somos estrangeiros, a situação piora, por motivos, até então, desconhecidos. Na minha opinião, há um medo generalizado de instituições, principalmente quando o assunto é negativo, de internacionalizar determinada informação, com uma possível consequência negativa. Além disso, as assessorias de imprensa, muito popularizadas no Brasil, aumentam a dificuldade em contactar esses profissionais e ampliando esse procedimento burocrático.

A crise econômica também afeta, diariamente, o trabalho do jornalista correspondente em Portugal. Isso porque se o profissional descobre, longe de sua base, uma boa pauta, um bom assunto para uma reportagem especial, por exemplo, a produção pode ser barrada pelos custos que uma viagem têm e que os meios não estão dispostos a pagar. Na prática, se o correspondente viver em Lisboa, centro político-econômico do país, mas descobrir algo muito interessante na Serra da Estrela, localizada no interior, pode ser que a reportagem não seja feita por contenção de despesas.

Com todas essas barreiras, entedemos um pouco mais da baixa média de produção dos trabalhos feitos pelos correspondentes em Portugal. Já vimos que essa média não é causada pela pouca criatividade dos profissionais ao sugerir serviços. Mas, as dificuldades são superadas, obviamente, com esforço, competência e dia após dia.

Além disso, os desafios na atividade passam por contornar todas essas adversidades diárias no exercício da profissão e acompanhar, globalmente, a evolução da carreira de jornalista correspondente internacional, com os avanços tecnológicos e editoriais no mundo inteiro.

CONCLUSÃO

A ocupação profissional de correspondente internacional, glorificada entre os séculos XIX e XX, passa por uma profunda crise de identidade nesse início de século, assim como toda a atividade jornalística. A questão das transformações no modelo de negócio aparece como um problema estrutural básico, impondo uma redução de custos, mas, ao mesmo tempo, multiplicando a oferta de serviços, aumentando o trabalho dos jornalistas.

Vimos durante a apresentação deste trabalho que o cargo tem sofrido pressões de origens econômica, por causa de altos custos de manutenção e baixo retorno financeiro para os órgãos; tecnológica, já que o profissional concorre com a velocidade das agências de notícias e com os próprios cidadãos que, através das redes sociais, divulgam fatos, fotografias e vídeos; e, por último, em relação à periculosidade, já que em muitas regiões como Oriente Médio são violentas e perigosas para jornalistas. “Correspondentes custam caro e são, em tese, facilmente descartáveis diante da fartura de fontes de substituição, como agências de notícias e os chamados jornalistas cidadãos, que poluem a internet com conteúdo militante” (ADRIGHINI, 2013).

Além dessas pressões, a atividade, em si, também passou por uma intensa transformação. A forma como os correspondentes estrangeiros apuram, interpretam e transmitem as notícias de onde estão mudam constantemente atrelada, principalmente à tecnologia. Segundo Williams (2011), o impacto das novas mídias no jornalismo internacional pode ser visto como benéfico e prejudicial ao mesmo tempo, pois permitem que os repórteres possam ter um acesso facilitado a fontes de notícias e a uma ampla gama de informações, enviar relatos e imagens mais rapidamente e de forma mais eficiente durante a reportagem de campo, bem como fornecer notícias instantâneas do que está acontecendo. Mas, ainda segundo o autor, a nova tecnologia também leva a uma diminuição na capacidade e tempo que os repórteres têm de avaliar princípios fundamentais do jornalismo como, por exemplo, a veracidade e a qualidade das informações que recebem.

A tecnologia também fez com que as distâncias entre o jornalista e a redação fossem reduzidas. O contato entre o editor e a sua base acontece, hoje, de maneira

praticamente instantânea. “O correspondente, ao mesmo tempo que se tornou um “lobo solitário”, trabalhando sozinho, também perdeu a liberdade editorial que lhe era característica” (COELHO, 2015).

Assim, a clássica visão um tanto romântica em relação aos jornalistas internacionais, alimentada pelos próprios profissionais, como os correspondentes de guerra, considerados heróis que se arriscam pela informação, embaixadores dos veículos para os quais trabalham, muitas vezes associados à figura do diplomata, o glamour aparente de se viver no exterior, a autonomia, o status mais elevado dentro da carreira de repórter, estão, aos poucos, desaparecendo. De acordo com Williams (2011) “a realidade é menos glamorosa e mais mundana. O jornalismo internacional, assim como o restante da profissão do jornalismo, é entediante, repetitivo e frequentemente preso a uma escrivania”. Em outras palavras, o jornalismo internacional está sujeito a uma série de rotinas e práticas, até mesmo burocráticas, que evidenciam que esse glamour está mais presente na visão de colegas, leitores e amigos do que, de fato, na vida profissional destes jornalistas, como comprovam outros estudos (AGNEZ, 2014).

Particularmente neste trabalho, que abordou a experiência de um jornalista correspondente em Portugal, foi possível vivenciar, na prática, muitos pontos dessas transformações que o posto tem sofrido.

Em termos tecnológicos, dois fatores implicam, diariamente, na atividade jornalística do país.

O primeiro deles é o fato de ser autônomo na realização prática do trabalho, ou seja, com a crise econômica, a função do correspondente já é desempenhada por apenas uma pessoa, que, no caso da TV, tem de conseguir realizar um trabalho realizado por mais de três pessoas. “A tecnologia torna possível ter uma base num determinado país, sem que para isso seja necessário ter despesas com pessoas, salas de edição e todo o equipamento necessário. Nós conseguimos fazer a cobertura com menos pessoas, à medida que o equipamento têm vindo a encolher, chegando ao ponto que apenas um jornalista consegue carregar consigo, tudo o que precisa para filmar, editar e transmitir uma estória. O jornalista correspondente tornou-se apenas

num bombeiro que vai de fogo em fogo (...) quando o fogo está apagado ele segue para o próximo”. (SAMBROOK, 2010)

O segundo fator, também atrelado aos adventos tecnológicos, rompe completamente a noção de tempo e espaço, uma vez que a redação (através de editores e chefes de reportagem) conseguem estar, muitas vezes, à frente no tempo do correspondente sobre assuntos que acontecem a milhares de quilômetros, ou seja, com o surgimento de novas fontes de informação, como as redes sociais, os canais “all-news” e agências de notícias, o jornalista correspondente é avisado pelos seus gestores editoriais de fatos que acontecem no país em destaque. Pessoalmente, foi difícil compreender esta inversão de papéis, que só põe em xeque a permanência de correspondentes em países considerados menos importantes.

A globalização, as transformações tecnológicas e a crise econômica mudaram a maneira como se faz e distribui notícias, afetando, diretamente, no número de jornalistas correspondentes destacados em várias partes do mundo. Portugal, nesse cenário, é uma das regiões em que os grandes conglomerados de mídia não enxergam como indispensável para se ter um jornalista destacado.

Em termos editoriais, foi possível observar a posição de Portugal no contexto geopolítico internacional. O país, integrante da União Europeia, tem pouca relevância noticiosa no cenário jornalístico do mundo e, como consequência, pelo menos em termos televisivos, a produção de conteúdo é baixa. Como resume Laranjeiro (2009), a importância de Portugal como notícia é esporádica, gerando acontecimentos relevantes internacionais esporadicamente e, conseqüentemente, tendo um número reduzido de jornalistas correspondentes no país. “Excetuando a Revolução dos Cravos em 1974 e os meses que a sucederam, Portugal nunca mereceu atenção por parte dos órgãos internacionais”. (LARANJEIRO, 2009)

Este cenário, segundo Paulo Nuno Vicente (2013), também acontece com os jornalistas baseados em África, com mais da metade de jornalistas caracterizados pelo regime freelancer. “Esta precaridade no trabalho traduz-se em salários baixos e irregulares, pagamentos por trabalho, contratos de trabalho temporário, insegurança social e rotinas de produção agitadas.” (VICENTE, 2013).

No caso específico de um correspondente de uma emissora de TV brasileira em Portugal, apesar das relações históricas, a concorrência com cidades consideradas importantes no cenário mundial faz com que a participação jornalística sobre o país seja esporádica, com uma média de três a quatro trabalhos no mês. Além da disputa com mais 14 países e 21 correspondentes, Portugal ainda concorre com as grandes agências de notícias, que pouco privilegiam o país.

Apesar das imensas dificuldades, a profissão resiste pois ainda é legítima a necessidade da presença de um olhar no lugar onde os fatos ocorrem, ou seja, um jornalista que possa observar o que acontece em uma determinada região.

Sem dúvida, estamos em uma nova era do jornalismo, sobretudo no jornalismo internacional. A forma como aprendemos sobre o mundo sofre principalmente “uma variedade de fatores de pressão que estão a debilitar o papel do jornalista correspondente e a criar oportunidades – e imperativos – para as organizações dos órgãos de mídia adotarem uma nova abordagem em como reportar notícias internacionais” (SAMBROOK, 2010).

Apesar de todas as transformações em que o jornalismo de uma maneira geral sofre, para fazer girar o “mundo das notícias”, sempre serão necessários jornalistas. E para reportar notícias internacionais, sempre serão necessários jornalistas correspondentes. “O ser humano criou a prensa, o telégrafo, o rádio, o telefone, a televisão e a internet, mas esses recursos tecnológicos não se operam sozinhos e, pelo menos por enquanto, não são capazes de transmitir uma informação sem o esforço de pessoas que observem e reportem os fatos. É por isso que, no presente momento, pode-se concluir que o cargo de correspondente internacional passa sim por uma crise, no sentido de redução de pessoal por conta de dificuldades financeiras e mudanças de paradigmas tecnológicos, mas isso não significa que a função irá entrar em extinção” (VIEIRA, 2015).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADGHIRNI, Zélia Leal. “A pluralidade do mundo na visão singular do correspondente internacional”. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n.28, julho 2013.
- AGUIAR, Pedro. “Jornalismo internacional em redes”. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio/ Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.
- AGNEZ, Luciane. “Identidade profissional no jornalismo brasileiro: a carreira dos correspondentes internacionais.” Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.
- AGNEZ, Luciane, e Dione Oliveira Moura. “Correspondentes internacionais: A permanência do mito do repórter nas estratégias em defesa da identidade profissional”. Revista Sobre o Jornalismo, vol. 5, n. 1, 2016. Disponível em: <http://surlejournalismo.com/rev>. Acessado em 17 mar. 2017.
- BONNER, Wiliam. “Jornal nacional: modo de fazer”. São Paulo: Editora Globo, 2009.
- BRASIL, Antônio. “A construção da imagem do Brasil no exterior”. Revista Famecos. Porto Alegre, v. 19, n. 3, 2012
- BRITTO, Denise Fernandes. O papel do correspondente internacional na editoria exterior. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Porto Alegre, 2004.
- CABRAL, M. S. A.. Reinventando a Cultura. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume I. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CAVALCANTI, Ana Carolina Vanderelei, e Thiago Soares. “A cobertura internacional do Jornal Nacional: efeitos de proximidade e os fatos ‘a partir de uma perspectiva brasileira’”. Revista Temática, ano X, n. 6, 2014.
- COELHO, Joana. “Jornalistas Correspondentes em Portugal – um retrato socioeconômico dos jornalistas estrangeiros em Portugal. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2015.
- COLE, Jaci, e John Maxwell Hamilton. “The history of a surviving species.” Journalism Studies, 2008.
- CONSTABLE, Pamela. “Demise of Foreign Correspondent”. The Washington Post, 2007. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2007/02/16/AR2007021601713.html>. Acessado em 12 fev. 2017.
- CUNHA, Antônio G. da. “Dicionário etimológico da língua portuguesa”. 2. Ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

DEUZE, Mark. "Journalism studies beyond media: On ideology and identity." *Ecquid Novi: African Journalism Studies*, 2008.

DYAS, Eamon. William Howard Russell and the Crimean War. Disponível em: <http://faculty.kirkwood.edu/ryost/hist201/Nationalism/CrimeanWarSources.doc>
Acessado em: 10 mar. 2017.

ESPERIDIÃO, Maria Cleidejane. A era do kit-correspondente: tendências da cobertura internacional no telejornalismo brasileiro. *Estudos de Jornalismo & Relações Públicas*, 2007.

FECHINE, Yvana. "Televisão e Presença". São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

GOODMAN, Peter. "Foreign News at a crisis point". *The Huffington Post*, 2013. Disponível em: http://www.huffingtonpost.com/peter-s-goodman/foreign-news-huffington-post_b_3963911.html. Acessado em 26. fev. 2017.

GROSSBERG, Grossberg, L., Wartella, E., & Whitney, D. C. "MediaMaking: Mass Media in a Popular Culture". Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1998

HAMILTON, John Maxwell, e Eric Jenner. "The New Foreign Correspondence ." *Foreign Affairs*, 2003.

HANNERZ, Ulf. "Reporting from Jerusalem." *Cultural Anthropology*. American Anthropological Association, 1998.

_____. "Foreign news. Exploring the world of foreign correspondents". Chicago: The University of Chicago, 2004.

HESS, Stephen. *Through Their Eyes: Foreign Correspondents in the United States*. Washington D.C: The Brookings Institution, 2005.

HUGHES, Everett C. "The Professions in Society. *The Canadian Journal of Economics and Political Science*". vol. 26, n. 1, fev. 1960, disponível em: <http://www.jstor.org/stable/138818>. Acesso em: 12 fev. 2017.

LARANJEIRO, Luísa Valente. "Correspondentes Estrangeiros em Portugal: o que faz notícia". Tese de Mestrado, Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009.

LOS MONTEROS, Guillermo Garcia Espinosa de. "Periodismo Internacional, Corresponsales y Testimonios sobre el Extranjero". *Foro Internacional* nº 152-153, Cidade do México: Unam, 1998.

MATTOS, Sérgio. "História da Televisão Brasileira: uma visão econômica, social e política". 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MEMÓRIA GLOBO. "Jornal Nacional: a notícia faz história". Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

MENAI, Tânia. "Nova York do Oiapoque ao Chuí – relatos de brasileiros na cidade que nunca dorme". Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2007

MORETZSOHN, Sylvia. "Jornalismo em 'tempo real'. O fetiche da velocidade". Rio de Janeiro: Revan, 2002.

NATALI, João Batista. "Jornalismo Internacional". São Paulo: Contexto, 2004.

NEVEU, Érik. "As notícias sem jornalistas. Uma ameaça real ou uma história de terror?" In: Brazilian Journalism Research. vol. 6, n° 1, 2010.

PATERNOSTRO, Vera Iris. "O Texto na TV – Manual de Telejornalismo". Rio de Janeiro: Campus, 1999.

RICHSTAD, Jim. "Transnational news agencies". In: Crisis in Interational News – Policies and Prospects. Nova York: Columbia University Press, 1981.

ROCHA, Sara de Melo. "Brazilian Correspondents in Europe: Careers, Routines, Networks, News Coverage and Role Conceptions". Dissertação de Mestrado, Amsterdam: Graduate School of Communication, Universitait van Amsterdam, 2013.

RODRIGUES, Ana Luísa. "Aos Olhos do Mundo. Portugal e os Portugueses Retratados por Correspondentes Estrangeiros". Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

ROSSI, Clovis. "O que é Jornalismo". Brasília: Editora Brasiliense, 1995.

SAMBROOK, Richard. "Are Foreign Correspondents Redundant? Te changing face of international news." RISJ CHALLENGES, 2010.

SARTORATO, Eduardo. "Correspondência Internacional, privilégio da grande mídia". Goiás: Universidade Federal de Goiás, 2005.

SILVA, Anna Flávia Rocha e Silva. "Correspondentes Internacionais: um diálogo entre culturas". Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. "Correspondente internacional". São Paulo: Contexto, 2011.

TRAQUINA, Nelson. "O que é Jornalismo". Quimera Editores, 2002

THOMPSON, John B. "A mídia e a modernidade. Uma teoria social da mídia". Petrópolis: Vozes, 1998.

VIEIRA, Maria Clara Nicolau. "Correspondente Internacional: estudo sobre a atual conjuntura da profissão". In: Revista Alterjor, ano 06, vol. 02, ed. 12. São Paulo: 2015.

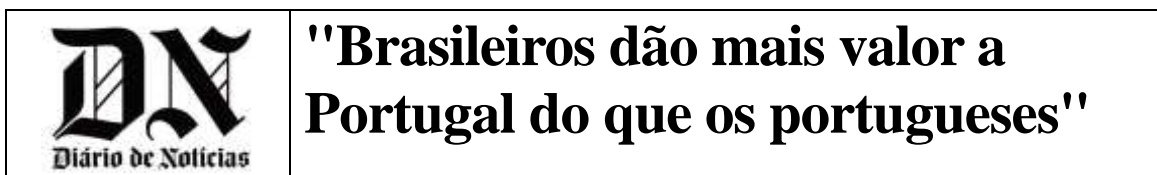
VICENTE, Nuno Paulo. "International News Reporting in the Multidimensional Network: The socio-demographics, professional culture and newswork of foreign correspondents working across Sub-Saharan Africa". Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2013.

WILLIAMS, Kevin. "International journalism". London: Sage, 2011.

UTZERI, Fritz. "Do outro lado do mundo". In: RITO, L.; ARAÚJO, M. E.; ALMEIDA, C. J. M. de; Imprensa ao vivo. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

ANEXOS

Anexo I – Entrevista com Pedro Bassan, correspondente da TV Globo em Portugal entre 2008 e 2012



Pedro Bassan é o correspondente da TV Globo em Lisboa. Nasceu numa cidade do interior do Estado brasileiro de São Paulo, tem 39 anos, é casado e tem dois filhos. Tirou Direito na Universidade de São Paulo e Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero. Antes de chegar a Portugal foi correspondente na China.

Como correspondente da TV Globo em Lisboa transmite a imagem de Portugal no Brasil. Sente essa responsabilidade?

Sim e não. A minha missão como repórter é explicar melhor o que acontece aqui para os brasileiros. Não tenho que me preocupar com a imagem de Portugal. Mas tenho a responsabilidade de passar uma imagem correta. E mais ainda tratando-se de Portugal. Temos no Brasil uma comunidade portuguesa imensa e há uma fatia de Portugal que está entranhada na História do Brasil. Por outro lado há barreiras e imagens feitas. É um caminho longo.

E desde que está em Portugal, 2009, a imagem que os brasileiros têm de Portugal tem mudado?

Espero que sim. Se houve uma mudança é gratificante para mim. Nos anos 90, quando começou uma vaga de investimentos de Portugal no Brasil, o povo brasileiro começou a conhecer um Portugal mais jovem, quebrando o estereótipo da "velhinha de preto". Isso foi desaparecendo e a tendência é que desapareça ainda mais. E agora há muitos profissionais altamente qualificados que estão a ir para o Brasil. Isso também destrói estereótipos.

O jornalismo que se faz no Brasil é diferente do que se pratica em Portugal?

Na televisão é muito diferente. No Brasil tudo é mais curto e mais rápido. Aqui o noticiário principal dura uma hora e meia, lá tem meia hora. Uma informação que aqui se dá num minuto e meio, no Brasil é dada em 30 segundos.

E é mais formal aqui?

É mais formal sim. Mas a sociedade aqui é mais formal e isso reflete-se no jornalismo também. No Brasil é seguida a escola americana e aqui segue-se mais a escola europeia.

Que ideia tem dos media portugueses?

Eu gosto muito do que se faz aqui. Os media portugueses são de qualidade e tem excelentes artigos de opinião. É o que mais leio, até porque a informação em si chega por muitas outras formas. Os jornais têm hoje em dia como função principal explicar melhor os factos. Tenho a

noção que a sociedade portuguesa é muito bem informada e existe um bom nível de debates. Basta ir a uma bomba de gasolina ou a uma tasca, as pessoas têm conversas com um nível muito elevado sobre os assuntos. Isso foi uma das coisas que mais me impressionou quando cheguei a Portugal.

Referiu que em Portugal os noticiários têm cerca de uma hora e meia, algo quase inédito no mundo. O que pensa disso?

Acho que é um hábito que a sociedade portuguesa adquiriu. Talvez torne o jornalismo mais discursivo, onde se expõem mais as ideias, num meio como a televisão que não está muito acostumado com isso. Acaba por ter reportagens mais apegadas à palavra. Acho que o meio termo é o mais correto. Se for demasiado frenética também pode ser prejudicial.

Na semana passada passou uma reportagem sua na TV Globo sobre a gastronomia portuguesa, no programa Globo Repórter de quase uma hora. Esse tipo de reportagens são encomendadas?

Nesse caso foi de lá da Globo do Brasil. Eles encontraram um estudo da Universidade do Porto sobre a dieta atlântica, parecida com a dieta mediterrânica, que tem algumas particularidades. Foi esse o ponto de partida. No Brasil dá-se uma grande atenção à alimentação saudável e em Portugal há dietas tradicionais, mesmo que não se chamem dietas. Aqui há uma alimentação extremamente saudável.

Tem sido muito solicitado para fazer reportagens sobre a crise portuguesa e europeia?

Eu não não faço parte de um jornal económico, por isso para o público em geral o tema da crise já está repetitivo. É mais do mesmo. Ainda para mais no Brasil, que é uma realidade que se viveu até há pouco tempo. As pessoas sabem que tipo de limitações existem em tempos de crise. É um assunto que neste momento está um pouco adormecido.

Acha que um português recém licenciado em jornalismo tem alguma hipótese de trabalhar num órgão de comunicação social brasileiro?

Eu gostaria que sim. Mas o mercado do jornalismo é particularmente saturado, em qualquer parte do mundo, se bem que com prosperidade económica abrem-se portas em todos os setores. Eu gostaria que houvesse portugueses a trabalhar na comunicação social no Brasil.

O estereotipo de que os portugueses são tristes e os brasileiros são alegres é verdadeiro?

Confirma-se. Eu acho. Tenho um amigo português disse-me uma coisa que eu acho brilhante: "o brasileiro é aquele que está sempre de braços abertos, mas nunca os fecha". O brasileiro às vezes também é demasiado alegre, tal como o português às vezes também é demasiado triste. Os portugueses queixam-se muito de Portugal. Os brasileiros que vêm para cá dão mais valor a Portugal do que os próprios portugueses.

O que pensa do Acordo Ortográfico?

O Acordo tem um quê de artificialismo... Mas aqui em Portugal há uma ideia generalizada que o Acordo é uma imposição do Brasil sobre os outros países de língua portuguesa. Mas no Brasil

também se incomodam com as palavras que mudaram lá, se bem que há menos palavras que mudam.

Acha que o português europeu nunca será totalmente entendido e que vai ser sempre necessário o recurso a legendas, como aconteceu com a sua última reportagem feita em Portugal?

Mas essa foi a única reportagem que eu fiz com legendas, porque era longa. É um território cinzento. Estamos a tentar saber onde o brasileiro entende o português daqui e onde não entende. Todas as outras reportagens mais curtas que eu fiz não houve legendas. Os entrevistados que vão ao Jô Soares não têm legendas, os atores portugueses das novelas da TV Globo também não e têm muito sucesso... não sei... é caso a caso.

Ainda sente dificuldades em entender o português europeu?

Às vezes sim. Sobretudo ao telefone, por vezes não entendo nada. Mas depende da forma como cada pessoa fala e não por causa do vocabulário. Por exemplo Carlos do Carmo fala mais claro do que muitos brasileiros...

O que pensou quando soube que vinha para Lisboa?

Eu ouvi dizer que a TV Globo ia abrir uma delegação aqui e candidatei-me imediatamente. Vim direto da China para Portugal. Foi como chegar a casa. Adoro Portugal, já conhecia, por períodos curtos. Fiz aqui muitos amigos portugueses, a maioria jornalistas.

Que reportagens tenciona fazer nos próximos tempos?

Talvez sobre a questão do fim dos feriados, muitos deles são os mesmos e o Brasil também tem muitos. Se alguma medida for tomada em Portugal vai gerar um debate lá nesse sentido. Aliás, vários temas que são debate aqui depois são debatidos no Brasil também.



Anexo II – Membros da Associação da Imprensa Estrangeira em Portugal











MEMBROS DA AIEP

ALMEIDA, Henrique	Bloomberg News	EUA
ALVARENGA, Daniel 	Thomson Reuters	Reino Unido
AMES, Paul	Político	EUA
ARAÚJO, Marise 	Blue Bus Notícias Eletrônicas - Brasil	Brasil
de BENITO, Cyntia 	Correspondente da Agencia EFE	Portugal
BONAMICI, Olivier 	Radio-Télévision Belge Francophone France Inter Radio Suisse	Bélgica França Suiça
BORGES, Emilio 	Cabo Verde Rádio	Cabo Verde
CABRAL, Tomás Schmitt	Agence France Press	França
CAETANO, Sílvia 	Diário do Poder	Brasil
CARLOS, João	Deutsche Welle	Alemanha


		
CARUCCI, Riccardo 	Revista ANCI Rádio Blue Sat	Itália
DARCY, Marie-Line 	Radio France Internationale Radio France La Tribune	França
DEVOS, Oliver	Agence France-Presse	França
DUJISIN, Mario 	Other News	Itália
EL AKKANI, Hasnaa 	Agence Maghreb Arabe Presse (MAP)	Marrocos
FERNANDEZ, Paula 	Correspondente da Agencia EFE	Portugal
FERREIRA, Anete 	Revista Pará+ Jornal Estado do Maranhão	Brasil
GONÇALVES, Sérgio	Reuters	Inglaterra
HAGEMANN, Brigitte 	France Press	França

HATTON, Barry 	Associated Press	
*HENNINGSEN, Eva Birgitte 	Rádio Dinamarquesa	Dinamarca
HERRAIZ Iñigo	TVE	Espanha
*HOWE, Marvine 	New York Times	Estados Unidos
IÑIGUEZ, Begoña 	Cadena Cope Voz de Galicia	Espanha
*IORIO, Juliana 	Correspondente Freelancer	Brasil
*JOLLY, Mary 	freelancer	Estados Unidos
KOWSMANN, Patricia	Dow Jones Newswires/Wall Street Journal	EUA
*KRAUSE-SCHILLING, Annabelle	Artam Global Art Magazine	Alemanha
LEONG, Francisco	Agence France Presse fotógrafo	

LIMA, João 	Bloomberg News	EUA
*LOZANO, Patrícia 	Milénio - Radio Mexico.com	México
MARCOS, José da Silva 	VRT Radio & TV NOS Radio & TV de Standaard	Bélgica Holanda
MARTIN, Javier	El País	Espanha
MIRANDA, Giuliana 	Folha de S.Paulo	Brasil
MIRNY, Vitaly 	Rádio Voz da Rússia	Rússia
MONTEIRO, Leonardo 	TV Globo	Brasil
MOREIRA, Patrícia de Melo 	Agence France-Presse stringer photographer	France
MUHARAY, Katalin	HVG Népszabadság	Hungria

MUSSUAILI, José 	Caras Angola	Angola
NIEMEYER, Adriana 	Radio France Internacional (programa português)- França Radio Nederlands (programa espanhol e português)- Holanda Swissinfo (programa português)- Suiça	Brasil Holanda Suiça
NOVIKOV, Maksim 	Rossiyskaya Gazeta	Rússia
PEREIRA, Miguel	Thomson Reuters Television	Reino Unido
PONTES, Carlos Alberto 	Freelancer (ex-Reuters Visnews TV)	Reino Unido
RATTNER, Jair 	freelancer	Brasil
*RECHETILOV, Vladimir 	Telegraf	Letónia
REIS, Anabela	Bloomberg News	EUA
RIBEIRO, José Manuel 	Thomson-Reuters	Reino Unido
ROBERTS, Alison 	BBC News	Reino Unido

RODRIGUES, Nelson	Mergermarket (a subsidiary of the Financial Times Group, a Pearson Company)	Reino Unido
SACCO, Marcello 	Q Code Mag L'Espresso	Italia
SERBONCHINI, Wanderley	TV Globo	Brasil
*SLOOP, Alexander (Sandy)	Argus Newspapers	EUA
SZYMANSKI, Miguel 	der Freitag TAZ (colunista)	Alemanha
TEIXEIRA, Lea 	Brasília Agora Agencia Amazonia	Brasil
TOMASI, Oscar	Agência EFE, Espanha	Espanha
TORRES, Antonio 	Agência EFE	Espanha
VALADARES, Marcelo 	(in) visível	
VILLALOBOS, Horacio 	Corbis Photo Agency	Reino Unido
VIÑAS, Piedad 	Agência EFE	Espanha
VIVES, Maribel	El Hedonista	Espanha

<p>WAGNER, Tilo</p> 	<p>Deutschlandradio</p>	<p>Alemanha</p>
<p>WATSON PELAEZ, Marina</p>	<p>Freelancer Equal Times</p>	<p>Bélgica</p>
<p>WISE, Peter</p> 	<p>The Financial Times The Economist</p>	<p>Reino Unido</p>

Comissão da Carteira Profissional de Jornalista

CCPJ NOVIDADES TÍTULOS JORNALISTA: FAQS FORMULÁRIO LINKS CONTACTOS

::Cartão de Correspondente Estrangeiro::

Adriana Niemeyer (Alemanha)	JE55
Aitor Hernández Morales (Espanha)	JE292
Alexandre Delmar M. Coelho (Portugal)	JE261
Alexey O. Samoylovich (Rússia)	JE172
Alfonso Pérez Caneiro (Espanha)	JE297
Alison Roberts (Reino Unido)	JE17
Álvaro Reis Filho (Brasil)	JE1
Amarílis Borges (Portugal)	JE257
Ana Rojas (Brasil)	JE98
Andrey Khalip (Portugal)	JE133
Anete Costa Ferreira (Brasil)	JE92
Annabelle K-Schilling (Alemanha)	JE226
Annette de Cerqueira (Alemanha)	JE196
Armando França (Portugal)	JE10
Arnaldo Cerqueira (Portugal)	JE201
Arthur Quezada (Brasil)	JE288
Barry Hatton (Inglaterra)	JE11
Begoña Iñiguez (Espanha)	JE95
Brigitte Hagemann (França)	JE228
Bruno Cravo (Portugal)	JE296
Bruno Lisita (Itália)	JE248
Carolina Albuquerque (Portugal)	JE278
Catarina Gomes Júnior (Portugal)	JE293
Cláudia Garcia (Portugal)	JE276
Corneliu Popa (Roménia)	JE23
Cynthia de Benito (Portugal)	JE290
Daniel Miranda (Portugal)	JE231
David Fagundes (Portugal)	JE174

Elizabeth Cadete (Angola)	JE298
Ernst Schade (Holanda)	JE63
Eva Birgitte Henningsen (Dinamarca)	JE21
Fabiano King (Brasil)	JE279
Francisco Leong (China)	JE75
Gabriel Niva (Angola)	JE284
Giuliana Miranda (Brasil)	JE277
Gonçalo Delgado (Portugal)	JE210
Gonçalo Simões da Silva (Portugal)	JE255
Hassnaâ Elakkani (Marrocos)	JE250
Helena Alves (Portugal)	JE237
Horacio Villalobos (Argentina)	JE283
Hugo Israel (Portugal)	JE291
Hugo Manuel Jorge (Portugal)	JE239
Iñigo Herraiz Gómez (Espanha)	JE282
Javier Nieto Gómez (Espanha)	JE56
Jerome Pin (França)	JE186
João de Mesquita Lima (Portugal)	JE193
João Nelson (Portugal)	JE289
João Pinheiro da Costa (Portugal)	JE295
Johan Ricou (França)	JE258
José Carlos Piñeiro González (Espanha)	JE165
José da Silva Marcos (Portugal)	JE27
José Gomes Oliveira (Portugal)	JE173
José Ricardo (Portugal)	JE262
José Venâncio (Brasil)	JE247
Katalin Muharay (Inglaterra)	JE13
Lara Longle (Portugal)	JE241
Leonardo Monteiro (Brasil)	JE294
Levi Fernandes (Portugal)	JE46
Luís Ribeiro da Silva (Portugal)	JE260
Luís Santos Almeida (Portugal)	JE153
Madalena Cruz Beirolas (Portugal)	JE280
Marana Borges (Brasil)	JE230
Marcello Sacco (Itália)	JE232

Marcelo Toledo da Silva (Brasil)	JE190
Marco Marsili (Itália)	JE246
Maria Mann (Estados Unidos)	JE286
Maribel Vives (Espanha)	JE251
Marina Watson Peláez (Espanha)	JE242
Marise Araujo (Brasil)	JE166
Michele Altamura (Itália)	JE254
Nelson Rodrigues (Portugal)	JE119
Nicholas Bruneau (Reino Unido)	JE287
Olesea Tanasciuc (Moldávia)	JE158
Olivier Devos (França)	JE252
Patricia Kowsmann (Alemanha)	JE175
Patrick Blum (França)	JE91
Paul Ames (Reino Unido)	JE229
Paula Fernández Mateos (Espanha)	JE285
Pedro Benavente (Portugal)	JE157
Pedro Matos (Portugal)	JE281
Pedro Miguel Monteiro Nunes (Portugal)	JE176
Peixoto Baió (Guiné - Bissau)	JE177
Peter Wise (Reino Unido)	JE81
Philip Town (Reino Unido)	JE37
Piedad Viñas (Espanha)	JE223
Pilvikki Kause (Finlândia)	JE238
Rafael Marchante (Espanha)	JE156
Riccardo Carucci (Itália)	JE22
Rinat Valiulin (Portugal)	JE240
Ruben Mália (Portugal)	JE263
Rui Miguel Leal (Portugal)	JE122
Sandra Riedl-Riedenstein (Áustria)	JE111
Sandra Urdín Zugasti (Espanha)	JE256
Shrikesh Laxmidas (Portugal)	JE135
Silvia Caetano (Brasil)	JE152
Soaron (Portugal)	JE219
Sucena do Carmo (Portugal)	JE113
Thomas Fischer (Alemanha)	JE8

Tilo Wagner (Alemanha)	JE225
Timothy Bancroft-Hinchey (Inglaterra)	JE34
Tomás Schmitt Cabral (Portugal)	JE117
Vasco Ramos (Portugal)	JE26
Virginia López (Espanha)	JE88
Zhang Ke (China)	JE171
Zhang Liyun (China)	JE202
Zhang Yadong (China)	JE199

Data da última actualização: 17/03/2017

RIO

Motorista de Uber é morto em tentativa de assalto na Zona Norte

O DIA

Crime aconteceu em frente ao shopping Nova América, em Del Castilho. Ovidio Francisco da Silva Filho, de 55 anos, levou três tiros

16/10/2016 09:53:28 - ATUALIZADA ÀS 16/10/2016 21:22:51

O DIA



Rio - O motorista do Uber Ovidio Francisco da Silva Filho, de 55 anos, foi assassinado após uma tentativa de assalto na noite deste sábado, quando passava em frente ao shopping Nova América, em Del Castilho, na Zona Norte do Rio.

Por volta das 18h30, dois homens em uma moto tentaram assaltar Ovidio, que dirigia um Nissan Tiida preto. Na ação, os bandidos atiraram contra o veículo e acertaram três tiros no motorista. No banco traseiro havia uma passageira com o filho. A mulher foi ferida levemente com estilhaços. A criança não teve ferimentos.

<http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2016-10-16/motorista-de-uber-e-assassinado-em-assalto-em-frente-a-shopping-da-zona-norte.html>

16/10/2016 20h59 - Atualizado em 16/10/2016 21h05

Polícia prende um dos autores da morte de policial no Méier, Rio

Lipão, de 23 anos, se apresentou à Divisão de Homicídios neste domingo. Ele foi preso após confessar o crime do policial civil Felipe Besada.

Do G1 Rio



Dionísio, Lipão e Ygor (da esquerda para a direita); segundo a polícia, são suspeitos de matar um policial civil (Foto: Divulgação/Polícia Civil)

A Delegacia de Homicídios da Capital (DH) informou que Phelipe Pacheco de Melo, o "Lipão", de 23 anos, se apresentou à unidade na noite deste domingo (16), acompanhado de três advogados e de seus familiares. Ele confessou o assassinato do policial civil **Fabiano Ribeiro Besada Rodrigues**, de 33 anos, após assalto na noite de 5 de outubro, no Méier, Zona Norte do Rio.

Phelipe foi ouvido pela equipe da DH e foi dado cumprimento ao mandado de prisão temporária que havia contra ele.

Com base nas provas colhidas na investigação, o delegado de Polícia Brenno Carnevalle representou pela decretação das prisões temporárias de Lipão e de Ygor Souza Lucena, conhecido como "Furinho", de 20 anos; e Dionísio Vieira da Cruz, o "Nilsinho", de 28 anos.

saiba mais

Policial civil e criminoso morrem em tentativa de assalto no Méier

De acordo com as investigações, na noite do dia 5, Fabiano reagiu a um assalto quando estava em seu veículo HB20 na Rua Dona Claudina, no Méier. O policial civil conseguiu atingir um dos assaltantes, identificado como Ruan Carlos Lourenço da Silva, o "Pato Assado", de 21 anos, que morreu no local. O restante do grupo matou o policial e roubou a arma.

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/10/policia-prende-um-dos-autores-da-morte-de-policial-no-meier-rio.html>

17/10/2016 08h35 - Atualizado em 17/10/2016 18h00

Polícia acredita que jovens mortas no domingo em Angra foram executadas

Crime aconteceu na manhã de ontem, no bairro Gamboa.

'Não descartamos também a possibilidade de crime passional', diz delegado.

Do G1 Sul do Rio e Costa Verde



A Polícia Civil informou no início da manhã desta segunda-feira (17) que acredita que a adolescente e a jovem assassinadas em **Angra dos Reis**, RJ, foram vítimas de uma execução. De acordo com o delegado adjunto da 166ª DP, Marcio Teixeira de Melo, outra possibilidade é a de crime passional.

"Nós estamos trabalhando com a linha de investigação de execução. Nada de valor foi levado. As vítimas estavam com celular, dinheiro e uma delas estava com a bolsa. Elas eram amigas há pouco tempo e não descartamos também a possibilidade de um crime passional", disse o delegado.

As vítimas foram identificadas como Tatilaine Santos de Souza, de 19 anos, e Emily Mendes Firmo, de 14 anos. De acordo com o Instituto Médico Legal (IML), os corpos foram liberados ainda na tarde de domingo (16). Até a publicação desta reportagem, nenhum suspeito havia sido preso.

<http://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2016/10/policia-acredita-que-jovens-mortas-no-domingo-em-angra-foram-executadas.html>

 **PREVISÃO INTER GLOBONEWS – 29/03/2017**

BREXIT – A SAÍDA: A primeira-ministra britânica Theresa May vai acionar oficialmente hoje o Artigo 50, dando início ao processo de saída do Reino Unido da União Europeia. O dia começa com uma reunião de gabinete, presidida por May, às 0400 BSA. Em seguida ela deixa residência oficial de Downing Street e segue para o Parlamento. A sessão de questões que precede o discurso está marcada para as 0800 BSA, e o discurso deve acontecer por volta das 0840 BSA. Ao mesmo tempo o embaixador britânico na União Europeia entrega uma carta em Bruxelas, assinada pela premiê May, oficializando a decisão. A partir daí serão iniciadas as negociações, previstas para durarem 2 anos. Vale ressaltar, entre as repercussões, como os escoceses e irlandeses do norte, que votaram pela permanência na UE, estão vendo o início oficial do Brexit.

BREXIT – A EUROPA: O Parlamento Europeu se reúne para emitir uma resposta à notificação do Reino Unido sobre o Artigo 50. Encontro às 1200 BSA, coletiva com o presidente do Parlamento às 1315 BSA. Também devemos ter a divulgação de um comunicado dos demais 27 países da União Europeia e uma possível mensagem em vídeo do presidente do Conselho Europeu, ambas mensagens ainda sem horário confirmado.

ORIENTE MÉDIO – REUNIÃO: Líderes de países árabes realizam o primeiro encontro desde a eleição de Donald Trump. Na pauta o congelado conflito entre Israelenses e Palestinos, além da crise na Síria. A reunião também contará com a chefe da diplomacia europeia, Federica Mogherini, e começa às 0500 BSA.

REINO UNIDO – ATAQUE: Centenas de jovens muçulmanos fazem uma oração às vítimas do ataque na área do parlamento, na semana passada, que deixou 4 mortos além do responsável pelo atentado. Às 1015 BSA.

VENEZUELA – CRISE: Acompanhamos a situação no país, especialmente na Assembleia Nacional, depois da decisão da justiça suspender a imunidade parlamentar dos deputados.



PREVISÃO INTER GLOBONEWS – 01/03/2017

EUA /TRUMP – DAY AFTER: Acompanhamos as repercussões do discurso do presidente Trump ao Congresso, nos EUA e no mundo.

SÍRIA – NEGOCIAÇÕES: Acompanhamos a nova rodada de negociações, ou tentativas de negociações, entre o governo da Síria e a oposição, mas sem muitas expectativas de sucesso. No mesmo dia a Comissão de Inquérito da ONU, liderada pelo brasileiro Paulo Sérgio Pinheiro, lança relatório sobre violações cometidas na parte leste de Aleppo. Ativistas de oposição pedem que Rússia e Irã sejam condenados por atos de crimes de guerra cometidos na área. Divulgação aguardada para as **1000 BSA**.

UNIÃO EUROPEIA – PÓS-BREXIT: A União Europeia apresenta documento sobre as opções para manter o bloco unido depois da saída do Reino Unido. Um dos pontos principais deve ser a possibilidade de ampliar cooperação entre os países do bloco e outras nações, de forma individual. Aproveitando o tema, a UE vai apresentar planos sobre a imigração e segurança coletiva no bloco, especialmente com foco no aumento do número de deportações de pessoas que tiveram seus pedidos de asilo rejeitados.

COLÔMBIA – FARC: A Colômbia inicia hoje o processo de desarmamento das Farc, seguindo o cronograma do acordo de paz firmado entre os dois lados. Esta primeira etapa vai focar na destruição de armas consideradas “instáveis”, como explosivos, e na realização de um inventário dos armamentos em mãos dos rebeldes.

ARGENTINA – MACRI: O presidente argentino Mauricio Macri faz discurso no parlamento para marcar a abertura do ano legislativo. Macri se encontra em momento delicado, com crescimento econômico ainda baixo, denúncias de corrupção no governo e críticas por conta das medidas de austeridade do governo.

TURQUIA – JORNALISTA: Sai hoje uma decisão no caso de dois jornalistas e um parlamentar de oposição, acusados de espionagem pelo vazamento de um vídeo que seria da inteligência turca ajudando a levar armas para rebeldes de oposição na Síria. A promotora quer prisão perpétua.

NORUEGA – BREIVIK: Veredito sai hoje na corte de apelações, em um caso movido pelo Estado da Noruega contra o terrorista Anders Breivik, responsável pelos ataques em Oslo e pelo massacre na ilha de Uttoya, em 2011. O governo quer reverter uma condenação, em favor de Breivik, por ter tratado o terrorista de forma desumana e degradante na prisão. Sai às **0800 BSA**.

FRANÇA – LE PEN: Uma corte de Paris revela decisão no caso contra o fundador da Frente Nacional, Jean-Marie Le Pen, acusado de negar crimes contra a humanidade. Le Pen foi condenado a pagar EUR 30 mil em abril do ano passado, por dizer que as câmaras de gás nazistas foram um detalhe na história. A decisão de hoje é relativa a recurso movido por ele. Sai às **0930 BSA**.

ARÁBIA SAUDITA – INDONÉSIA: O rei saudita Salman inicia uma viagem de 8 dias à Indonésia. Talvez o maior destaque seja o tamanho da comitiva, 1500 pessoas, incluindo 10 ministros. O Rei Salman deve se encontrar com o presidente Joko Widodo logo no primeiro dia.



PREVISÃO INTER GLOBONEWS – 09/12/2016

COREIA DO SUL – CRISE: O parlamento da Coreia do Sul vota hoje a moção sobre o impeachment da presidente Park Geun-hye, envolvida em um dos maiores escândalos políticos das últimas décadas. Park disse que já colocou o cargo à disposição, mas não dispensará todo o processo legal. Caso seja aprovada a moção o caso será enviado para a Corte Constitucional, que terá até 180 dias para dizer se concorda com a decisão. Park é a segunda presidente sul-coreana a ser submetida a um processo de impeachment. Em 2004 o então presidente Roh Moo-hyun foi derrotado na votação, mas conseguiu reverter o resultado na Corte e voltou à presidência. A diferença é que ele tinha algum apoio popular (30% de aprovação – Park tem 4%). Cerca de um ano depois de deixar o cargo, em meio a acusações de corrupção, ele cometeu suicídio.

DIA MUNDIAL CONTRA A CORRUPÇÃO: E nesta sexta-feira será observado o Dia Mundial Contra a Corrupção, uma data ONU. Segundo números das Nações Unidas, cerca de USD 1 trilhão são pagos por ano em propina e USD 2,6 trilhões desviados em atos de corrupção, algo em torno de 5% do PIB mundial.

TERREMOTOS – DAY AFTER: Na Indonésia o presidente Joko Widodo visitará as áreas atingidas pelo tremor que deixou 102 mortos no começo da semana. As operações de busca não foram interrompidas. Também acompanhamos possíveis informações de estragos causados pelo tremor de 7,8 nas Ilhas Salomão. O abalo causou um tsunami com ondas de até 3m acima do nível da maré, mas como a região é esparsamente habitada as chances de estragos consideráveis não são muito grandes.

PAQUISTÃO – AVIÃO: Funerais em homenagem aos 47 mortos na queda de um avião da PIA, a Pakistan International Airlines no norte do país. As autoridades já iniciaram as investigações.

UNIÃO AFRICANA –DEBATE: A União Africana realiza, pela primeira vez, um debate entre os candidatos a liderar a organização. No páreo estão Specioza Wandira Kazibwe, ex-vice-presidente de Uganda, Pelonomi Venson Moitoi, Chanceler de Botswana e Agapito Mba Mokuy, Chanceler da Guiné Equatorial. **1430 BSA.**

NOBEL DA PAZ – SANTOS: O presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos, vencedor do Nobel da Paz, participa de uma coletiva de imprensa em Oslo. No sábado ele vai receber o prêmio, concedido pelos esforços para pacificar o país, colocando fim a uma das mais longas guerras civis na história moderna. **1000 BSA.**

RÚSSIA – DOPING: O professor Richard McLaren entrega a segunda parte de um relatório da Wada, a agência mundial antidoping, sobre o uso de substâncias ilegais no esporte russo, e sobre a participação do governo russo no esquema. Sai às **0915 BSA.**

IUGOSLÁVIA – JULGAMENTO: Hoje é a vez dos argumentos finais da defesa do ex-general Ratko Mladic, acusado de genocídio pelo papel dele no cerco a Sarajevo e no massacre de Srebrenica. A sessão no Tribunal Penal Internacional para a Ex-Iugoslávia começa às **0830 BSA.**

HOLANDA – JULGAMENTO: A justiça da Holanda apresenta o veredito no caso em que o líder da extrema-direita Geert Wilders é acusado de racismo. Sai às **0800 BSA**. Wilders é visto como um nome forte para as eleições gerais do ano que vem.

EUROPA – IMIGRAÇÃO: Os ministros do interior da União Europeia se reúnem em Bruxelas para discutir mudanças no sistema de asilo e a segurança dentro do bloco. Coletiva às **1400 BSA**.

TRUMP ON TOUR: O presidente eleito Donald Trump segue na estrada no chamado “USA Thank You Tour”, em estados onde ele venceu na eleição de novembro. Hoje ele vai a Louisiana (Baton Rouge, **1300 BSA**) e ao Michigan (Grand Rapids, **2200 BSA**). No mesmo dia, mas no Wisconsin, acontece uma audiência de uma liminar apresentada por partidários de Donald Trump contra a recontagem no estado (**1300 BSA**).

PARABÉNS: O aniversário é de Kirk Douglas, que completa 100 anos de idade.

 **PREVISÃO INTER GLOBONEWS – 14/12/2016**

VENEZUELA – CRISE: Com algumas fronteiras terrestres bloqueadas (ou pelo menos essa era a ideia) a Venezuela segue com o plano para abandonar as notas de 100 bolívares, sob o pretexto de que estariam estocando as notas para atacar a economia do país. Os cidadãos têm até amanhã, quinta, para depositar ou trocar as notas antigas. Também nesta quarta acontece reunião dos chanceleres do Mercosul, em Buenos Aires, já sem a Venezuela. A crise no país estará na pauta.

EUA – FED: Expectativa pelo anúncio do Fed sobre a política monetária dos EUA, na última reunião do ano do Comitê Federal do Mercado Aberto. Existe forte expectativa por elevação da taxa de juros. Anúncio sai às , coletiva da Janet Yellen às **1730 BSA**.

SÍRIA – ALEPO: Monitoramos o acordo que deve permitir a saída de rebeldes da parte leste de Aleppo, dentro de um plano chancelado por Turquia e Rússia. Os russos dizem que toda atividade militar na região “foi suspensa” e que o governo sírio está no controle da área.

PORTUGAL – MÁRIO SOARES: Acompanhamos o estado de saúde do ex-presidente de Portugal, Mário Soares, de 92 anos, que foi internado em um hospital de Lisboa.

RÚSSIA – ELEIÇÃO: O líder da oposição Alexei Navalny participa de um programa de rádio, em Moscou, um dia depois de anunciar a candidatura à presidência. Ele foi candidato a prefeito de Moscou nas últimas eleições, mas teve 27% dos votos.

CINEMA – PREMIAÇÕES: Serão anunciados os indicados ao Screen Actors Guild, em Los Angeles. Teremos imagens da Reuters às **1230 BSA**.



PREVISÃO INTER GLOBONEWS – 05/10/2016

CARIBE – FURACÃO MATTHEW: Acompanhamos a passagem do furacão Matthew pelo Caribe, com preocupação especial com o Haiti, República Dominicana e Cuba, atingidos diretamente pela tempestade. As primeiras imagens do Haiti mostram estadas destruídas e população em fuga de áreas costeiras. Em Cuba o governo montou um esquema especial para tentar minimizar os estragos. Matthew deve perder um pouco de força depois de passar pelo Haiti mas ainda como um furacão categoria 3. Ele segue em direção a Bahamas e à costa dos estados americanos da Flórida e Carolina do Norte, onde o governador pediu que todos os moradores de áreas costeiras saiam de casa e busquem abrigo em áreas a 160km de distância.

FMI / MEIRELLES: Antes da reunião semestral do FMI/Banco Mundial o Ministro da Fazenda Henrique Meirelles chega a Washington onde deve ter reunião com representantes dos Brics. Acompanhamos para ver se ele dá declarações à imprensa.

EUA ELEIÇÕES: Day after do debate entre os candidatos à vice-presidência dos EUA, que terá acontecido na noite desta terça-feira.

FRANÇA – POLÍTICA: Pela quarta vez o fundador da Frente Nacional, Jean-Marie Le Pen, tenta ser reintegrado ao partido através de uma decisão judicial. Ele foi expulso no ano passado, depois de comentários minimizando o Holocausto Nazista e elogiando o marechal Pétain, líder da república colaboracionista de Vichy, na IIª Guerra Mundial. As chances de Le Pen ser reintegrado são pequenas, mas ele deve tentar lançar candidatos por uma nova sigla de extrema-direita, mais com o objetivo de atrapalhar os planos da Frente Nacional do que chegar ao poder. No mesmo dia o jornal satírico Charlie Hebdo publica uma história em quadrinhos com a líder da Frente Nacional, Marine Le Pen, como protagonista.

REINO UNIDO – POLÍTICA: A premiê britânica Theresa May faz discurso no encerramento da conferência anual do Partido Conservador, em Birmingham. Reuters **1000 BSA**.

RÚSSIA – PARLAMENTO: O presidente russo Vladimir Putin abre a sessão do novo parlamento russo, em Moscou. Reuters **0600 BSA**.

ONU – ELEIÇÃO: Pela sexta vez os integrantes do Conselho de Segurança da ONU se reúnem para tentar chegar a um consenso sobre o nome do novo Secretário-Geral da ONU. Nas votações anteriores o ex-primeiro-ministro de Portugal Antonio Guterres aparecia com vantagem. Cada país do CS/ONU expressa sua opinião, de forma secreta, sobre cada um dos candidatos. Eles podem escolher as opções ‘encorajo a escolha’, ‘desencorajo a escolha’ e ‘sem opinião’. Para ser escolhido o candidato precisa conseguir um consenso do conselho. Depois o nome dele será submetido a aprovação na Assembleia Geral.

AFEGANISTÃO – AJUDA: Segundo e último dia da reunião de mais de 70 países e 30 organizações internacionais para tentar levantar fundos para o Afeganistão, 15 anos depois da invasão ao país. A sessão começa às **0400 BSA**, em Bruxelas. Encerramento às **1230 BSA**.

PRÊMIO NOBEL – QUÍMICA: Hoje é dia do anúncio do Nobel de Química, em Estocolmo. Reuters tem imagens ao vivo às **0645 BSA**.

FILIPINAS – 100 DIAS: Parece que está há mais tempo, mas o presidente das Filipinas Rodrigo Duterte completa hoje 100 dias no cargo. Foram dias de muitas manchetes com frases impúblicáveis e uma investigação legislativa em curso por conta do plano de tolerância zero para o tráfico de drogas, com mais de 3 mil mortos.